

# O Crime da Canária

S. S. VANDINE



S. S. Van Dine  
O CRIME DA CANÁRIA



Título do original americano  
*THE "CANARY" MURDER CASE*  
1927

Tradução  
PEPITA DE LEÃO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Sinopse



Era uma flor da Broadway a figura bela e jovem do mundo teatral chamada Margaret Odell e conhecida em geral pelo nome de "Canária", que se ajustava perfeitamente à sua personalidade.

Quem poderia ter assassinado a jovial "Canária" e de maneira tão brutal quanto misteriosa? Todas as pistas óbvias foram seguidas e abandonadas pois não ofereciam a menor chance de uma solução para o impenetrável caso.

Mas havia em Nova York um homem dotado de um cérebro excepcional, possuidor de conhecimentos incríveis pela sua extensão e que, por amorismo, dedicava às vezes a sua portentosa inteligência ao exame e solução dos casos policiais.

Foi assim que entrou em contato com o estranho caso do assassinato da "Canária". E foi assim que, de dedução em dedução, de análise em análise, de intuição em intuição, conseguiu desvendar todo o complexo mistério.

Para quem já conhece os métodos de Philo Vance, não é preciso encarecer o prazer reservado a quem acompanha a solução de um dos seus casos. Os que só agora tomam conhecimento dele se tornarão decerto fãs intransigentes do notável detetive.



## A "Canária"

Na Seção de Homicídios da Divisão de Detetives do Departamento de Polícia de Nova York, instalada no terceiro andar do Quartel-General em Center Street, existe uma enorme sala cheia de arquivos de aço, e dentro deles, entre outros milhares de papéis da mesma espécie, está um pequeno cartão de cor verde, onde foi escrito à máquina: "Odell, Margaret. 184 Rua 71, Oeste. 10 de setembro. Crime: Estrangulada às 11 horas mais ou menos. Aposentos totalmente revestidos. Joias roubadas. Corpo encontrado por Amy Gibson, criada." Assim, em tão poucas e vulgares palavras, exprimia-se a fria e seca informação sobre um dos mais assombrosos crimes nos anais da polícia americana. Um crime tão desconcertante, tão engenhoso, tão singular, que por muitos dias os mais esclarecidos cérebros do Departamento de Polícia e do Gabinete do Procurador do Distrito não sabiam sequer que método de investigação adotariam. Cada sistema escolhido tendia a demonstrar que Margaret Odell não podia ter sido assassinada. No entanto, reclinado entre as sedas do grande sofá de sua sala de estar, e desmentindo violentamente tão grotesca conclusão, jazia o corpo da jovem estrangulada.

A verdadeira história desse crime, ao ser acidentalmente esclarecido, depois de um desanimador período de confusão e ignorância totais, revelou muitas particularidades raras e extravagantes, muitos obscuros e recônditos recantos da inexplorada natureza humana, e o pavoroso refinamento de um cérebro, aguilhoado por furiosa e trágica desesperação. E também revelou a ignorada página de um melodrama que, na sua essência e pormenores, não foi menos romântico e fascinador que a vivida e teatral contextura da *Comédia Humana*, quando refere o fabuloso amor do Barão de Nucingen por Ester van Gobseck e a infeliz e trágica morte de Torpille.

Margaret Odell era um produto do *demi-monde* da Broadway; uma cintilante figura que parecia destinada a representar o galante e espúrio romance da alegria transitória. Durante os dois anos anteriores à sua morte tinha sido a mais interessante, e, em certo sentido, a mais popular figura da vida noturna da cidade. No tempo dos nossos avós, teria merecido a designação um pouco duvidosa de "a animadora da cidade", mas nos dias que correm são muitos os aspirantes a uma tal classificação, muitos os grupos e violentas as desavenças na Lepidóptera da nossa vida de *musichall*, para que se permita a qualquer competidor sobressair com facilidade.

Apesar disso, para todos os noticiários da imprensa, Margaret encarnou o tipo de indiscutida fama no seu pequeno mundo. Sua notoriedade era devida em parte a certas histórias mais ou menos romanescas sobre suas ligações com um ou dois obscuros potentados de principados da Europa. Permanecera dois anos no estrangeiro antes de seu primeiro êxito na *Donzela de Bretanha*, uma popular comédia musicada em cujo desempenho se guindara misteriosamente do anonimato à posição de estrela. Pode-se imaginar que seu agente de propaganda não se descuidou em tirar as vantagens possíveis de picantes historietas, que ele mesmo veiculou, sobre as conquistas da artista.

O físico de Miss Odell conspirava a favor de sua fama um tanto equívoca. Não se podia negar que

era mulher de grande e atraente beleza.

Recordo tê-la visto dançar uma noite no Antlers Club, famoso ponto de encontros dos notívagos, dirigido pelo conhecido Raegan Vermelho. (Posteriormente o Antlers Club foi fechado pela polícia, e Raegan está cumprindo em Sing-Sing uma pesada pena por crime de esbulho.) Nessa ocasião, impressionou-me a moça extraordinariamente a despeito da calculada e expansiva expressão de suas feições. Era de mediana estatura, delgada, de uma graça leonina, e me pareceram um pouco cautelosas e também arrogantes as suas maneiras... resultado, talvez, da associação com realezas europeias que lhe atribuía. Tinha os lábios tradicionais da cortesã, perfeitos e encarnados, e os grandes olhos da Madona de Rosetti. Em sua face havia essa estranha mescla de sensual promessa e renúncia espiritual com que os pintores de todas as épocas revestiam suas concepções da eterna Madalena. O seu rosto era desse tipo voluptuoso e com um quê de mistério, que desenfreada as emoções dos homens e, subjugando-lhes o pensamento, leva-os a grandes feitos ou à perdição.

Margaret Odell recebera o apelido de "Canária" em consequência do papel que representou em um complicado e mitológico "bailado" da revista "Folhes", na qual cada artista representava uma espécie de pássaro. A ela coube o papel de canário, e o seu vestuário branco e amarelo, combinando com os cabelos de ouro e a rosada epiderme, deram-lhe logo o prestígio de uma criatura de excepcional encanto. Tão elogiosos foram os jornais a seu respeito e tantos os aplausos que lhe dedicou o público, que em menos de quinze dias o "Bailado dos Pássaros" convertera-se em "Bailado da Canária" e Miss Odell foi promovida a uma classe que, com certa benignidade, podia ser denominada de *première danseuse*, tendo que afrontar ainda um solo de valsa e uma canção, intercaladas com o intuito de realçar mais seus encantos.

Ao terminar a temporada, deixou de representar na revista e nas subsequentes e espetaculosas demonstrações que fez pela Broadway foi familiarmente chamada "A Canária".

Assim corriam as coisas, quando ela foi encontrada brutalmente estrangulada, no apartamento que ocupava, e, por aqueles motivos todos, o crime, cuja notícia rapidamente se propalou, ficou sendo conhecido desde então pelo "assassinato da Canária".

Minha participação nas investigações sobre o crime da Canária – ou melhor, o meu papel de espectador – constitui uma das mais memoráveis ocorrências de minha vida.

Na época do assassinato de Miss Odell, era Procurador do Distrito de Nova York John F. X. Markham, que tomara posse desse cargo no mês de janeiro anterior. Não preciso recordar aqui que durante os quatro anos de sua comissão ele se distinguira pelo êxito extraordinário em esclarecer delitos.

No entanto, os elogios que lhe faziam tinham o dom de aborrecê-lo seriamente; e isso porque, sendo um homem com profundos sentimentos de honra, repugnava-lhe aceitar uma auréola que não lhe pertencia totalmente.

A verdade era que Markham desempenhara um papel até certo ponto secundário na maioria de seus famosos casos criminais. A fama que lhe advinha nessas investigações era devida a um de seus mais íntimos amigos, que, então, não permitia que os seus atos viessem a público.

Esse homem era um jovem aristocrata a quem, para guardar-lhe o incógnito, resolvi chamar Philo Vance.

Vance possuía uma admirável soma de qualidades. Era colecionador de objetos de arte em pequena escala, um exímio pianista amador, profundo estudioso de estética e psicologia. Era norte-americano, mas educado na Europa e conservava ligeiro acento e entonação ingleses. Desfrutava despreocupadamente uma bela renda e dedicava grande parte de seu tempo às obrigações sociais, que recaíam sobre ele pelas relações de família; não era, porém, nem boêmio nem diletante. Suas maneiras eram as de um misantropo e homem precavido, e muitos poderiam erroneamente qualificá-lo de "snob".

Mas conhecendo Vance como conheci, intimamente, estou em condição de retrair o caráter verdadeiro desse homem, e sei que a sua dissimulação e misantropia, longe de serem pose, emergiam instintivamente de sua natureza sensível e esquiva.

Vance não tinha ainda trinta e cinco anos e o seu tipo era dos que se aproximavam da perfeição, se considerado de um frio ponto de vista estético.

O rosto era delgado e móvel, com uma expressão sardônica e austera, que levantava uma barreira entre ele e seus companheiros. Não que fosse desprovido de emoções, mas estas eram sobretudo intelectuais. Foi algumas vezes criticado pelo seu ascetismo. No entanto, dava a impressão de ser uma pessoa de todo distanciada de assuntos mundanos; e, em verdade, parecia viver como um simples e desapaixonado espectador da vida, secretamente divertido e ostensivamente céptico ante as insensatas futilidades da existência. No fundo, era um cérebro ansioso por saber e muito poucos pormenores da comédia humana escapavam à sua esfera de visão.

Como consequência direta da sua curiosidade intelectual, sentiu-se altamente interessado nas investigações criminais de Markham, sem contudo nelas intervir oficialmente.

Guardo registros completos dos casos em que Vance participou como "amicus curiae" e sempre abriguei a esperança de algum dia poder publicá-los.

Markham, derrotado nas últimas eleições onde se apresentou numa lista de candidatos heterogêneos, retirou-se da política; no ano passado, Vance foi viver no estrangeiro, declarando que nunca mais voltaria à América. Em consequência disto tudo, obtive de ambos autorização para publicar todas as minhas notas. Vance apenas estipulou a condição de que eu nunca revelasse o seu nome, mas nenhuma outra restrição me impôs.

Noutro lugar, relatei as circunstâncias particulares que conduziram Vance às investigações criminais e a maneira pela qual, enfrentando evidências contraditórias quase insuperáveis, resolveu o mistério da morte de Alvin Benson. A presente história refere a luz que ele trouxe para o esclarecimento do assassinato de Margaret Odell, que teve lugar em meados do mesmo ano e que, como todos recordam, foi ainda mais sensacional que o caso precedente. (O crime de Loebe-Leopold, o caso de Dorothy King e o assassinato de Hall Mills ocorreram mais tarde, mas o crime da Canária foi assunto de grande repercussão, só comparável aos casos de Nan Petterson, César Yung, Blanche Lamont e Minnie Williams, em São Francisco.)

Um estranho jogo de curiosas circunstâncias impeliram Vance a intervir nesta nova investigação. Havia várias semanas que os jornais da oposição traziam Markham em maus lençóis, pelos seus confessados fracassos em obter peças de convicção contra alguns delinquentes da ralé, a quem a polícia pusera sob sua jurisdição, para que os denunciasse. Como resultado da lei seca, inaugurou-se em Nova York uma nova espécie de vida noturna, inteiramente indesejável e perigosa. Ao longo da Broadway e pelas ruas laterais aparecera um grande número de cabarés, bem financiados, que se chamaram clubes noturnos; e já haviam ocorrido crimes espantosos, em quantidade ainda mais espantosa, todos eles sórdidos e passionais, consequência, como já disse, de fatores bem conhecidos. Dentre êles pode citar-se um assassinato, com intimidação e roubo de joias, cometido em um hotel da cidade alta e cujos planos e preparativos foram feitos em um desses clubes noturnos. E quando certa manhã, nas imediações do clube, foram encontrados mortos, feridos a bala pelas costas, dois detetives da Seção de Homicídios que investigavam o caso, Markham resolveu deixar de lado todos os outros assuntos e intervir diretamente, indignado com esses intoleráveis e criminosos acontecimentos.



## Pegadas na neve

(Domingo, 10 de setembro)

No dia seguinte àquele em que Markham tomara a decisão referida, ele, Vance e eu estávamos sentados em um recanto do salão de palestra do Stuyvesant Club. Íamos ali amiúde, pois todos éramos sócios e Markham utilizava frequentemente esse clube como uma espécie de quartel-general privado. Stuyvesant era um clube parecido com um enorme hotel e seus membros eram em grande parte homens da política, das finanças e do foro.

– É uma pena que a metade da população desta cidade esteja sob a impressão de que a Procuradoria do Distrito seja uma espécie de agência de informações – dizia Markham essa noite – que, sem necessidade da polícia e dos detetives, pode obter provas suficientes para converter os acusados em réus confessos.

Vance ergueu os olhos, sorrindo levemente, e observou-o com ar chocarreiro.

– A dificuldade parece estar – disse, por sua vez, indolentemente – em que a polícia, não conseguindo dominar a esquisita confusão do processo legal, trabalha com a ideia de que uma prova suficiente para convencer um homem de inteligência normal sê-lo-ia também para convencer um tribunal de justiça. Inocente ideia, como você sabe. Na realidade, os advogados não precisam de provas: bastam-lhes tecnicismos eruditos. E o cérebro médio do homem da polícia é muito pouco maleável para familiarizar-se com as pretensiosas complicações da jurisprudência.

– Nem tanto assim – replicou Markham, procurando aparentar ânimo alegre, apesar de que as últimas semanas lhe haviam perturbado a serenidade. – Se não existissem as regras da evidência legal, frequentemente se cometeriam graves injustiças contra pessoas inocentes.

Nos tribunais, até o criminoso merece proteção.

Vance bocejou.

– Markham, você poderia ser um bom pedagogo. É realmente desconcertante a forma como maneja a oratória já consagrada pelo uso para rebater qualquer crítica. Apesar disso, não me convenço. Você se recorda do caso de Wisconsin, em que um homem sequestrado foi pelo tribunal declarado presuntivamente morto. Nem quando reapareceu, são e salvo, entre seus antigos vizinhos, se alterou o seu estado legal de defunto. O fato visível e demonstrável de que estava vivo serviu apenas para que o tribunal o considerasse como um caso imaterial e impertinente de nascimento de gêmeos ou semelhança física perfeita... Também temos, neste ditoso país, o caso tão comum de homens que são normais em um Estado e loucos em outros... Realmente, você não pode esperar que uma simples inteligência, sem experiência desses processos da lógica forense, chegue a perceber tão sutis matizes. O leigo, envolto nas trevas do senso comum, diria que uma pessoa, demente deste lado do rio, continuaria louca se passasse para a outra margem. E também sustentaria, erroneamente sem dúvida, que se um homem está vivo é



porque não morreu.

– A que vem esta dissertação acadêmica? – perguntou Markham, desta vez um pouco irritado.

– Apenas para tocar em cheio no assunto sobre que estava você dissertando – explicou Vance no mesmo tom. – A polícia, não sendo composta por homens da lei, resolveu metê-lo em apuros. Por que não sugere a ideia de se enviarem os detetives para uma faculdade de Direito? – Você é um homem precioso – retrucou Markham, com ironia.

– Por que repele minha insinuação? – Ela tem algum mérito. Um homem sem prática legal, quando sabe alguma coisa verdadeira, despreza todo o testemunho inidôneo em contrário e atém-se aos fatos. O tribunal dá solene atenção a um conjunto de depoimentos sem mérito e profere sua decisão não em consequência dos fatos, mas de acordo com um complicado jogo de provas. O resultado é que o tribunal frequentemente absolve um acusado apesar de estar absolutamente convencido da sua culpabilidade.

Com efeito, mais de um juiz terá dito ao réu: "Eu sei, e os jurados também sabem, que você cometeu o crime, mas, em vista das provas produzidas, declaro-o inocente. Vá e cometa outro crime." Markham encolheu os ombros.

– Se eu respondesse às críticas que me fazem com a recomendação de que se organize um curso de leis anexo ao Departamento de Polícia, dificilmente obteria o aplauso da cidade.

– Permita-me, então, sugerir-lhe a alternativa do carnicheiro de Shakespeare: "Matemos todos os advogados".

– Desgraçadamente, existe uma situação real, não uma teoria utópica, a que é preciso fazer frente.

– Isso significa – perguntou Vance com voz preguiçosa – que você propõe conciliar as lamentáveis conclusões da polícia com o que denomina a correção dos processos legais? – Como ponto de partida – informou Markham – resolvi doravante fazer pessoalmente investigações sobre todos os casos importantes que se relacionem com os clubes noturnos. Ontem reuni os chefes dos meus departamentos e agora da Procuradoria irradiarão atividades efetivas e reais.

Quero obter as provas de que necessito para os processos.

Vance tirou lentamente um cigarro da cigareira e com ele bateu no braço da poltrona.

– Ah! Assim, resolveu substituir as provas de inocência, que existem para absolver os culpados? Markham ergueu-se vivamente e, voltando-se para o seu interlocutor, franziu as sobrancelhas.

– Prefiro não compreender a sua frase. Você está voltando; o tema favorito da insuficiência das provas circunstanciais comparadas com as suas teorias psicológicas e Hipóteses estéticas.

– Com efeito – concordou Vance em tom negligente. – Eu sei, Markham, que a doce e encantadora fé na prova circunstancial é positivamente inabalável. Ante ela, os poderes ordinários do raciocínio são inócuos. Temo pelas inocentes vítimas que vão cair nas malhas legais manejadas por você. A sua simples presença em um cabaré será um perigo espantoso.

Markham fumou por um momento em silêncio. Apesar da aparente acrimônia qua às vezes demonstravam em suas discussões, não havia nenhuma animosidade entre ambos. Sua amizade datava de muitos anos e, a despeito da diversidade de temperamentos e da diferença dos pontos de vista em que se colocavam, a afeição que reciprocamente se dedicavam era inalterável, porque nascia de um mútuo e profundo respeito.

Por fim, Markham falou.

– Que pretende com essa dissertação sobre a prova circunstancial? Admito que ela possa às vezes ser errônea, mas amiúde forma evidências poderosas de culpabilidade. A verdade, meu caro Vance, é que, como já demonstrou um grande criminalista, a prova circunstancial é a mais poderosa que existe atualmente. A prova direta, pela natureza mesma dos delitos, é quase sempre impossível. Se os tribunais se ativessem a ela exclusivamente, a maioria dos criminosos andaria ainda à solta.

– Eu estava convencido de que essa maioria sempre desfrutou de uma completa liberdade.

Markham fingiu não perceber a ironia.

– Vejamos um exemplo: Dez homens veem um animal correndo pela neve e afirmam ser um frango; uma criança vê o mesmo animal e declara que é um pato. Examinadas as pegadas do animal, verifica-se e comprova-se que são as de um palmípede, de um pato. Não é evidente, então, que o animal era um pato e não um frango, apesar da preponderância da prova direta? – Concedo o seu pato – disse Vance, com indiferença.

– Aceito e agradeço o obséquio – prosseguiu Markham – e proponho um corolário: Dez adultos veem uma figura humana atravessando a neve e juram que era uma mulher. Agora, não concederá você que pegadas masculinas sobre a neve proporcionam uma prova irrefutável de que era, de fato, um homem e não uma mulher? – De nenhum modo, meu querido Justiniano – replicou Vance, estirando as pernas – a menos, é claro, que você possa provar que um ser humano não possui cérebro superior ao do pato.

– Que tem que ver o cérebro com isto? – perguntou Markham, impaciente. – O cérebro não modifica a forma dos pés.

– Nos patos, não. Mas, nos homens, frequentemente a inteligência tem-lhes alterado as pegadas.

– Estou tomando uma lição de antropologia, de adaptabilidade darwiniana, ou apenas especulação metafísica? – De nenhum desses temas abstrusos – afirmou Vance. – Estou simplesmente constatando um fato muito simples.

– Bem; de acordo com seu elevado e peculiar processo racional, essa prova circunstancial das pegadas masculinas indicariam um homem ou uma mulher? – Não indicariam com absoluta certeza nenhum deles – respondeu Vance – ou melhor, haveria possibilidades iguais. Essa prova, aplicada a um ser humano, a uma criatura que raciocina, para mim apenas significaria que a figura que cruzou a neve era um homem com seus próprios sapatos ou uma mulher com sapatos de homem, ou quem sabe ainda se uma criança de pernas compridas. Enfim, a minha inteligência leiga poderia mesmo chegar a admitir que as pegadas foram deixadas por algum descendente de *Pithecanthropus erectus*, de sexo e idade desconhecidos, que levava nas extremidades inferiores uns sapatos de homem. Por outro lado, no que se refere ao rastro deixado pelo pato, eu admitiria o fato, apenas pelo valor da aparência.

– Agrada-me ver – disse Markham – que ao menos você repudia a possibilidade de que um pato calçasse os sapatos de um homem.

Vance permaneceu um momento em silêncio e depois disse: – O que é inexplicável é que você, moderno Sólon, pretenda reduzir a natureza humana a uma fórmula legal, pois o homem e a sua existência são infinitamente complexos. O homem é astuto e enganador... é um animal que os séculos adestraram em toda espécie de diabólicas trapaçarias. Mesmo no curso normal da sua vã e idiota luta pela vida, ele diz noventa e nove mentiras para cada uma verdade. Um pato, não possuindo o dom divino da civilização humana, é uma ave eminentemente honesta e sincera.

– E como – perguntou Markham – depois dessa enredada trama, poderia você determinar o sexo e a idade da pessoa que deixou as pegadas na neve? Vance arrojou para o ar uma baforada de fumo.

– Em primeiro lugar, deixaria de lado os depoimentos dos dez pretensiosos adultos e da criança de olhos vivos. Depois, não tomaria em consideração o rastro na neve. Então, com a mente livre dos pensamentos que ocasionam depoimentos duvidosos, e provendo-me cautelosamente de indícios materiais, determinaria a natureza exata do crime cometido pela desconhecida criatura. Depois de analisar todos os fatores, eu poderia dizer-lhe, sem erro, não somente se o criminoso era homem ou mulher, mas ainda descrever-lhe os hábitos, caráter e personalidade. E faria isso, tanto se a pessoa que fugiu deixasse pegadas de macho ou de fêmea, ou de canguru, como se tivesse usado tamancos, ou fugido em velocípede, ou se tivesse esfumado sem deixar vestígios.

Markham sorria, divertido.

– Acho que, tratando-se de proporcionar provas legais, você seria ainda pior do que a polícia.

– Eu, pelo menos, não procuraria achar provas contra uma pessoa inocente, de cujos sapatos o verdadeiro culpado se houvesse apropriado – replicou Vance. – E você sabe, Markham, que o fato de dar fé às pegadas arrastá-lo-ia a culpar pessoas que nada têm que ver com as suas investigações.

E logo, tornando-se sério, prosseguiu: – Veja, meu caro amigo: existem atualmente muitas inteligências agudas aliadas com o que os teólogos chamam os poderes das trevas. As aparências superficiais de muitos crimes que o horrorizam são palpavelmente enganosas. De minha parte, não dou muito crédito à teoria de que na América se tenha organizado uma camorra de desalmados assassinos, cujos quartéis-generais estejam nos clubes noturnos. A ideia é por demais melodramática. Cheira muito à imaginação jornalística ou a Eugênio Sue. O crime não é um instinto coletivo, salvo em tempo de guerra, quando se converte em um esporte indecente. O crime, como você sabe, é um negócio inteiramente pessoal. Ninguém combina uma partida para um assassinato como para um jogo de *bridge*. Markham, meu amigo, não permita que essa romântica ideia criminológica se apodere de você. E não se dedique a perscrutar com tanto afinco as pegadas na neve. Confundi-lo-iam horrivelmente... Você é muito exigente e confiado para este mundo pérfido.

Previno-o de que nenhum delinquente hábil deixará suas próprias pisadas para que você as meça e fotografe.

Suspirou profundamente e dirigiu a Markham um olhar de irônica comiseração.

– Calou-se para pensar se o seu próximo caso estará isento desta espécie de rastros? Que faria então? – Eu poderia contornar a dificuldade chamando você em meu auxílio – respondeu Markham. – Quer acompanhar-me no primeiro caso importante que apareça? – Encantado com a ideia – disse Vance.

Dois dias mais tarde, as páginas dos jornais metropolitanos anunciavam, em grandes títulos, o assassinato de Margaret Odell.



## O crime

(Terça-feira, 12 de setembro – 8:30 horas)

Eram apenas oito e meia da manhã de 11 de setembro quando Markham nos trouxe a notícia do fato.

Eu estava vivendo temporariamente com Vance em sua casa da Rua 38, Leste: um grande apartamento remodelado que ocupava os dois últimos andares de uma bela mansão. Há alguns anos que eu era representante legal e conselheiro de Vance, tendo renunciado ao escritório de advocacia de meu pai, Davis e Van Dine, para dedicar-me exclusivamente aos seus interesses.

Seus negócios não eram volumosos, mas as suas finanças pessoais, com as numerosas aquisições de pinturas e objetos de arte, sem chegar a esfaltar-me, ocupavam todo o meu tempo. Essa administração econômica e legal adaptava-se perfeitamente ao meu gosto e a minha amizade com Vance, que remontava à época da nossa formatura em Harvard, supria os elementos espirituais, sem os quais o convênio teria degenerado em uma simples e obscura rotina.

Nessa manhã eu me levantara cedo e estava trabalhando na biblioteca quando Currie, criado de quarto e mordomo de Vance, anunciou a presença de Markham na sala de estar. Essa visita matinal admirou-me consideravelmente, porque Markham sabia que Vance raramente se levantava antes do meio-dia e não admitia interrupção em seu descanso matinal. Tive a curiosa sensação de que alguma coisa desusada ia ocorrer.

Encontrei Markham caminhando de um lado para outro da sala, o chapéu e as luvas arrojados com descuido sobre a mesa. Quando eu entrava, deteve-se e olhou-me com ar de profundo cansaço. Era um homem regularmente alto, todo barbeado, cabelos grisalhos, corpo ereto e bem proporcionado.

Tinha uma aparência distinta, maneiras corteses e bondosas. Mas, sob esse exterior delicado, havia uma agressiva severidade, uma inflexível energia que davam a sensação de tenaz e incansável capacidade.

– Bom dia, Van – disse ele com impaciência. – Temos outro crime no *demi-monde*, o pior, o mais repugnante de todos...

Titubeou um momento e olhou-me com olhos inquisidores.

– Recorda-se da minha conversa com Vance, no clube? Lembra-se então de que prometi levá-lo comigo no primeiro caso de importância que surgisse. Bem; já o temos... e de mão cheia. Margaret Odell, a quem chamavam a "Canária", foi estrangulada em seu apartamento, e, pelo que entendi do aviso telefônico que me deram, parece tratar-se de outro caso de "cabaré". Agora vou ao apartamento de Odell... Será possível fazer levantar-se o sibarita? – Creio que sim – concordei com um bom humor que era, em parte, fruto do egoísmo. A Canária! Se alguém procurasse na cidade uma vítima cuja morte pudesse despertar atenção geral, muito poucas iguais a ela teria achado.

Precipitei-me para a porta e chamei Currie, pedindo-lhe que acordasse Vance imediatamente.

– Receio, senhor, que... – começou Currie a dizer, expressando cortesmente suas objeções.

– Não tenha receio – interrompeu Markham. – Tomo sobre mim toda a responsabilidade por acordá-lo a esta hora indecente.

Currie compreendeu a urgência e foi. Dois minutos mais tarde, Vance apareceu à porta da sala, enrolado em um complicado quimono de seda e com sandálias.

– O quê! – foi a sua saudação. – Ainda não foram deitar-se? – e olhava o relógio da parede.

Arrastou os pés até a chaminé e escolheu um "Regie" ponta de ouro na caixa de cigarros estilo florentino.

Os olhos de Markham apertaram-se. Não estava disposto a brincar.

– A Canária foi assassinada – disse eu.

Vance tomou o acendedor e olhou-me com indolente curiosidade.

– Que Canária? – Esta manhã, Margaret Odell foi encontrada estrangulada – corrigiu Markham bruscamente. – E mesmo você, envolvido em seu perfumado algodão em rama, há de saber alguma coisa dela. Bem compreenderá a importância deste crime. Vou pessoalmente em busca das pegadas na neve; se quiser vir comigo, como insinuou outro dia, terá que apressar-se um pouco.

Vance apagou o cigarro.

– Margaret Odell? A ruiva Aspásia da Broadway? a Frineia de cabelos de ouro? Lamentável! Lamentável! A despeito de sua vacilante atitude, percebi que estava profundamente interessado.

– Os baixos inimigos da lei e da ordem decidiram maltratá-lo horivelmente, não é, querido amigo? Fogo neles!... Desculpe-me um momento, enquanto procuro um traje que corresponda à grave ocasião.

Desapareceu, dentro de seu dormitório; e, enquanto Markham, escolhendo um grande charuto, se preparava para esperar, eu voltei à biblioteca, a fim de por em ordem os papéis que estava estudando.

Em menos de dez minutos, Vance estava pronto para sair.

– *Bien, mon vieux* – disse garbosamente, enquanto Currie lhe dava o chapéu, as luvas e uma bengala de Málaga.

– Vamos? Subimos pela cidade, ao longo da Madison Avenue, dobramos o Central Park e nos achamos na Rua 72 Oeste. O apartamento de Odell era na Rua 71 Oeste, próximo à Broadway. Quando o nosso carro chegou, foi necessário que o policial de guarda nos abrisse passagem, tal a quantidade de pessoas que estavam defronte à casa.

Feathergill, um dos assistentes do Procurador do Distrito, esperava no vestíbulo principal a chegada de seu chefe.

– Isto vai mal, senhor – lamentou ele. – Uma verdadeira complicação. E justamente agora!... – murmurou desconsolado.

– Talvez seja o fim – disse Markham, apertando-lhe a mão. – Como vão as coisas? Disse-me o sargento Heath, pelo telefone, que à primeira vista o caso parece sério.

– Sério? – repetiu Feathergill, com voz lúgubre. – E completamente impenetrável. Heath está dando voltas como uma turbina. Tiraram-no do caso Boyle para que dedique todo o seu tempo a este novo crime. Há dez minutos chegou o inspetor Moran e deu-lhe carta branca no assunto.

– Bem; Heath é um homem – declarou Markham. – Nós vamos intervir. Qual é o apartamento? Feathergill levou a comitiva até o fim do vestíbulo principal.

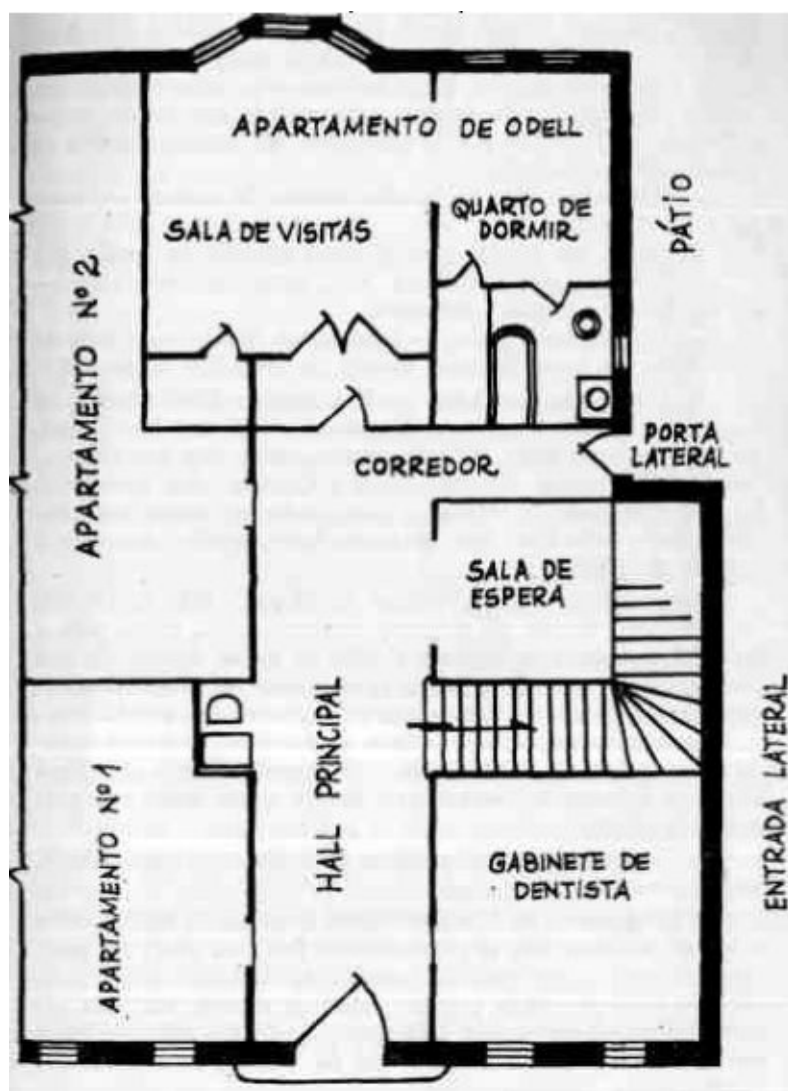
– Aqui está ele. Agora vou deixá-los, para dormir. Boa sorte! – E retirou-se.

É necessário fazer uma breve descrição da casa e da sua divisão interior, porque ela representou um papel essencial no problema, aparentemente insolúvel, organizado pelo assassino.

A casa, toda de pedra, compusera-se originalmente de quatro andares, e fora uma residência particular, mais tarde reconstituída interna e externamente para ser transformada em vários apartamentos. Destes, havia três ou quatro em cada andar; mas os superiores nada têm que ver com este caso. O andar térreo foi o da cena do crime, e nele havia três apartamentos e um consultório de dentista.

A porta central abria diretamente para a rua e, partindo em linha reta dessa porta, prolongava-se um amplo vestíbulo, em cuja extremidade estava bem à vista a porta do apartamento de Miss Odell, designado com o número "3". Mais ou menos no meio do vestíbulo, do lado direito, subia a escada que dava para os andares superiores; e justamente sob a escada estava uma pequena sala de espera, com uma porta sem batentes. Defronte à escada, em uma reentrância feita na parede, a mesa telefônica. Não havia elevador.

Outro ponto importante na planta térrea do edifício era um pequeno corredor que partia do ângulo direito no final do vestíbulo, paralelamente à parede frontal do apartamento n.º 3, e ia dar no pátio do lado oeste da casa.



Este pátio comunicava-se com a rua por um portão estreito.

A descrição da planta térrea do edifício deve ser bem guardada de memória pelo leitor, pois eu duvido de que qualquer outra estrutura arquitetônica tenha desempenhado um papel mais importante em um crime tão misterioso. Pela sua própria simplicidade e pela sua familiaridade quase convencional, o local do crime, sem nenhuma complicação de linhas, ameaçou tornar insolúvel o mistério.

Quando Markham entrou essa manhã no apartamento de Odell, o sargento Ernest Heath saiu ao seu

encontro estendendo-lhe a mão. Uma expressão de alívio espalhou-se em suas largas e belicosas feições, e era evidente que nessa ocasião sua atitude não tinha nada daquela animosidade que existia entre a Divisão de Detetives e a Procuradoria do Distrito durante as investigações criminais.

– Alegro-me por ter vindo, senhor Markham – disse ele e foi sincero.

Voltou-se em seguida para Vance e apertou-lhe a mão. – Então o policial amador está novamente conosco? – e o seu tom era cordial e amistoso. (Heath conhecera Vance dois meses antes, por ocasião das investigações sobre o assassinato de Benson.)

– Oh! Sempre estou – murmurou Vance. – Quais as suas deduções nesta formosa manhã de setembro, sargento? – Não posso confiá-las. – E a cara de Heath tornou-se logo séria, volvendo-se para Markham. – É um fato brutal, senhor. Por que diabo não procuraram, para esse imundo trabalho, outra pessoa que não fosse a Canária? Na Broadway, há uma infinidade de artistas a quem poderiam matar sem produzir tanto escândalo; mas quiseram fazer barulho, atacando a "rainha de Sabá".

Enquanto ele falava, William A. Moran, chefe da Divisão de Detetives, entrou no pequeno compartimento, cumprindo a infalível cerimônia de apertar a mão de todos. Apesar de que tivesse visto a mim e a Vance apenas uma vez e casualmente, recordou-se de nossos nomes, cumprimentando-nos cortesmente.

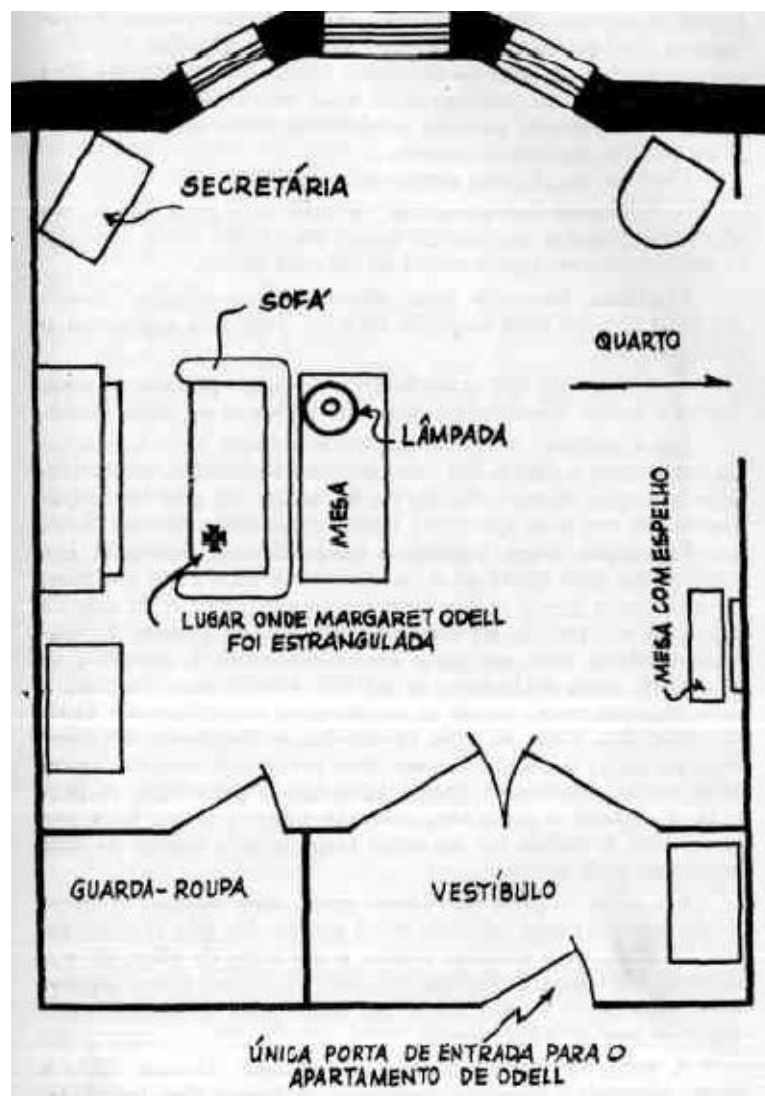
– Alegro-nos muito – disse a Markham, com voz agradável e sonora – a sua vinda. O sargento Heath dar-lhe-á todas as informações necessárias.

Eu de quase nada sei, pois acabo de chegar.

– Tenho "muitas" informações para dar – grunhiu Heath, abrindo caminho para a sala.

O apartamento de Margaret Odell constava de dois grandes e belos aposentos, que se comunicavam por uma porta em arco, sem batentes e com pesadas cortinas de damasco. A porta de entrada dava para uma pequena saleta de espera, com oito pés de comprimento por quatro de largura, ligada aos dois aposentos por duas folhas de porta em cristal de Veneza. Não havia nenhuma outra entrada.

Em frente à chaminé, na parede esquerda da sala de estar, havia um grande sofá coberto de brocados de seda, e atrás dele uma comprida mesa para livros, toda com entalhes de pau-rosa. Na parede oposta, entre a entrada e o arco que dava para o dormitório, pendia um espelho tríplice, estilo Maria Antonieta, sob o qual estava um consolo de mogno. Do outro lado do arco, próximo à grande janela, um piano Steinway, de cauda, com decorações em estilo francês antigo na caixa. Ao lado direito da lareira, uma pequena secretária e um cesto de couro para papéis. À esquerda, algumas famosas reproduções de Boucher, Fragonard e Watteau pendiam da parede. O quarto de dormir estava guarnecido com a cama, uma cômoda, penteadeira e várias poltronas. Todo o apartamento parecia guardar uma estreita relação com a frágil e vaidosa personalidade da Canária.



Quando passamos da saleta de espera para o interior, impressionou-nos logo uma cena que recordava um naufrágio.

Os aposentos tinham sido revolvidos por alguém num acesso de furor: a desordem era espantosa.

– Vê-se que não fizeram o serviço com muito bons modos – observou o inspetor Moran.

– Parece que ainda devemos agradecer por não terem feito voar tudo a dinamite – disse o sargento Heath, mordaz-mente.

Não foi, porém, aquela desordem que mais atraiu nossa atenção. Nossos olhares prenderam-se logo ao sofá, sobre o qual, em atitude um pouco forçada, jazia o corpo da jovem assassinada. A cabeça caía para trás, pousando nas bordas do sofá, e o cabelo, solto, cobria os ombros nus com uma chuva de ouro líquido. O rosto, com violenta expressão mortal, estava desfigurado e desagradável. A pele completamente descolorida, os olhos e a boca abertos, os lábios repuxados para dentro. O pescoço, de cada lado das tireóides, apresentava horríveis manchas roxas. A jovem vestia um vaporoso traje de *soirée*, negro e creme, e sobre um braço do sofá estava uma saída de teatro de fazenda amarela guarnecida de arminhos.

Via-se que lutara com o seu agressor. Além do cabelo desganhado, estava rota uma das alças do vestido, havendo outro rasgão na altura do peito. Do busto fora arrancado violentamente um ramalhete de orquídeas artificiais, que lhe caíra no regaço. Um de seus pequeninos sapatos estava no tapete e o joelho direito parecia quase apoiado no assento do sofá, como se ela tivesse tentado levantar-se para fugir da poderosa garra de seu estrangulador. Os dedos tinham ainda a flacidez do momento em que capitulara ante a morte, depois de terem lutado com as mãos do assassino.



A sombra de horror que caíra sobre nós todos à vista daquele torturado corpo foi dissipada pela voz estentórea de Heath.

– Veja, Sr. Markham, que evidentemente ela estava sentada no ângulo do sofá quando foi agarrada por trás.

Markham concordou.

– Devia ser um homem bem robusto para que a estrangulasse tão rapidamente.

– É claro! – confirmou Heath, que se inclinou para observar os dedos do cadáver, nos quais havia algumas arranhaduras. – E também lhe arrancaram os anéis, sem muita gentileza.

Depois indicou o pedaço de um fio de platina, com algumas pérolas, que caía de um dos ombros.

– Ao virarem o corpo, arrebentaram o fio. Não se esqueceram de nada, nem perderam tempo... Um trabalho completo, próprio de cavalheiros.

– Onde está o médico da polícia? – perguntou Markham.

– Já vem – informou Heath. – O senhor não conseguiria levar o Dr.

Doremus a parte alguma sem que ele almoce primeiro.

– Talvez ele encontre alguma coisa mais... alguma coisa que ainda não tenhamos percebido.

– Eu já vi muita – disse Heath. – Olhe isto tudo: parece que passou por aqui um dos ciclones do Kansas.

Apartamo-nos do triste espetáculo da jovem morta e fomos para o centro do aposento.

– Tenha cuidado de não tocar em nada, Sr. Markham – observou Heath. – Mandamos vir os técnicos em impressões digitais... estarão aqui em pouco tempo.

– Impressões digitais? – disse Vance com surpresa cômica. – O senhor não fala sério... Que coisa notável! Imagine-se um sujeito nesta época deixando impressões digitais para que o senhor as fotografe!

– Nem todos os assaltantes são hábeis, Sr. Vance – disse Heath, querendo discutir.

– Oh! Claro que não, meu amigo. Se o fossem, nunca seriam presos.

Mas, afinal de contas, uma impressão digital autêntica apenas significará que esteve alguma pessoa distraíndo-se com a cantora. Isso não indicaria o culpado.

– Pode ser assim – concedeu Heath duramente. – Mas afianço-lhe que, se consigo aqui uma impressão deixada por uma pessoa decente, não vou confundi-la muito facilmente com a do canalha que fez o negócio.

Pareceu que Vance estava intranquilo.

– O senhor me atemoriza no mais alto grau. Daqui em diante, vou andar sempre de luvas. Nas casas aonde costumo ir, sempre toco em algum móvel ou chávena de chá.

Markham interveio nesta altura da conversação, convidando a fazerem uma inspeção no local, enquanto esperavam o médico-legista.

– Os ladrões não acrescentaram nada aos processos usuais. Morta a moça, vasculharam tudo que puderam – disse Heath.

Na aparência, os dois aposentos tinham sido saqueados de um ângulo a outro. No chão estavam espalhados vários vestidos e outros objetos. As portas de ambos os guarda-roupas (havia um em cada aposento) foram encontradas abertas. Estes guarda-roupas eram pequenos compartimentos cavados nas paredes dos dois quartos; o do dormitório estava em um caos, demonstrando que fora apressadamente revistado; o da sala de estar, porém, parecia ter escapado à busca. As gavetas do toucador tinham sido em parte esvaziadas sobre o assoalho, as roupas da cama retiradas e o colchão virado; duas cadeiras e uma pequena mesa, postas de pernas para o ar; diversos vasos despedaçados, como se, após revistá-los, os houvessem arremessado ao chão; o espelho tríplice fora partido. A pequena secretária aberta, montes de papéis juncavam o pavimento. A lâmpada de bronze e porcelana, colocada sobre a mesa, jazia por

terra, com o quebra-luz de cetim rasgado pelo ângulo de uma bomboneira de prata.

No meio daquela desordem geral, dois objetos atraíram minha atenção: uma caixa de metal escuro, das que se compram nas livrarias, para guardar papéis, e um cofre de joias, de aço delgado, com uma fechadura circular. O último destes objetos estava destinado a representar um importante papel nas investigações que se iriam seguir.

A caixa de metal, agora vazia, estivera colocada sobre a mesa, próximo à lâmpada derrubada. A tampa fora levantada, a chave ainda se conservava na fechadura. Na desordem geral da casa, a caixa parecia ter sido o único sinal de procedimento calmo e refletido por parte do criminoso devastador.

Quanto ao cofre de joias, fora arrombado com violência. Estava no toucador do dormitório, arrombado e amassado pelo terrível esforço de quem tentara abri-lo, e a seu lado se via ainda um pequeno atizador de ferro, trazido evidentemente da lareira da sala para ser usado como alavanca.

Vance olhava como que distraído para todos aqueles objetos, mas ao chegarmos diante da penteadeira parou bruscamente. Ajustando o monóculo, inclinou-se cuidadosamente sobre o pequeno cofre.

– Extraordinário! – exclamou, batendo com a sua lapiseira de ouro sobre a tampa. – Que pensa disto, sargento? Heath tinha estado olhando para Vance quando este se inclinou sobre o toucador, e perguntou por sua vez: – Que pensa disto, Sr. Vance? – Oh! Muito mais do que o senhor poderia julgar, – respondeu Vance prontamente. – Neste momento eu estava refletindo que nunca este cofre poderia ser aberto com este frágil atizador; não lhe parece? Heath fez que sim com a cabeça.

– Então o senhor também notou, hem? Este atizador forçou um pouco o cofre, mas não serviu para arrombá-lo.

E, voltando-se para o inspetor Moran, Heath continuou: – Este é o quebra-cabeças que entreguei ao "professor" Brenner para que o decifre... se puder. Para arrombar esse cofrezinho é preciso um trabalho de exímio profissional. Quem o fez, não foi um profano.

Vance continuou por um momento o exame do cofrezinho, e enfim ergueu-se com ar perplexo.

– Dir-se-ia – comentou – que esta noite se passou aqui alguma coisa diabòlicamente esquisita.

– Oh, nem tanto! – disse Heath. – Foi um trabalho muito hábil, mas sem nada de misterioso.

Vance limpou o monóculo cuidadosamente e guardou-o.

– Se o senhor empreende a tarefa partindo dessa base – disse ele com indiferença – receio que vá bater com a cabeça num escolho. E queira Deus que o possamos trazer à margem são e salvo.



## O vestígio da mão

(Terça-feira, 12 de setembro – 9:30 horas)

Poucos minutos depois de termos voltado à sala, chegou o Dr. Doremus, médico-chefe da polícia, homem enérgico e de aspecto agradável. Logo a seguir, vinham mais três pessoas, uma das quais trazia uma grande máquina fotográfica e o respectivo tripé. Eram o capitão Dubois e o detetive Bellamy, peritos em impressões digitais, e Peter Quackenbush, fotógrafo oficial.

– Bem, bem, bem! – exclamou o Dr. Doremus. – Toda a família está reunida. Mais trabalho, não? Eu quisera, inspetor, que seus amigos escolhessem uma hora mais respeitável para dirimir suas questões. Estes chamados tão matinais estragam-me o fígado.

Apertou a mão de cada um, como faz um comerciante.

– Onde está o corpo? – indagou sem mais preâmbulos. E, distinguindo o cadáver sobre o sofá: – Ah! Uma dama! Dirigiu-se com rapidez para o corpo e fez um apressado exame no pescoço, nos dedos, na cabeça, nos braços, que dobrou para determinar o "vigor mortis" e finalmente desdobrou os lábios intumescidos, deixando depois o cadáver estendido sobre a cama, como para um exame mais demorado.

Fomos depois para o dormitório, tendo Heath chamado os peritos em impressões digitais.

– Revistem tudo – disse-lhes. – Mas especialmente este cofre de joias, o punho do atizador e aquela caixa para papéis, que está no outro quarto.

– Bem – disse Dubois. – Começaremos por aqui, enquanto o doutor está ocupado na sala.

E, com Bellamy, puseram mãos à obra.

Como era natural, nosso interesse concentrava-se no trabalho do capitão.

Durante mais de cinco minutos contemplamos o modo pelo qual inspecionava os cantos do cofre e o polido punho do atizador. Com toda a cautela, tomava os objetos pelos bordos e, munido de uma lente de joalheiro, dirigia a luz de uma lanterna sobre cada polegada a examinar.

Por fim, deixou-os.

– Nenhum rastro aqui. Tudo limpo.

– Eu devia imaginá-lo – grunhiu Heath. – Isto é um "trabalho" de profissional. E você, Bellamy, encontrou alguma coisa? – Nada que preste – foi a desoladora resposta. – Um salpicaduras velhas, com pó em cima.

– Parece que levaram tudo – comentou Heath com irritação – mas espero achar alguma coisa no outro quarto.

Nesse momento apareceu o Dr. Doremus e, tomando da cama um lençol, foi ao sofá cobrir com ele o corpo da jovem. Logo, fechando a maleta, pôs o chapéu na cabeça, como um homem que tem pressa de seguir o seu caminho.

– Caso simples de estrangulamento pelas costas – disse ele, com palavras que pareciam amontoar-

se na boca. – Contusões digitais na garganta; impressões de polegar na região suboccipital. O ataque deve ter sido inesperado. Um trabalho rápido e competente, apesar de ter a defunta resistido.

– Como supõe que foi roto o vestido, doutor? – perguntou Vance.

– Oh! Roto? Não sei dizer-lhe. Talvez ela mesma, o tenha rasgado, lutando para libertar-se.

– Não lhe parece improvável isso? – Por quê? O vestido foi rasgado e o ramallete arrancado; a pessoa que a atacou tinha ambas as mãos sobre sua garganta. Quem poderia ter sido? Vance encolheu os ombros e acendeu um cigarro. Heath, molestado pela interrupção na aparência inconsequente, fez uma pergunta.

– Essas marcas nos dedos não significam que lhe tiraram os anéis? – Possivelmente. São arranhões recentes. Também há escoriações na mão esquerda e ligeiras contusões no ápice da palma, o que demonstra que lhe arrancaram algum bracelete.

– Estamos de acordo – exclamou Heath com satisfação. – E, além disso, parece que do pescoço lhe tiraram um colar qualquer.

– Provavelmente – disse com indiferença o Dr. Doremus. – O pedaço da corrente arranhou a carne próximo do ombro direito.

– E a hora? – Foi há nove ou dez horas. Digamos que foi pelas onze e meia, talvez um pouco antes. De qualquer modo, não foi depois da meia-noite. Mais alguma coisa? Heath refletiu.

– Creio que é tudo, doutor. Vamos transportar o corpo para o necrotério. Mande-nos o atestado de óbito logo que possa.

– Esta manhã mesmo. – E, apesar de sua pressa aparente em retirar-se, o Dr. Doremus foi apertar a mão de cada um.

– Creiam que admiro esse protomédico oficial dos senhores – disse Vance a Markham. – Que fuga! Aqui estão os senhores espremendo os miolos para decifrar o enigma da morte dessa frágil e formosa cantarina, e esse insigne esculápio todo se horroriza ante as consequências para o seu fígado desta madrugada extemporânea.

– E por que há de ele preocupar-se? – perguntou Markham. – Os jornais não o criticarão pela demora... E, a propósito: qual o motivo da sua pergunta sobre a roupa da morta? Vance olhou com indolência para o seu cigarro.

– Consideremos – disse. – A dama foi evidentemente agredida de surpresa, porque, se tivesse havido luta, ela não teria sido estrangulada por trás e sentada no sofá. Portanto, o seu vestido e o seu ramallete estariam intactos quando foi agarrada. Mas, a despeito da conclusão a que chegou nosso admirável Paracelso, o dano à *toilette* não foi causado pela própria moça em luta para respirar. Se assim fosse, teria puxado nas bordas do corpete. Ora, ele está intacto; a única coisa que aparece rota é o babado de renda do vestido; e ele foi rasgado por um forte puxão lateral, enquanto que qualquer esforço da vítima somente poderia ser para baixo e para fora.

O inspetor Moran escutava com acentuada atenção, mas Heath estava impaciente, pois considerava o rasgão do vestido coisa sem importância.

– Mais ainda – prosseguiu Vance – temos o ramallete. Se ela mesma o tivesse arrancado, quando estava sendo estrangulada, ele teria caído no chão. A moça ofereceu resistência: seu corpo estava retorcido, o joelho levantado, um sapato caído no tapete. Nenhum ramallete de flores ia ficar pousado no seu regaço durante tais movimentos. Mesmo quando estão naturalmente sentadas, as bolsas, luvas e lenços das senhoras tendem a deslizar para o chão.

– Mas, se o seu argumento é correto – disse Markham – a ruptura da renda e do ramallete deve ter sido feita depois que ela morreu. Qual o intuito desse insensato vandalismo? – Não sei – suspirou Vance. – É diabòlicamente singular tudo isso.

Heath olhou-o com certo rancor.

– É a segunda vez que o senhor diz isso. Mas eu não vejo nada de singular neste caso. É dos mais vulgares. – Heath falava com certo tom de insistência, como um homem que se quer convencer a si mesmo. – O vestido pode ter sido rasgado a qualquer momento, e a flor pode ter ficado presa nas dobras da roupa, o que lhe impediu a queda.

– E como explica o senhor o caso do cofre de joias, sargento? – Bem; o indivíduo deve ter trazido o atizador e, vendo que com ele nada conseguia, usou sua própria gazua.

– Se ele tinha uma gazua excelente, por que iria buscar na outra sala o atizador inútil? – replicou Vance.

O sargento moveu a cabeça com assombro.

– Nunca se pode saber por que os bandidos fazem o que fazem.

– Tá, tá! – resmungou Vance. – Não devia existir a palavra nunca no léxico do investigador.

Heath dirigiu-lhe outra vez um olhar penetrante.

– Não há mais alguma coisa que lhe pareça singular? As dúvidas o assaltavam de novo.

– Sim – respondeu Vance. – Temos a lâmpada sobre a mesa do outro quarto.

Nesse momento estávamos defronte do arco de comunicação entre os dois aposentos, e Heath voltou-se com vivacidade para olhar a lâmpada caída.

– Nada de raro vejo nisso.

– Ela foi derrubada, não é? – sugeriu Vance.

– E que é que tem isso? – Heath estava visivelmente perplexo. – Não há nada que não tenha sido derrubado neste maldito apartamento.

– Sim; mas, para as outras coisas, vê-se o motivo por que foram mexidas... como as gavetas, as jarras, o guarda-roupa. Todos indicam uma busca, uma revista em procura de qualquer coisa de valor. Mas essa lâmpada, repare bem, não tem nada com o resto. É uma nota dissonante.

Estava no extremo da mesa, no mínimo a cinco pés de distância do lugar da luta entre a jovem e o assassino, e é difícil, ou melhor, é impossível que tenha sido atingida durante a luta. Não, não foi. Não havia motivo também para virá-la de pés para cima, como também não há motivo nem explicação para aquele espelho quebrado. Isso é o que há de singular aqui.

– E a respeito das cadeiras e da mesa, também acha singular estarem viradas? – perguntou Heath.

– Não. Essas estão dentro da cena desenrolada – disse Vance. – São pequenas peças que com facilidade foram viradas pela pressa do cavalheiro que tudo revistou.

– A lâmpada também o poderia ter sido – replicou Heath. Vance meneou a cabeça.

– Não defenda semelhante ideia, sargento. A lâmpada tem uma pesada base de bronze e é leve na parte de cima. Se a empurrassem, não descreveria essa pirueta que fez. Ela foi virada propositalmente. O sargento ficou em silêncio, pois sabia não serem para desprezar as observações que Vance costumava fazer. De fato, um simples olhar à lâmpada demonstrava que a sua posição não se enquadrava com os outros objetos em desordem.

– Há mais alguma coisa que não lhe pareça concordar com o aspecto geral? – perguntou Heath.

Vance indicou com o cigarro o guarda-roupa da sala, que estava do lado oposto ao do sofá.

– Deve dedicar sua atenção a esse compartimento. Notará que, apesar de ter a porta entreaberta, o seu conteúdo não foi tocado. É o único lugar do apartamento que não foi revolido.

Heath aproximou-se do guarda-roupa e olhou para o seu interior.

– Sim, não há dúvida de que isto é estranho – concedeu afinal.

Vance o havia seguido indolentemente e olhava também o interior do guarda-roupa.

– Olá! – exclamou de repente. – A chave está pelo lado de dentro. É curioso! Esta porta não pode

ser fechada estando a chave por dentro; não acha sargento? – A chave talvez não signifique nada – disse Heath, ainda teimoso. – Quem sabe se a porta nunca foi fechada? De qualquer modo, veremos logo.

Está aí fora a criada, que mandei esperar, e vamos interrogá-la, logo que o capitão termine seu trabalho aqui.

Dirigiu-se a Dubois, que terminara a inspeção no dormitório e examinava o piano.

– Nada de bom ainda? O capitão sacudiu a cabeça e respondeu laconicamente: – Estava de luvas.

– Aqui, a mesma coisa – disse Bellamy, que estava de joelhos ante a secretária.

Vance, com um sorriso sardônico, deu meia-volta e aproximou-se da janela, onde ficou fumando, como se nada mais lhe interessasse no caso.

Nesse momento, abriu-se a porta de entrada e, com passo vivo, entrou um homenzinho magro, de cabelos grisalhos e barba rala, que se deteve pestanejando ante a luz viva do sol.

– Bom dia, professor – saudou Heath. – Alegra-me a sua chegada.

Encontrei para o senhor uma coisa esplêndida.

O inspetor Conrad Brenner era um dos membros do pequeno exército de obscuros mas competentes peritos do Departamento de Polícia de Nova York, que são consultados seguidamente sobre complicados problemas de técnica policial, e cujos nomes e serviços muito raramente figuram nos jornais. Sua especialidade eram as fechaduras e as ferramentas de ladrões, e duvido que entre os hábeis criminalistas da Universidade de Lausanne tenha havido um mais preparado no que se refere a vestígios e sinais deixados por ferramentas de ladrões de domicílio. Seu porte e aparência eram as de um pequeno professor de colégio. Usava óculos de ouro de lentes grossíssimas.

Quando Heath lhe falou, ficou como embargado e estático pelas suas palavras e parecia não se dar conta da existência de mais ninguém ali, O sargento, que decerto lhe conhecia os modos, pegou-o por um braço e o levou ao dormitório.

– Por aqui, faça o favor, professor – disse-lhe com voz adulatora, conduzindo-o para a penteadeira e entregando-lhe o cofezinho. – Passe-lhe uma revista e diga-me o que encontrar.

O inspetor Brenner seguiu Heath sem olhar para lado nenhum e, tomando o cofre, foi-se em silêncio para a janela, começando o exame.

Vance, cujo interesse parecia renascer, observava-o com atenção.

Durante cinco minutos o técnico examinou o cofre, mantendo-o a poucas polegadas dos olhos míopes. Depois procurou com a vista o sargento Heath e, pestanejando várias vezes, disse, com uma voz fraca e chiada, mas onde havia um evidente acento de convicção: – Para abrir este cofre foram usados dois instrumentos. Um arranhou várias vezes o esmalte da tampa. O outro, penso ter sido um formão de aço e foi utilizado para forçar a fechadura. O primeiro instrumento, bastante tosco, foi empregado por mãos inábeis, que se enganaram no ponto para inserir a alavanca; e desse esforço o único resultado foi amolgar a parte saliente da tampa. O formão de aço, porém, foi introduzido com conhecimento de ponto exato de oscilação para, com esforço mínimo, fazer saltar a lingueta da fechadura.

– Um trabalho de profissional? – insinuou Heath.

– De primeira classe – respondeu o inspetor. E prosseguiu: – A fechadura foi forçada por um entendido e até me aventure a dizer que o instrumento utilizado é um dos que se fazem expressamente para estes trabalhos ilícitos.

– Isto pode ter servido? – perguntou Heath, mostrando o atizador.

O outro olhou bem de perto, dando várias voltas no objeto.

– Isto pode ter sido o que amolgar a tampa, mas não o que arrombou a fechadura. Este atizador é de ferro fundido e teria quebrado sob uma pressão forte. O cofre é de aço temperado, com uma fechadura cilíndrica de chave paracêntrica. A força necessária para arrombar a fechadura só pode ter sido

empregada por intermédio de um formão de aço.

– Deve ter sido assim – disse Heath, que parecia muito satisfeito com as conclusões do inspetor Brenner. – Mandarei levar-lhe o cofre para que o examine de novo e tenha a fineza de me comunicar o que encontrar.

– Se não há inconveniente, eu mesmo o levarei.

E o homenzinho meteu o cofre debaixo do braço e, sem ajuntar palavra, retirou-se.

Heath fez um sinal a Markham.

– Bicho raro! Só está contente quando mede sinais de "pés-de-cabra" nas portas ou janelas. Não poderia esperar que lhe mandasse o cofre. Vai viajar pelo trem subterrâneo, levando-o apertado nos braços como se fosse um tesouro.

Vance estava ainda de pé próximo do toucador.

– Markham – disse – o estado desse cofre é positivamente assombroso, irracional, ilógico... Complica a situação diabólica. Essa caixinha não podia ter sido forçada por um profissional e, no entanto, está demonstrado que o foi.

Antes que Markham respondesse, ouviu-se um grunhido de satisfação do capitão Dubois, que gritou para Heath: – Aqui tenho alguma coisa para o senhor, sargento. Dirigimo-nos para a sala. Dubois estava inclinado sobre a mesa de livros, quase por trás do lugar mesmo em que fora encontrada Miss Odell. Tirou do bolso um pequeno fólio e com ele espargiu sobre a madeira um pó amarelo. Depois, soprou com toda a cautela: parte do pó voou e o restante ficou sobre a mesa desenhando claramente a mão que sobre ela se apoiara. Todos os pormenores, como as papilas e as protuberâncias, distinguiam-se claramente.

O fotógrafo, com auxílio do tripé, focou cuidadosamente a máquina, batendo duas chapas.

– Isto vai ser muito útil – disse Dubois, encantado com o seu descobrimento. – É a mão direita; o indivíduo que a deixou estava por trás e à direita do cadáver.

– E esta caixa? – perguntou Heath, indicando a caixa de metal para papéis.

– Nem um sinal. Toda limpa.

Dubois começou a guardar seus utensílios.

– Não lançou os olhos – disse Vance – para o lado de dentro da porta do guarda-roupa? O homem ergueu-se com presteza, olhando de soslaio para Vance.

– Ninguém costuma abrir por dentro os guarda-roupas. Vance arregalou os olhos, simulando assombro.

– É assim realmente? Que coisa notável! Mas saiba que se alguém estivesse encerrado no guarda-roupa, só o poderia abrir por dentro...

– As pessoas que eu conheço não se encerram dentro de guarda-roupas – respondeu Dubois, em tom peremptório.

– O senhor me espanta – disse Vance. – Toda a gente que eu conheço tem esse hábito; é uma espécie de esporte.

Markham, diplomático, interveio.

– Que ideia tem você sobre o guarda-roupa, Vance? – Vamos! Eu quisera ter alguma... A verdade é que o estado desse guarda-roupa me interessa. Só ele não foi saqueado.

Heath não estava livre do pressentimento que pesava sobre o espírito de Vance, porque disse a Dubois: – O senhor deve examinar a fechadura do guarda-roupa, capitão. Como diz este cavalheiro, há alguma coisa de raro nas condições desse armário.

Dubois, silencioso e mal-humorado, foi à porta do guarda-roupa e espargiu sobre a maçaneta e a fechadura, pelo lado de dentro, o pó amarelo.

Depois de soprar, inclinou-se para examinar com a lente, e, reerguendo-se, lançou um olhar de alto a baixo sobre Vance.

– Há impressões frescas... é verdade. E, a menos que me engane, foram deixadas pela mesma pessoa que pousou a mão sobre a mesa. Ambos os polegares têm a mesma curva cubital e os índices são de tipo verticilado...

Aqui, Pete; tire umas fotografias desta maçaneta.

Feito o trabalho, Dubois, Bellamy e o fotógrafo retiraram-se.

Pouco depois, saía também o inspetor Moran e na porta cruzaram com dois homens de uniforme branco, que vinham buscar o cadáver.





## A porta fechada

(Terça-feira, 12 de setembro – 10:30 horas)

Só estavam agora, no apartamento, Markham, Heath, Vance e eu.

Ao redor do sol, cuja luz entrava pela janela, tinham-se acumulado nuvens escuras, e a atmosfera da habitação tornava-se espectral. Markham acendera um cigarro e fumava em silêncio, apoiado ao piano. Vance começou a passear pelo aposento, detendo-se diante de um quadro – "La Bergère Endormie", de Boucher.

– Curvas nuas, cupidos brincando, nuvens túmidas e cortesãos reais – comentou, com a sua profunda aversão pela pintura francesa decadente do tempo de Luís XV. – É de se perguntar que quadros ornamentavam os *boudoirs* daquela gente, antes de inventarem estas églogas, com vegetações azuis e carneirinhos de cornos retorcidos.

– No momento, o que me interessa é saber o que se passou "neste" *boudoir* – disse Markham com impaciência.

– Não há do que se impressionar, senhor – acudiu Heath, com a maior coragem. – Logo que Dubois confronte aquelas impressões digitais com as do nosso arquivo, saberemos quem fez isto tudo.

Vance voltou-se para ele com um sorriso tristonho.

– Assim espera o senhor, sargento. Eu, por mim, desconfio de que, muito antes de se ter esclarecido este caso, o senhor pensará que antes o irascível capitão e o seu pó inseticida nunca tivessem andado aqui.

E, fazendo comicamente um gesto enfático, prosseguiu: – Permita-me sussurrar-lhe ao ouvido que a pessoa que deixou aqui essas impressões digitais não tem nada que ver com o prematuro trespasse da bela *mademoiselle* Odell.

– Qual é sua opinião? – perguntou Markham com certa dureza.

– Nenhuma, meu amigo – declarou Vance com voz suave. – Estou submerso em uma languidez mental, como se vagasse pelos espaços interplanetários. Minhas trevas espirituais são como as dos mistérios egípcios...

Markham estava já familiarizado com a loquacidade de Vance e as suas evasivas. Por isso, mudou de atitude e voltou-se para Heath.

– Já interrogou o pessoal da casa? – Falei com a criada de Odell, o porteiro e o operador de telefone, mas não entrei nos pormenores. Esperava a sua chegada. No entanto, afirmo-lhe que as declarações que me fizeram só serviram para embrulhar-me a cabeça.

Se não retificam algumas declarações, vamos esbarrar no muro.

– Então faça-os entrar – disse Markham. – Primeiro a criada.

E sentou-se no banco do piano. Heath levantou-se mas, em vez de dirigir-se para a porta, foi até à

janela, cujas cortinas correu para um lado.

– Antes de interrogar essas pessoas, senhor Markham, quero chamá-lo a atenção sobre uma coisa. São as entradas deste apartamento. Olhe estas grades de ferro. Todas as janelas aqui estão guarnecidas por grades iguais a estas. Quem construiu esta casa, como as janelas fossem baixas, quis precaver-se contra ladrões, pondo estas grossas barras de ferro em todas elas.

Por conseguinte, a única entrada para o apartamento é a porta que dá para o vestíbulo principal. Não há nenhum alçapão, nem elevador, nem tubo de ar aqui. Isso significa que a única entrada, o "único caminho" que alguém pode utilizar para entrar ou sair daqui, é essa porta. Tenha bem presente esta circunstância enquanto interroga o pessoal da casa. Vou mandar entrar a criada.

Cumprindo a ordem de Heath, um investigador introduziu uma mulher, mulata, com seus trinta anos de idade. Estava vestida decentemente e parecia ser inteligente. Quando falou, fê-lo com voz calma e entonação clara, que demonstrava uma educação superior ao comum em gente de sua classe.

Chamava-se Amy Gibson e o seu depoimento consistiu nisto: Àquela manhã chegara ao apartamento poucos minutos depois das sete e, como de hábito, abriu a porta com a sua própria chave, pois Margaret dormia sempre até tarde. Uma ou duas vezes por semana, vinha cedo para coser e arrumar a roupa da patroa antes que ela se levantasse, e aquele dia viera ainda mais cedo para consertar um vestido.

Logo que abriu a porta, verificou a desordem do apartamento e divisou imediatamente o corpo de sua patroa, no sofá.

Chamara logo Jessup, operador do telefone, que estava de guarda, o qual logo telefonara à polícia. Ela sentou-se então na sala de espera, aguardando a chegada da autoridade.

Esse inteligente depoimento foi feito de modo simples e direto; se a mulher estava nervosa, conseguiu dominar-se perfeitamente.

– Agora – disse Markham – voltemos à noite passada. A que horas deixou Miss Odell? – Pouco antes das sete – respondeu a mulher sem hesitação.

– Costumava ir sempre a essa hora? – Não. Geralmente vou às seis. Ontem, porém, Miss Odell pediu que a ajudasse a vestir-se para cear.

– Ajudava-a sempre a vestir-se para cear? – Não. Mas, ontem, ia com algum cavalheiro ao teatro, e queria vestir-se bem.

– Ah! E quem era esse cavalheiro? – Não sei, senhor. Miss Odell não o disse.

– E a senhora não poderia suspeitar quem fosse? – Não, não me é possível.

– Quando foi que Miss Odell lhe disse que viesse hoje mais cedo? – Ontem à noite, quando saí.

– Assim, evidentemente ela não temia nada por parte do cavalheiro, nem receava outro perigo? –

Não me parece que temesse qualquer coisa. – A criada deteve-se um momento, como pensando, e continuou: – Não, nada temia. Estava muito bem disposta.

Markham voltou-se para Heath.

– Quer fazer outras perguntas, sargento? Heath tirou dos lábios o cigarro apagado e, apoiando as mãos nos joelhos, perguntou com ar severo: – Que joias levava a tal de Odell? A atitude da criada tornou-se fria e altiva.

– Miss Odell – e acentuou a palavra "Miss", como censurando o sargento sua falta de polidez – tinha todos os seus anéis, cinco ou seis ao todo, e três braceletes: um de rubis, um de diamantes e outro de diamantes e esmeraldas. Também levava um "pendantif" de diamantes em forma de pérolas com corrente que rodeava o pescoço e umas lunetas, de platina, com pérolas e brilhantes.

– Possuía ela outras joias? – Talvez outras de menos valor, mas não tenho certeza.

– E guardava-as no dormitório, numa caixa de aço? – Sim... quando não estava com elas.

Heath, que notara a falta do respeitoso "senhor" nas respostas da criada, estava de mau humor.

Levantando-se, apontou para a caixa escura que estava sobre a mesa.

– Já tinha visto isso antes? A criada assentou com indiferença.

– Muitas vezes.

– Onde era ela guardada geralmente? – Naquele móvel – e com um movimento de cabeça indicou a secretária.

– Que continha essa caixa? – Como posso sabê-lo? – Não sabe, hem? – e Heath empurrou para a frente o queixo inferior, numa belicosa atitude que não produziu sobre a criada nenhum efeito.

– Não tenho a menor ideia – replicou calmamente. – Sempre estava fechada com chave e nunca vi Miss Odell abri-la.

O sargento foi até ao guarda-roupa da sala.

– Vê esta chave? – perguntou asperamente.

A mulher assentiu outra vez, mas agora com um ar de grande surpresa.

– Esta chave estava sempre do lado de dentro? – Não; sempre estava do lado de fora.

Heath lançou a Vance um olhar significativo. Depois de contemplar desoladamente a maçaneta da porta, fez sinal ao investigador que trouxera a criada.

– Leve-a para a sala de espera, Snitkin, e tome uma descrição completa das joias de Odell. A criada que fique ali; precisarei dela ainda.

Quando Snitkin e a criada saíram, Vance reclinou-se no sofá, onde estava sentado, e soprou para o teto uma baforada de fumo.

– Isto esclarece um pouco – observou. – A morena deu-nos boas informações. Agora sabemos que a chave estava em lugar trocado e que a nossa *filie de joie* foi ao teatro com um de seus namorados favoritos, que provavelmente a trouxe para casa pouco antes que ela abandonasse este mundo pérfido.

– O senhor pensa que tudo isto dará resultado, não é? – disse Heath com ar desdenhosamente triunfante. – Espere para ouvir a descabelada história que nos vai contar o operador do telefone.

– Muito bem, sargento – interveio Markham. Vamos ouvir os outros.

– Proponho, Sr. Markham, que em primeiro lugar interroguemos o porteiro. E lhe mostrarei por quê – Heath abriu a porta de entrada do apartamento. – Olhe aqui um momento.

Saiu para o vestíbulo principal e apontou com o dedo o pequeno corredor da esquerda, em cujo extremo havia uma solda porta de carvalho que dava para o pátio lateral da casa.

– Esta porta é neste edifício a única entrada lateral. Nem pelos outros apartamentos se pode entrar, pois as janelas são gradeadas, o que verifiquei logo que cheguei aqui.

Voltando à sala, Heath prosseguiu: – Depois que me inteirei da situação, pensei que nosso homem tivesse entrado pela porta lateral, deslizando para o apartamento sem que o porteiro o visse. Examinando a porta, porém, verifiquei que estava fechada, e não com chave, mas com ferrolho. E não são desses ferrolhos que se podem deslocar pelo lado de fora, por serem corrediços, mas sim de um modelo antigo, fixo, de volta dupla e de bronze. E agora quero que o senhor ouça o que vai dizer o porteiro.

Instantes depois, entrava um robusto alemão, de meia-idade, feições severas e maçãs do rosto salientes. Apertava com força as sólidas mandíbulas e seu olhar suspeito ia de um a outro.

Heath começou logo a interrogá-lo.

– A que horas sai daqui você, à noite? – O sargento, por algum motivo, tomara um ar agressivo.

– Seis horas... às vezes mais cedo, outras mais tarde. Sua voz era rude e monótona, sendo evidente que estava aborrecido por aquela perturbação em sua vida ordenada e rotineira.

– E a que horas chega, de manhã? – Às oito em ponto, regularmente.

– E a que horas foi ontem para casa? – Às seis, mais ou menos... talvez às seis e um quarto.

– Agora fale-me dessa porta – prosseguiu o sargento no mesmo tom.

– Você me disse que a fecha a chave todas as noites, antes de ir embora; é exato? – Sim, sim...

exato. – O homem moveu a cabeça afirmativamente várias vezes. – Somente, não fecho a porta a chave; tranco-a.

– Muito bem. Então ontem tranco-a às seis horas? – Talvez um quarto de hora depois – corrigiu o porteiro com germânica precisão.

– E tem certeza de que pós o ferrolho? – a pergunta foi feita com ar feroz.

– Sim. Tenho certeza. Faço-o todas as noites. Nunca me esqueço.

O tom do homem dava segurança sobre o fato, mas apesar disso Heath insistiu ainda alguns minutos, para ter absoluta certeza de que os ferrolhos tinham sido corridos. Por fim, o porteiro foi mandado em paz.

– Na verdade, sargento – observou Vance com um alegre sorriso – o senhor pode estar certo de que esse honesto renano tranco-a porta.

– Claro que sim – explodiu Heath – e assim eu a encontrei esta manhã às oito horas. É justamente o que embrulha as coisas. Se essa porta esteve fechada desde ontem às seis da tarde até hoje às oito da manhã, eu queria que alguém me dissesse como entrou ontem aqui o amigo da Canária, e também como pôde ele sair.

– Por que não pela porta principal? – perguntou Markham. – Parece o único caminho lógico, de acordo mesmo com o que o senhor averiguou.

– Isso era o que eu pensava, senhor. Mas ouça o que lhe vai dizer o operador do telefone.

– E o posto do operador do telefone – pensou Vance em voz alta – está no vestíbulo principal, a meio caminho entre a porta da frente e este apartamento. Por conseguinte, o cavalheiro que originou toda esta trapalhada deve ter passado a poucos passos do telefonista, tanto ao entrar como ao sair, não é? – É isso mesmo – confirmou Heath. – E, a dar crédito ao que diz o telefonista, tal pessoa não entrou nem saiu.

Markham parecia estar sendo contagiado pela irritação de Heath.

– Mande vir o telefonista e deixe-me interrogá-lo – ordenou.

Heath obedeceu com uma alegria maliciosa.



## Um pedido de socorro

(Terça-feira, 12 de setembro – 11:00 horas)

Jessup causou boa impressão desde o momento de sua entrada. Era um homem sisudo, de expressão calma; teria trinta anos, era robusto e bem proporcionado. Em seus ombros havia uma certa linha que fazia suspeitar tivesse sido militar. Caminhou com passo decidido, ainda que se percebesse arrastar um pouco o pé direito, e notei que também o braço direito permaneceu todo o tempo curvado, como se tivesse uma fratura no cotovelo.

Era um homem tranquilo e reservado, de olhar brilhante e inteligente.

Markham convidou-o a sentar-se, mas ele agradeceu, permanecendo todo o tempo diante do Procurador do Distrito em atitude militar, de respeitosa atenção.

Markham iniciou o interrogatório com algumas perguntas de ordem pessoal. Jessup fora sargento na Grande Guerra, ferido duas vezes gravemente, e desligado por invalidez, pouco antes do armistício. Ocupava aquele lugar de telefonista havia um ano.

– Ora, Jessup – continuou Markham – você poderá dizer-nos alguma coisa sobre a tragédia de ontem à noite? – Sim, senhor – respondeu, e não havia dúvida de que aquele exsoldado diria tudo o que sabia, com a exatidão e a fidelidade de uma boa testemunha.

– Antes de tudo: a que horas tomou conta de seu posto de noite? – Às dez em ponto. Tocava-me o turno mais curto. O telefonista diurno e eu alternamos os turnos grandes e pequenos.

– Viu Miss Odell regressar do teatro? – Sim, senhor. Todos que entram têm de passar pela mesa telefônica.

– A que horas chegou ela? – Deve ter sido pouco depois das onze.

– Estava só? – Não. Vinha acompanhada por um cavalheiro.

– Sabe quem era? – Não sei o nome dele. Mas já o vira várias vezes, quando ele vinha visitar Miss Odell.

– Que tipo era? – Era alto, rosto barbeado, com um pequeno bigode grisalho; aparentava uns quarenta e cinco anos de idade. Se não me engano, era homem abastado e de posição.

– Agora, diga-me: ele acompanhou Miss Odell até o interior do apartamento, ou retirou-se logo? – Entrou com Miss Odell e permaneceu ali cerca de meia hora.

Os olhos de Markham brilharam e foi com vivacidade que prosseguiu.

– Então, ele chegou às onze e esteve com Miss Odell no apartamento até às onze e meia. Tem certeza disso? – Sim, senhor. É a verdade.

– Bem, Jessup; pense bem antes de responder. Alguém mais visitou Miss Odell ontem à noite? – Ninguém, senhor – foi a rápida contestação.

– Como pode assegurá-lo? – Eu teria visto qualquer pessoa que entrasse, pois, para chegar ao

apartamento, tinha que passar pela cabine do telefone.

– E você não abandonou o seu posto um momento que fosse? – Não, senhor – assegurou o homem como protestando contra o fato de se supor que ele abandonasse o lugar. – Quando quero tomar um copo d'água ou ir ao banheiro, utilizo-me de um pequeno lavatório que há na saleta de espera; mas, nunca fecho a porta, para não perder de vista o comutador do telefone e acudir se acaso acende a lâmpada de chamada. Assim, ninguém pode atravessar o vestíbulo, quando estou no lavatório, sem que eu veja.

Não se podia por em dúvida o depoimento do consciencioso Jessup; se alguém tivesse visitado Miss Odell, ele o teria visto.

Heath, porém, com a sua teimosia, saiu rapidamente e foi até à metade do vestíbulo principal. Quando voltou, estava desanimado, mas convencido.

– É verdade. Pela porta do lavatório vê-se diretamente o comutador.

Jessup não se deu por inteirado da verificação. Continuou de pé, esperando outras perguntas.

– E ontem – continuou Markham – deixou o seu lugar algumas vezes, ou por muito tempo? – Uma única vez, para ir ao lavatório, durante uns dois minutos. Mas sempre vigiando a mesa telefônica.

– E você estaria disposto a declarar, sob juramento, que ninguém mais visitou Miss Odell desde as dez horas, e que ninguém mais saiu do apartamento, com exceção do cavalheiro que a acompanhou? – Sim, senhor: posso jurar.

Ele dizia simplesmente a verdade, e Markham ficou pensativo.

– Que me pode informar sobre a porta do lado? – Fica toda a noite fechada. O porteiro põe-lhe os ferrolhos antes de ir e eu nunca mexo nessa porta.

Markham recostou-se na cadeira e disse a Heath: – O depoimento de Jessup aperta o laço em torno do cavalheiro que acompanhou Miss Odell. Se, como parece evidente, a porta do lado ficou fechada, e se ninguém mais esteve aqui, esse cavalheiro é o homem que procuramos, Heath deu uma risadinha triste.

– Se fosse assim, era tudo muito simples. – E voltando-se para Jessup: – Conte ao Procurador do Distrito o resto da história sobre esse cavalheiro que acompanhou Miss Odell.

Markham olhou o telefonista com interesse. Jessup falou com voz firme e igual, como o soldado que traz informações ao seu superior.

– Foi isto, senhor. Quando o cavalheiro saiu do apartamento de Miss Odell, pelas onze e meia, deteve-se ante a cabine do telefone e me pediu que chamasse um táxi da Yellow Company. Fiz o chamado e, enquanto ele esperava, ouvimos Miss Odell gritar "Socorro! Socorro!" O cavalheiro voltou-se e correu até à porta do apartamento, seguido por mim. Bateu à porta, mas a princípio não obteve resposta. Bateu outra vez e chamou por Miss Odell, perguntando-lhe o que sucedera. Desta vez ela respondeu, dizendo que não era nada e que ele podia ir embora. Então voltamos à cabine, dizendo-me ele que provavelmente Miss Odell adormecera e tivera um pesadelo. Durante alguns minutos falamos sobre a guerra; depois chegou o táxi, ele deu-me boa noite e embarcou.

Era evidente que esse episódio destruía a hipótese de Markham. Este ficou um momento olhando o chão, desanimado, e fumando quase com raiva o seu cigarro. Por fim perguntou: – Que tempo transcorreu desde o momento em que o homem abandonou o apartamento até ouvirem o grito de Miss Odell? – Uns cinco minutos. Eu já me havia comunicado com a companhia de táxi e foi mais ou menos um minuto depois que ela gritou.

– O homem estava próximo à sua mesa? – Sim; tinha o braço apoiado na mesa.

– Quantas vezes gritou Miss Odell? – Duas vezes, pedindo socorro.

– E que lhe disse o homem quando bateu na porta pela segunda vez? – Se não me engano, disse: "Abra a porta, Margaret! Que foi que aconteceu?" – E pode recordar-se das palavras com que ela

respondeu? – Mais ou menos estas: "Não foi nada. Lamento tê-lo incomodado.

Estou bem; peço-lhe que se vá sem preocupação." Talvez não fossem estas exatamente as suas palavras, mas foi mais ou menos assim.

– Então ouviu-as bem através da porta? – Sim. Estas portas não são muito grossas.

Markham levantou-se e começou a passear meditativamente. Depois, parando diante do telefonista: – Não ouviu também outro ruído suspeito no apartamento, depois que o homem saiu? – Nada, senhor. Sem embargo, uns dez minutos mais tarde alguém telefonou a Miss Odell, e do seu apartamento respondeu uma voz de homem.

– Como foi isso?! – gritaram Markham e Heath.

O Procurador do Distrito, que fizera meia volta, ordenou ao telefonista: – Dê-me todos os pormenores sobre isso, Jessup cumpriu a ordem sem emoção aparente.

– Mais ou menos à meia-noite menos vinte minutos, brilhou uma das lampadzinhas da mesa telefônica, e quando eu atendi uma voz de homem perguntou por Miss Odell. Fiz a ligação para o apartamento dela e após um instante o receptor foi tomado (pode-se dizer isso, porque quando se toma o receptor, apaga-se a lâmpada) e uma voz de homem falou: – "Alô". – Puxei o cordão da chave e naturalmente não ouvi mais nada.

Houve um silêncio prolongado. Vance, que durante o interrogatório observara Jessup atentamente, falou: – Por acaso, Sr. Jessup – disse com indiferença – não estaria o senhor também um pouco fascinado... digamos assim... pelos encantos de Miss Odell? Pela primeira vez, Jessup pareceu confuso, mas logo respondeu com firmeza: – Era uma senhora muito bela.

Markham dirigiu a Vance um olhar de desaprovação e disse a Jessup: – Por enquanto é só, Jessup. O homem fez uma leve inclinação e saiu com atitude marcial.

– Este caso está-se tornando encantador – disse Vance, reclinando-se no sofá.

– Pelo menos, é bom saber-se que alguém se alegra com ele – disse Markham com irritação. – E posso indagar o motivo de sua pergunta a Jessup sobre os seus sentimentos para com a vítima? – Oh! Apenas uma extravagante ocorrência que tocou o meu cérebro – respondeu Vance.

Heath, dominando o próprio desânimo, observou: – Temos ainda, Sr. Markham, as impressões digitais. Espero que elas nos indicarão o culpado.

– Mas, ainda que Dubois identifique, as impressões, temos que demonstrar o modo pelo qual o homem se introduziu no apartamento.

– É claro – concordou Heath – mas é certo também que algum homem estava aqui quando Odell voltou do teatro, e que permaneceu aqui até depois de o outro ter saído. A prova disso é o pedido de socorro e a resposta ao chamado telefônico. E desde que o Dr. Doremus afirma que o crime teve lugar antes da meia-noite, não há negar que quem fez o "serviço" foi o que estava aqui escondido.

– Isso parece indubitável – assentiu Markham. – E eu me inclino a crer que se trata de alguém que ela conhecia. Miss Odell provavelmente gritou quando ele lhe apareceu de súbito, mas, reconhecendo-o, acalmou-se e disse ao outro, que estava no vestíbulo, que nada acontecera. Em seguida, o desconhecido a estrangulou.

– E eu sugeriria que o seu esconderijo foi o guarda-roupa.– disse Vance.

– Sem dúvida – concordou o sargento. – Mas o que me intriga é como ele entrou aqui. O telefonista diurno afirmou-me que a única visita recebida por Odell foi o cavalheiro que a levou ao teatro.

Markham deixou ouvir um grunhido de exasperação.

– Traga-me o telefonista do dia. Alguém entrou aqui ontem, e eu hei de saber como o fez.

Vance dirigiu a Markham um olhar de cômica proteção.

– Você sabe, Markham, que não tenho inspirações, mas estou tendo uma dessas estranhas sensações, como dizem os poetas menores, de que, se realmente você pretende não sair daqui sem esclarecer esse ponto, mande buscar seus objetos de uso pessoal e várias mudas de roupa, inclusive pijamas. O indivíduo que maquinou esta *soirée* arranjou a entrada e a saída da maneira mais cuidadosa e eficaz que se possa imaginar.

Markham dirigiu a Vance um olhar indeciso, mas não respondeu.





## Um visitante anônimo

(Terça-feira, 12 de setembro – 11:15 horas)

Heath saiu do vestibulo e regressou com o telefonista do turno diurno, um rapaz magro, de cor citrina, chamado Spively. O cabelo negro estava alisado a pomada desde a testa até à nuca, e ele usava um bigodinho microscópico. Vestia com exagerada meticulosidade uma fatiota cor de chocolate, muito colada ao corpo, e trazia botinas de abotoar. Estava nervoso e sentou-se logo em uma cadeira próxima da porta, com cuidado para que não se desfizesse o vinco da calça. De momento a momento, umedeceu os lábios com a língua.

Markham entrou no assunto sem rodeios.

– Você esteve no telefone ontem à tarde até às dez da noite, não é? Spively engoliu a saliva e assentiu com a cabeça.

– A que horas saiu Miss Odell para jantar? – Pelas sete horas. Eu acabava de mandar trazer do restaurante alguns sanduíches...

– Ela saiu só? – interrompeu Markham.

– Não. Um "indivíduo" veio buscá-la.

– Conhece esse "indivíduo"? – Ele veio algumas vezes visitar Miss Odell, mas não sei quem é.

– Qual era o tipo desse homem? A descrição feita por Spively, apesar de mais fútil e menos precisa, concordava com a que fizera Jessup, tornando-se evidente que Odell saíra e voltara com a mesma pessoa.

– Agora – disse Markham, pondo certa ênfase nas palavras – preciso saber quem veio visitar Miss Odell durante o tempo em que ela esteve ausente.

Spively pareceu confuso, pois as suas delgadas sobrancelhas uniram-se.

– Eu... não entendo – tartamudeou. – Como podiam visitá-la se ela não estava em casa? – Alguém a visitou – afirmou Markham. – Esse alguém introduziu-se no apartamento e aqui esperou Miss Odell até que ela voltasse.

O rapazelho arregalou os olhos.

– Meu Deus! – exclamou. – Foi assim que a mataram!... Esperando-a aqui dentro!...

Deteve-se de repente, compreendendo subitamente quanto ele próprio estava próximo à misteriosa cadeia dos acontecimentos.

– Mas, enquanto eu trabalhava, ninguém entrou em seu apartamento – balbuciou com veemência filha do temor. – Ninguém! Não saí do meu lugar um momento.

– Não teria entrado alguém pela porta do lado? – Como! Estava aberta? – O tom de Spively era de espanto. – Nunca fica aberta de noite. O porteiro fecha-a às seis horas.

– E você não tirou os ferrolhos, por qualquer motivo? Pense bem! – Não, senhor, não toquei na porta! – E tem certeza de que nenhuma pessoa, entrando pela porta principal, esteve aqui no apartamento? – Tenho a certeza! Não deixei a mesa do telefone um momento, e ninguém podia entrar sem que eu visse. Só houve uma pessoa que procurou Miss Odell...

– Ah! Então sempre veio alguém! – exclamou Markham.

– Quando foi? E que sucedeu? Avive a memória antes de responder.

– Não foi nada de importante – assegurou o rapaz, atemorizado. – Um senhor entrou, tocou a campainha e saiu logo em seguida.

– Não se preocupe se é importante ou não. A que horas veio essa pessoa? – Mais ou menos às nove e meia.

– E quem era? – Um jovem, que vi várias vezes visitar Miss Odell, mas cujo nome ignoro.

– Conte com exatidão o fato – insistiu Markham. Outra vez Spively engoliu a saliva e umedeceu os lábios.

– Foi assim. O homem entrou pelo vestíbulo e eu lhe disse: "Miss Odell não está". Ele, porém, continuou e respondeu: "Bem, mas de qualquer modo vou tocar a campainha para certificar-me." Nesse momento, houve um chamado no telefone e eu deixei-o ir. O homem tocou a campainha, bateu na porta, mas naturalmente não obteve resposta. Voltou logo e me disse: "Creio que tem razão." Deu-me meio dólar e foi-se embora.

– Viu, de fato, que ele se foi embora? – perguntou Markham com certo pesar.

– Seguramente. Deteve-se um momento na porta da rua, acendeu um cigarro e tomou a direção da Broadway.

– Uma a uma, as pétalas caem – disse Vance. – Uma situação divertidíssima.

Markham não renunciava à esperança de inculpar o visitante anônimo.

– Como era esse homem? Pode descrevê-lo? Spively moveu-se na cadeira e, quando respondeu, demonstrava o interesse que tivera em examinar o visitante.

– Era de boa aparência... talvez uns trinta anos. Trajava roupa de cerimônia, sapatos de verniz e camisa de seda listada...

– Como, como? – perguntou Vance, com simulada incredulidade. – Camisa de seda listada com traje de etiqueta? É extraordinário! – Oh! Muitas pessoas que sabem vestir-se as usam – explicou Spively com orgulho condescendente. – Estão muito em moda para baile.

– Não me diga! É mesmo? Vance parecia desconcertado. – Vou tomar nota. Mas, por acaso, quando esse formoso Brummel de camisa de seda se deteve na porta principal não tirou o seu cigarro de uma cigareira chata, de prata, que levava no bolso inferior do casaco? O rapaz olhou Vance com assombro.

– Como o sabe? – exclamou.

– Simples dedução – explicou Vance. – As cigareiras grandes de prata, no bolso do casaco, condizem com as camisas de seda para roupa de etiqueta.

Markham, molestado com a interrupção, exigiu do telefonista que continuasse.

– Usava cabelo liso, muito comprido, cortado à última moda; bigode pequeno, um cravo na lapela e luvas de camurça...

– Meu Deus! – murmurou Vance – Um gigolô! Markham, impressionado sempre com os clubes noturnos, franziu as sobrancelhas e respirou profundamente ante a observação de Vance.

– Era alto ou baixo? – perguntou ainda.

– Mais ou menos da minha estatura.

Com facilidade se reconhecia no tom de Spively que o visitante noturno era o seu ideal físico e de

sua futilidade não se conseguiu tirar uma descrição muito exata.

Quando Spively foi liberado e saiu, Markham ficou a passear, de cabeça baixa, enquanto Heath, sentado, olhava-o com ar apalermado.

Vance pôs-se de pé, espreguiçando-se.

– Ao que parece, quedamo-nos em *status quo*. Como entrou aqui o verdugo da bela Margarida? – Eu tenho pensado, Sr. Markham – grunhiu Heath – que o sujeito tenha vindo de tarde, antes de fecharem a porta lateral e que a própria Odell o escondeu, quando chegou o outro homem para levá-la a jantar.

– É possível – admitiu Markham. – Tragam de novo a criada; vamos ver se aclaramos esse ponto.

Quando a mulher veio, o Procurador inquiriu-a sobre o que fizera de tarde, e soube ter ela saído às 4 horas, para fazer algumas compras.

– Tinha Miss Odell algum visitante, quando você chegou? – Não, senhor. Estava sozinha.

– Não lhe disse ela se tinha vindo alguém? – Não, senhor.

– Agora, – continuou Markham – poderia haver alguém escondido aqui, quando você se foi embora, às sete horas? A criada demonstrou assombro e quase terror.

– Onde se poderia ter ocultado? – perguntou, olhando em torno.

– Há vários lugares – insinuou Markham. – No quarto de banho, em um dos guarda-roupas, debaixo da cama, atrás das cortinas...

A mulher sacudiu a cabeça com decisão.

– Ninguém podia estar escondido aqui. No quarto de banho estive meia dúzia de vezes; do guarda-roupa do dormitório, tirei o vestido de Miss Odell; e eu mesma corri as cortinas das janelas. Quanto à cama, é baixa demais para isso. Eu próprio verifiquei na ocasião que era verdade o fato.

– E quanto ao guarda-roupa da sala? – perguntou Markham, ainda esperançado.

– Aí não havia ninguém. É onde guardo o meu casaco e o meu chapéu, e retirei-os quando me fui embora.

– Tem então certeza de que no momento de ir-se para casa não havia ninguém oculto neste apartamento? – Absoluta certeza.

– Pode recordar se a chave deste guarda-roupa estava do lado de fora, quando se retirou? A mulher olhou um momento a porta indicada.

– Estava do lado de fora, como sempre – informou depois Je refletir.

– Recordo-me porque enganchei na chave a gaze do vestido que ali guardei.

Markham ficou ainda mais carrancudo e continuou: – Não sabe o nome de algumas das pessoas com quem Miss Odell costumava sair? – Miss Odell nunca me mencionou nomes. Sobre esse ponto era muito cuidadosa... demasiado reservada mesmo. Além disso, eu passava aqui apenas as horas do dia, e as suas relações costumavam vir à noite.

– E nunca a ouviu falar com temor acerca de algum de seus conhecidos? – Não, senhor... se bem que um havia de quem ela queria manter-se afastada. Era um mau tipo, em quem nunca devia ter confiado, e isso eu disse a Miss Odell. Parece, porém, que se conheciam há muito tempo e que ela gostara dele outrora.

– Como soube disso? – Um dia, há coisa de uma semana, eu vim do almoço e eles estavam no outro aposento. Não me viram, porque as cortinas se achavam corridas. Ele exigia dinheiro e, como ela negasse, ameaçou-a. Ela disse alguma coisa que demonstrava já ter dado dinheiro a ele. Eu fiz ruído e deixaram de discutir, tendo-se ele retirado depois.

– Como era esse homem? – Alto, magro... creio que de trinta anos. Feições duras, bem parecido e olhos azuis que faziam tremer. Trazia sempre o cabelo penteado, com bastante fixador, e usava um bigodinho fino com as pontas para cima.

– Ah! – disse Vance. – O nosso gigolô! – Esse homem esteve aqui alguma outra vez? – Não: pelo menos, que eu visse.

– Pode retirar-se – disse Markham, e a mulher saiu.

– Vamos bem – exclamou Vance. – Você esclareceu alguns pontos obscuros.

– Que pontos julga você que esclarecemos? – perguntou Markham, com pesar manifesto.

– Agora sabemos que nenhuma pessoa ficou "esquecida" aqui quando a beldade saiu, à noite.

– Isso não esclarece, complica ainda mais o caso.

– Agora, talvez sim. Mais adiante, quem sabe? Pode ser o melhor dos indícios. Sabemos que alguém se escondeu neste guarda-roupa e que isso se deu depois que a criada saiu.

– É – disse Heath, com ar trágico – se a porta do lado estava fechada e o telefonista sentado no vestíbulo, quem afirmará que alguém entrou? – Isso é uma pequena mistificação – disse Vance, com tristeza simulada.

– Mistificação? Impossível! – murmurou Markham. Heath, que estava contemplando o guarda-roupa, meneou a cabeça desesperado: – O que eu não compreendo é por que o sujeito que esteve escondido neste guarda-roupa não o revirou, como no resto da casa.

– Sargento – disse Vance – o senhor pôs o dedo na ferida. Como vê, esse bem arrumado móvel não foi saqueado pelo truculento indivíduo que revirou tudo isto, pela simples razão de que esse guarda-roupa estava fechado por dentro e ele não o pôde abrir.

– Como? – protestou Markham. – Essa hipótese implica em dizer que ontem à noite havia aqui dois homens!...

Vance suspirou.

– Oh! Isso eu sei! E pensar que, de acordo com a lógica, não podemos meter aqui nem um, quanto mais dois homens! É uma calamidade, não lhe parece? Heath, como um consolo, murmurou: – Em todo caso, sabemos que o tipo de sapatos de verniz que esteve aqui às nove e meia era provavelmente o amante de Odell e lhe tirava dinheiro.

– E que adianta isso para o nosso caso? – perguntou Vance. – Não há moderna Dalila que não tenha seu amante ganancioso. O singular seria que não encontrássemos neste drama um tipo assim.

– Tudo isso é razoável, Sr. Vance, mas vou dizer-lhe uma coisa que talvez não saiba. Geralmente, o amante oculto desta classe de mulheres é um criminoso, de qualquer categoria, mas um profissional do crime. Por isso, e reconhecendo que esse "trabalho" foi feito por um profissional, é que eu tenho a convicção de que o seu autor foi o mesmo que andou ontem à noite rondando por aqui. E a descrição que dele me fizeram assemelha-se muito à desses ladrões de alta classe, que se reúnem nos cafés noturnos.

– Está então convencido – disse Vance com suavidade – de que este trabalho, como o denomina, foi feito por um criminoso profissional? Heath foi quase desdenhoso na resposta.

– Pois não usou ele luvas e gazua? É trabalho de ladrão arrombador sem nenhuma dúvida.



## O assassino invisível

(Terça-feira, 12 de setembro – 11:45 horas)

Markham caminhou até à janela e ali permaneceu alguns momentos, com as mãos para as costas, olhando o pequeno pátio. Depois voltou-se para nós: – A situação, segundo os dados que temos, é a seguinte: Não há dúvida de que, quando Odell e seu companheiro voltaram do teatro, em algum lugar deste apartamento estava um homem escondido; e também é indubitável que, quando o cavalheiro se foi embora, a jovem vivia ainda. Consequentemente, devemos concluir que quem a matou foi o homem que se ocultara aqui, conclusão corroborada pelo informe do Dr. Doremus, de que o crime se verificou entre onze horas e meia-noite. E, como o acompanhante da vítima se retirou às onze e meia, podemos situar o crime entre onze e meia e meianoite.

É o que se infere das provas produzidas.

– Não se adianta muito com elas... – murmurou Heath.

– De qualquer modo, são interessantes – disse Vance. Markham prosseguiu no seu passeio e na sua exposição da situação: – Neste apartamento, não havia ninguém escondido até às sete da noite, hora em que a criada saiu. Portanto, o criminoso entrou posteriormente. A porta lateral é que devemos considerar em primeiro lugar. Às seis, ou seja, uma hora antes de sair a criada, o porteiro fechou essa porta; nenhum dos telefonistas, nem o porteiro, a tocaram; esta manhã, Heath ainda a encontrou fechada. Logo, podemos admitir que ela esteve toda a noite com os ferrolhos corridos e que ninguém podia entrar por ela. Assim, vemo-nos na contingência de admitir que o criminoso entrou pela porta principal. Ora, o operador telefônico informa que a única pessoa que entrou pela porta da frente foi até o apartamento, tocou a campainha e retrocedeu, saindo para a rua. O outro operador, que ocupou o lugar das dez da noite até esta manhã, afirma que ninguém entrou durante esse tempo, com exceção de Miss Odell e seu companheiro. Agreguemos a isso que todas as janelas deste andar são guarnecidas por grades e que ninguém pode descer dos andares superiores sem passar pelo telefonista, e nos acharemos, no momento, em um impasse.

Heath cocou a cabeça, rindo melancolicamente.

– E o apartamento contíguo, o que tem o n.º 2? – perguntou Vance.

Heath voltou-se com ar protetor.

– A primeira coisa que fiz esta manhã, ao chegar aqui, foi uma vistoria no apartamento n.º 2, para o que acordei a solteirona que o ocupa. Não havia nada. Além disso, para chegar até ele, é preciso fazer o mesmo trajeto que para este. Jessup afirma que ontem ninguém entrou nem saiu do n.º 2; que a dama que o ocupa é pessoa muito séria e tranquila, sem nenhuma relação com a Odell.

– O senhor está em toda a parte, sargento – disse Vance. E prosseguiu: – O que me causa espécie,

na recapitulação feita por você, Markham, é não ter admitido a hipótese de que o assassino tenha agido de lugar distante.

Porque, segundo todas as provas, aqui ele não entrou, nem daqui saiu.

– É misterioso – concordou Markham, lugubrememente.

– É obra dos espíritos – corrigiu Vance. – Cheira a sessão espírita.

Realmente, creia você, começo a suspeitar que por aqui andou ontem algum médium materializando o irmão do espaço. Veja, Markham, se consegue uma ordem de prisão contra as emanções ectoplásmicas.

– Não foi nenhum fantasma que deixou as impressões digitais – grunhiu Heath, com insolente firmeza.

Markham interrompeu o passeio e disse a Vance com ar irritado: – Isto é um embrulho sem sentido! O homem meteu-se em algum lugar, e depois saiu também. Algum erro nós cometemos. Ou a criada está enganada, ou algum dos telefonistas dormiu e não quer confessar.

– Ou algum deles mente – ajuntou Heath. Vance moveu a cabeça.

– A mulata camareira, segundo parece, é pessoa veraz. E, se houvesse alguma dúvida sobre a entrada de alguém pela porta da frente, os telefonistas não negariam com tanta firmeza. Não, Markham; você tem de considerar este caso de um ponto de vista planetário, por assim dizer.

Markham resmungou.

– Essa forma de investigar, deixo-a para você, com as suas teorias metafísicas e hipóteses esotéricas.

– Mas considere – protestou Vance – que você provou cabalmente, ou melhor, demonstrou legalmente, que aqui não entrou nem daqui saiu ninguém. Ora, um tribunal, como você me tem dito, não julga por provas possíveis, mas de acordo com a evidência legal. Ora, a evidência legal, neste caso, demonstra que nenhum ser corpóreo poderia ter cometido o crime. Por outro lado, não é plausível que a vítima se estrangulasse a si mesma. Se se tratasse de veneno, ainda bem. Quanto melhor teria sido, para você, que o criminoso usasse arsênico em vez das mãos! – Bem; mas ele a estrangulou – disse Heath. – Eu apostaria todo o meu dinheiro no indivíduo que veio às nove e meia e não pôde entrar. Com esse pássaro é que eu quero falar.

– Deveras? – Vance tirou outro cigarro. – A julgar pela descrição que dele foi feita, a conversa não será das mais proveitosas.

Nos olhos de Heath apareceu um brilho perverso.

– Nós temos bons métodos – disse – para soltar a língua a essas pessoas com reputação de pouco conversadoras.

Vance suspirou. – Como os Quatrocentos precisam do senhor, sargento!

Markham olhou o relógio. – Tenho trabalho urgente no escritório. Esta conversa não adianta nada. Deixo-o para continuar a investigação, Heath. À tarde, prosseguiremos o interrogatório. Tem algum plano traçado para o inquérito, sargento?

– Vou agir na forma usual. Revisarei os papéis de Margaret e porei quatro homens trabalhando.

– Seria bom – disse Markham – que fosse sem perda de tempo à Companhia de Táxis Amarelos, para ver se será possível saber quem era a pessoa que ontem pediu um táxi aqui.

– Imagina você – obtemperou Vance – que, se aquele homem tivesse alguma coisa com o crime, iria parar no vestíbulo para pedir um táxi?

– Oh! Não é por isso. Mas talvez Margaret tenha falado com ele sobre alguma coisa que nos interesse.

Vance meneou a cabeça.

Voltando-se para Heath, Markham recomendou: – Me procure mais tarde. Ainda poderemos tirar alguma coisa destes que interrogamos. E ponha um homem de guarda aqui. Ninguém absolutamente poderá entrar sem ordem formal.

– Fique tranquilo – disse Heath.

Markham, Vance e eu saímos, tomando o automóvel. Poucos minutos depois, atravessávamos o Central Park.

– Recorda-se de nossa última palestra sobre as pegadas na neve? – perguntou Vance, Markham disse que sim, distraidamente.

– Se bem me recordo, no exemplo que você deu, havia não só os vestígios de pisadas, mas também dez ou doze testemunhas que viram um vulto qualquer cruzando a solidão hibernai. "Grau, teurer Freund, ist alie Theorie"! Agora não tem você nem pegadas nem testemunhas que tivessem visto a figura incógnita. Nem prova direta nem circunstancial, É lamentável...

Moveu tristemente a cabeça e continuou: – Você sabe, Markham, que a minha opinião neste caso é que a prova testemunhai é legalmente conteste em demonstrar que ninguém estava com a vítima no momento do crime e que, portanto, ela não está morta. O corpo da mulher estrangulada é uma circunstância irrelevante do ponto de vista processual. Vocês, advogados, não admitem crime sem objeto; mas, em nome do céu, como também um crime sem um autor? – Você está dizendo desatinos – admoestou Markham.

– Pode ser. Mas, em todo caso, é desconcertante para um jurista não encontrar nenhum vestígio. É de se ficar tonto.

Markham encarou-o repentinamente e disse: – Você tem poderes divinatórios, não é? Poderes que são negados ao comum dos mortais. Se não me engano, você, com muita grandiloquência, afirmou que, conhecendo a natureza e as circunstâncias de um crime, me indicaria infalivelmente o culpado, quer ele tivesse ou não deixado vestígios.

Lembra-se de sua jactância? Pois aqui temos um homicídio cujo autor não deixou pegadas ao entrar, nem ao sair. Cumpra sua promessa, e me confunda, descobrindo o assassino de Odell.

O irritado desafio de Markham não desconcertou Vance, que continuou fumando tranquilamente.

– Dou-lhe minha palavra, Markham, – replicou afinal – de que estou inclinado a intervir neste caso. Mas vou esperar o que descobrirá Heath com suas teimosas investigações.

Markham deixou ouvir um riso de mofa e recostou-se na banco.

– Sua generosidade me entenece – disse ele.



## Em pleno trabalho

(Terça-feira, 12 de setembro – à tarde)

Nossa viagem pela cidade foi consideravelmente atrasada pelo congestionamento do tráfego e Markham olhava sem cessar o relógio.

– É mais de meio-dia. Vou parar um momento no clube para fazer uma refeição frugal. Suponho que almoçar em hora tão matinal será demasiadamente plebeu para uma flor de estufa como você.

Vance respondeu: – Desde que me privou da refeição da manhã, permito-lhe obsequiar-me com alguns ovos à beneditino.

Pouco depois sentávamo-nos no salão deserto do Stuyvesant Club, em uma mesa próxima à janela que olhava para a Praça Madison.

Acabávamos de pedir nossa comida quando se aproximou um empregado do estabelecimento, entregando a Markham um envelope.

Markham leu o conteúdo com crescente interesse e, pedindo licença, retirouse durante cerca de vinte minutos.

– É fantástico – disse ele, ao voltar. – A carta era do homem que levou Odell a jantar e depois ao teatro... O mundo é pequeno... Ele é sócio do clube, e quando está na cidade mora aqui mesmo.

– Conhece-o? – perguntou Vance, sem interesse.

– Encontrei-o várias vezes... é um tal Spotswood. Homem com família, vive em uma casa de campo, em Long Island, e é geralmente considerado um membro respeitável da sociedade: uma das últimas pessoas de quem eu suspeitaria tivesse relações com Odell. Mas, como ele próprio declara, perdeu com ela parte do tempo durante suas visitas a Nova York – brincando com o fogo, e ontem levou-a a jantar no "Francelle's" e depois ao "Winter Garden".

– Não era um passatempo intelectualmente edificante – comentou Vance. – E que dia fatídico ele escolheu... Imagino a cara dele ao ler nos jornais da manhã que a sua *petite dame* fora estrangulada! – Ele está desconcertado – disse Markham. – Os jornais do meio-dia saíram há meia hora, e ele desde as dez horas que me telefonava de dez em dez minutos, quando há pouco me viu entrar. Teme que suas relações com a moça se convertam em uma desgraça para ele.

– E por quê? – Realmente não vejo necessidade de envolvê-lo no caso – disse Markham. – Que ganharia a justiça com isso? Contou-me tudo que sabia e compromete-se a permanecer na cidade durante o tempo que eu determinar.

– Pela sua cara, vejo que ele não lhe forneceu nenhum indício de valor.

– Nada. A moça nunca lhe falou de assuntos íntimos e ele não me deu nenhuma informação de interesse. Suas declarações coincidem com as de Jessup. Saiu com Odell às sete horas, trouxe-a de volta



às onze, permanecendo ali meia hora. Quando ouviu o grito de socorro, assustou-se, mas, tranquilizado pela jovem, chegou à conclusão de que ela adormecera e tivera um pesadelo. Veio de auto diretamente para o Clube, onde, por insistência do seu amigo, o juiz Redfern, esteve, nos aposentos deste, jogando pôquer até às três horas da madrugada.

– Então o seu *Don Juan* de Long Island nada informou que valesse a pena? – De qualquer modo, a sua apresentação nos poupa uma série de investigações que gastariam muito tempo.

Markham terminara a refeição e levantou-se, olhando para Vance.

– Então? Está bastante interessado para prosseguir? – Como não... Encantado, certamente. Mas sente-se, até eu terminar meu café.

Eu me admirei de Vance aceitar tão prontamente, pois ele, àquela tarde, devia ir comigo a uma exposição, onde se venderiam raras gravuras chinesas, que ele tinha enorme interesse em adquirir.

Fomos para o Tribunal Criminal e, tomando o elevador particular, entramos no espaçoso mas desataviado escritório do Procurador.

Vance sentou em uma poltrona e acendeu o cigarro.

– Estou antegozando o espetáculo da máquina da justiça – disse ele.

– Você está sentenciado a não ver o primeiro giro da roda.

– disse Markham. – Os movimentos iniciais são fora deste gabinete – e desapareceu por uma porta que dava para a sala do juiz.

Cinco minutos mais tarde, voltava.

– Acabo de ver o juiz Redfern, que me confirmou *in totum* as declarações de Spotswood no que se referem ao pôquer de ontem à noite.

– Porque tanta cautela em coisa tão insignificante? – Questão de praxe – respondeu Markham. – Em um assunto desta natureza, tudo deve ser meticulosamente feito.

– Essa rotina não conduz nunca a resultados precisos.

– Estou muito ocupado agora para discutir – disse Markham, apertando o botão de uma campainha.

Swacker, o jovem e enérgico secretário, apareceu à porta que ligava o gabinete a uma saleta interior.

– Diga a Ben – ordenou Markham – que me mande aqui um homem.

Ben era o Coronel Benjamin Hanlon, chefe da Divisão de Detetives, anexa à Procuradoria do Distrito.

Minutos após, entrava um homem gordo e afável, vestido impecavelmente, que ficou na frente de Markham, com um sorriso delicado.

– Boa tarde, Tracey. Aqui tem uma lista de quatro testemunhas no caso Odell que necessito sejam trazidas imediatamente. São dois telefonistas, a criada e o porteiro do edifício onde se deu o crime. Está lá com eles o sargento Heath.

– Muito bem, senhor – e Tracey, tomando o memorando, saiu, após uma acentuada mas elegante inclinação.

Durante a hora que se seguiu, Markham dedicou-se a despachar o expediente que se acumulara pela manhã e eu fiquei Admirando a sua tremenda capacidade de trabalho. Atendeu a tantos assuntos importantes quantos bastariam para ocupar o dia de um homem de negócios. Swacker aparecia e reaparecia com elétrica rapidez, além de muitos outros funcionários a quem as campainhas chamavam incessantemente.

Vance, que procurava distrair-se folheando um livro sobre incêndios criminosos, erguia de quando em quando os olhos e meneava a cabeça, em sinal de mudo protesto contra aquela exaustiva atividade.

Eram duas e meia quando Tracey regressou com as quatro testemunhas.

E por duas horas Markham interrogou-as com tal habilidade e critério que,

eu, como advogado, rara vez tinha visto iguais. Todas as circunstâncias do crime foram abordadas, de modo diferente do interrogatório improvisado da manhã. Qualquer omissão nos depoimentos teria sido ratificada ou sanada.

Quando foram, porém, mandadas embora, Markham não conseguira adiantar absolutamente nada além do que colhera antes.

Nenhuma nova possibilidade, nenhum novo vestígio pôde obter. Apenas repetições do que já fora apurado. Quando, às quatro horas, Markham se encostou para trás em sua cadeira, com uma profunda expressão de cansaço na fisionomia, parecia ainda mais remota que nunca a possibilidade de uma pista esclarecedora.

– Digo-lhe, Markham, – bocejou Vance fechando o seu tratado sobre incêndios – que a rotina não dará resultado neste caso. Por que não consulta uma nigromante egípcia, dessas que veem coisas num globo de cristal? – Se isso continuar assim – respondeu Markham desanimado – seguirei o seu conselho.

Nesse instante, Swacker apareceu para dizer que o inspetor Brenner estava ao telefone. Markham tomou o fone e ouviu, tomando notas. Quando terminou a comunicação, disse Vance: – Você estranhou as condições em que estava o cofre de joias. Bem; o técnico em ferramentas de ladrões acaba de confirmar sua opinião desta manhã. O cofre foi aberto com um cabo de uma polegada. Era um instrumento já velho, com um formão de aço de feitio especial, tal como usam os arrombadores profissionais. Tinha a folha de uma polegada e três oitavos e "dente" na folha, e o mesmo que serviu com êxito no assalto a uma casa de Park Avenue, no começo do último inverno. Esta excitante informação não lhe minora a ansiedade? – Não lhe posso dizer que sim. Isso torna a situação ainda mais complicada. Eu veria um tênue raio de luz em tudo isto, se não fosse esse cofre e esse formão de aço...

Swacker entrou novamente, dizendo que o sargento Heath queria falar com o Procurador.

O semblante de Heath estava muito mais abatido do que de manhã.

Aceitou o cigarro que Markham lhe ofereceu e tirou do bolso uma sovada caderneta de notas.

– Tivemos alguma sorte – começou. – Burke e Emery, a quem pus a trabalhar no caso, conseguiram saber alguma coisa sobre Odell. Segundo apuraram, ela explorava habilmente vários homens. O principal, com quem era vista mais amiúde, era Charles Cleaver.

– Conheço Cleaver, se é quem penso – disse Markham.

– É ele. É o antigo comissário de impostos em Brooklyn e sócio de uma criação de pôneis na cidade de Jersey. Anda agora metido no Stuyvesant Club, com seus velhos auxiliares de Tammany Hall.

– É esse – disse Markham. – É uma espécie de fêmeiro profissional, conhecido pelo apelido de Pop, se não me engano.

– Creio – prosseguiu Heath – que, sendo ele frequentador do Stuyvesant Club, poderia o senhor fazer-lhe algumas perguntas sobre Margaret Odell. Ele deve saber alguma coisa.

– De acordo, sargento – e Markham tomou uma nota em sua carteira.

– Esta noite procurarei vê-lo. Não há mais ninguém em sua lista? – Há um tal Mannix, Luiz Mannix, que conheceu Odell quando ela trabalhava no "Folhes". Brigaram, porém, há cerca de um ano, e não mais foram vistos juntos. Agora anda com outra mulher. É o sócio principal da firma Mannix e Levine, importadores de peles. É um frequentador de clubes noturnos, um dissipador. Mas não parece que valha a pena cuidar dele. Há um ano que deixou Margaret.

– Sim – disse Markham – Creio que podemos eliminá-lo.

– Se vocês continuam com essas eliminações, vão deixar apenas o corpo da defunta – disse Vance, – Por último – continuou Heath – temos o homem que saiu com Odell. Averigüei somente que ele veio de

auto para o Stuyvesant Club.

– Sim. Já sei quem é ele.

– Quem é esse homem, Sr. Markham? – perguntou Heath. Markham titubeou.

– Dir-lhe-ei confidencialmente. É Kenneth Spotswood.

Ao Procurador contou como soubera do fato, bem como a inutilidade da confissão de Spotswood.

– E – acrescentou – uma vez que a vítima estava em perfeita saúde quando ele a deixou, não vejo necessidade de envolvê-lo no caso. Assim o prometi, em consideração à sua família.

– Se o senhor fica satisfeito, eu também – disse Heath, fechando a sua caderneta. – Agora, há somente uma coisa mais. Margaret morou na Rua 110, e Emery averiguou que o tipo que pretendeu ver Margaret às nove e meia foi antes um visitante habitual da moça.

– Isto me recorda a comunicação do inspetor Brenner – disse Markham, entregando ao sargento as notas que tomara. Heath leu-as com visível satisfação.

– É justamente o que eu supunha! Um trabalho de profissional, de quem conhece bem o manejo das ferramentas.

Vance interrompeu-o.

– E se é assim, por que esse hábil ladrão utilizou primeiro o atizador e não revistou o guarda-roupa? – Esclarecerei tudo isso. Preciso é encontrar o tal sujeito da camisa de seda.

– Como queira – respondeu Vance. – Não me interessa falar com ele.

De qualquer modo, não posso imaginar a cena de um arrombador profissional procurando abrir um cofre de aço com um atizador de ferro fundido.

– Esqueçamos o atizador – propôs Heath, asperamente. – O sujeito forçou o cofre com um formão de aço e esse mesmo formão serviu para um arrombamento no verão passado. Que me diz a isso? – Oh! Isso é o que me atormenta. Se não fosse essa desconcertante circunstância, eu, esta tarde, com o pensamento iluminado, estaria tomando chá em Claremont.

Nesse momento anunciaram o detetive Bellamy, e Heath pulou.

– Isso significa novidades sobre as impressões digitais – disse ele, esperançado.

Bellamy entrou calmamente e disse ao Procurador: – Venho da parte do capitão Dubois – e tirou do bolso um pequeno envelope de papéis, que, a um sinal de Markham, entregou ao sargento. – Fizemos a identificação. As duas impressões são da mesma pessoa, como dissera o capitão, e essa pessoa é Tony Skeel.

– O "Catita" Skeel, hem? – e Heath vibrava de contida excitação. – Sr. Markham, isto nos levará longe. Skeel é um ex-condenado e verdadeiro artista em seu ramo.

Abriu o envelope e tomou um cartão e uma folha de papel azulado, que examinou com grunhidos de satisfação, passando-os a Markham.

Vance e eu aproximamo-nos. Na parte superior do papel estavam as fotografias da galeria dos gatunos, mostrando o rosto, de frente e de perfil, de um homem jovem, feições vulgares, cabelo espesso. Seus olhos eram grandes e claros, e usava um bigodinho retorcido a cosmético, com as duas pontas levantadas. Sob a dupla fotografia vinha uma breve descrição do personagem, consignando o nome, apelido, residência, e medidas de Bertillon, e a espécie de sua profissão ilícita. Na parte inferior, dez quadrinhos, contendo cada um as impressões papilares das duas mãos.

– Então foi este *arbiter elegantiarum* quem introduziu a moda da camisa de seda para o traje de rigor! Meu Deus! Ele era capaz de fazer degenerar a moda até o uso de polainas com casaca. No inverno, os teatros têm tantas correntes de ar...

Quando Vance terminou suas irônicas apóstrofes, Heath disse a Markham: Esse é o nosso homem, sem dúvida alguma. Veja isto, e leu na ficha de identificação: "Tony ("Catita") Skeel. Dois anos no

reformatório Elmira, 1902, 1904. Um ano no cárcere de Baltimore Country, por furto, 1906. Três anos em San Quentin, por roubo, 1908, 1911. Preso em Chicago, por assalto a domicílio, 1912; impronunciado. Preso e processado por assalto em Albany, 1913, absolvido. Dois anos e oito meses em Sing-Sing, por assalto e roubo, 1914, 1916." Dobrou o papel e guardou-o: – Lindo recorde.

– Combina com o que o senhor esperava? – perguntou o impassível Bellamy.

– Como não! – disse Heath quase jovial.

Bellamy parecia estar esperando alguma coisa, com os olhos fixos no Procurador. Markham, como recordando de súbito, ofereceu-lhe charutos.

– Muito agradecido, senhor – disse Bellamy, servindo-se de dois "Mis Favoritas", legítimos cubanos, que pôs cuidadosamente no bolso, e retirouse.

– Sr. Markham, dê-me licença de usar seu telefone – disse Heath, e chamou a "Seção de Homicídios".

– Procure Tony Skeel, Catita Skeel, já, e traga-o logo que o encontre – foram as ordens que deu a Snitkin.

– Veja-lhe o endereço nos arquivos, e leve com você Burke e Emery.

Se resistir, deem um alarma geral e apoderem-se dele. alguns dos rapazes têm contas a ajustar com Skeel. Encerre-o sem registrá-lo. E escute. Revistelhe o quarto até encontrar ferramentas; deve tê-las escondido, mas eu quero é um formão de uma polegada e três oitavos com um "dente" na folha. Estarei na sede em meia hora.

– Agora vamos de vento em popa – disse depois de descansar o fone e esfregando as mãos.

Vance, que olhava pensativamente -pela janela, com as mãos nos bolsos, voltou-se e pôs em Heath os olhos contemplativos.

– Simplesmente, ele não é o autor do crime – assegurou. – Seu amigo Skeel pode ter andado às voltas com aquele cofre, mas a conformação da sua cabeça não indica o homem capaz de realizar a *performance* da noite passada.

Heath mostrou-se desdenhoso.

– Não sejamos frenólogos. Eu me guio pelo que dizem as impressões digitais.

– É um funesto erro da técnica da criminologia, meu caro sargento. A questão da culpabilidade neste caso não é tão simples como imagina. É um assunto terrivelmente complexo. A ficha dactiloscópica que o senhor tem no bolso não é senão um simples pormenor deste caso complicado.



## Uma entrevista forçada

(Terça-feira, 12 de setembro – 20:00 horas)

Markham convidou Vance e a mim para cearmos no Stuyvesant Club. A nossa presença em sua mesa era um meio de afugentar os amigos curiosos.

Chovia desde a tardinha e quando terminamos a refeição caía água a cântaros. Procuramos um recanto do salão de fumar, para repousarmos um bom momento.

Não estávamos aí há um quarto de hora, quando um senhor gordo, cara vermelha, cabelos raros e grisalhos, com uma atitude que denunciava petulância, se acercou e deu a Markham um jovial "boa noite".

Apesar de ver o recém-chegado pela primeira vez, percebi que era Charles Cleaver.

– Recebi seu recado no escritório. – Falava com voz aguda demais para a sua corpulência, mas cujo timbre indicava cálculo e frieza.

Markham levantou-se, apertou-lhe a mão e fez as apresentações. Cleaver sentou-se, tirou do bolso um "Corona", com meticuloso cuidado, cortou-lhe a ponta com um pequeno alicate que levava preso à corrente do relógio, acendeu o charuto e fumou com ar delicado.

– Lamento tê-lo incomodado, Sr. Cleaver – começou Markham – mas, como terá visto nos jornais, foi ontem assassinada uma jovem de nome Margaret Odell... Fez uma pausa, como procurando o modo de entrar em assunto assim delicado e esperando também que Cleaver dissesse alguma coisa. Mas nenhum músculo se moveu no rosto do homem. Markham prosseguiu: – No decurso das investigações, vim a saber que o senhor entre outros, teve com ela íntimas relações.

Outra pausa. Cleaver levantou as sobrancelhas quase imperceptivelmente e nada disse.

– O fato – prosseguiu Markham um pouco incomodado ante a atitude deliberadamente circunspecta do outro – é que o senhor foi visto com ela frequentemente quase dois anos, e o que se pode concluir disso é que esteve mais do que simplesmente interessado por ela.

– Sim? – fez Cleaver negligentemente.

– Sim – repetiu Markham. – E posso adiantar-lhe, Sr. Cleaver, que não é momento para dissimulações ou rodeios. Esta noite falo-lhe *ex officio*, pois, tendo a polícia suspeita de alguém, ocorreu-me que o senhor poderia auxiliar-nos.

– E de que modo eu poderia auxiliá-los? – O rosto de Cleaver permanecia impassível e só os seus lábios se moveram ao fazer a pergunta.

– Conhecendo a jovem como a conheceu – continuou Markham pacientemente – deve saber alguma coisa, confiada por ela em qualquer ocasião e que possa trazer alguma luz sobre o crime brutal de que foi vítima.

Cleaver ficou silencioso um momento, sem demonstrar emoção alguma.

– Temo que não lhe possa ser útil – disse afinal.

– Sua atitude não é a de um homem de consciência tranquila – replicou Markham, com ressentimento. O outro olhou-o com olhos inquiridores.

– Minhas relações com essa moça nada têm que ver com o seu assassinato, creia. Ela não me disse quem ia ser o criminoso, nem se alguém pretendia estrangulá-la. Se ela o soubesse, teria procurado evitar o estrangulamento.

Vance, que estava ao meu lado, sussurrou-me: – Markham encontrou-se com outro advogado. Pobre amigo!... Uma situação original.

Apesar, porém, da maneira auspiciosa em que começou, Cleaver em breve tinha de render-se ante a superioridade de Markham, o qual, não obstante sua delicadeza, era um antagonista enérgico e de grandes recursos.

Rebatendo as irônicas evasivas do gordo interlocutor, disse Markham de súbito: – O senhor não pode depor como testemunha em sua própria defesa, Sr.

Cleaver.

Cleaver olhou para longe e Markham em vão procurou perscrutar qualquer coisa naquelas feições deliberadamente impassíveis.

– Afinal, não é necessário, Sr. Cleaver, que terminemos aqui no clube a nossa palestra. Se prefere, eu amanhã mandarei intimá-lo, por um investigador, a comparecer à Procuradoria, para depor.

– Isso corre por sua conta – disse Cleaver, em tom hostil.

– E o que se disser nos jornais a seu respeito irá por conta dos jornalistas – replicou Markham. – Eu darei a eles informações sobre o caso e a nossa entrevista.

– Mas se eu nada tiver para dizer-lhe... – e o tom do outro foi subitamente conciliatório. A publicidade não lhe agradava muito.

– Já me disse isso – contestou Markham friamente. – Portanto, desejo-lhe boa noite.

E voltou para nós, em atitude de quem dá por terminada a conversação.

Cleaver, no entanto, permaneceu sentado, durante dois minutos, sem dizer nada. Depois deu uma pequena risada seca, que não lhe alterou a fisionomia.

– Que diabo! – exclamou, com fingido bom humor. – Que deseja saber? – O senhor sabe o que eu quero saber... Como vivia essa moça? Quem eram seus íntimos? Quem poderia desejar seu desaparecimento? Que inimigos tinha? Qualquer coisa que possa esclarecer a sua morte. E também – ajuntou com certa irritação – qualquer coisa que afaste o senhor mesmo de alguma possível suspeita de participação no crime...

Ante as últimas palavras do Procurador, Cleaver empertigou-se, começando a protestar, indignado. Mas, mudando logo de tática, sorriu com desdém, tirou da carteira um papel dobrado e entregou-o a Markham.

– Eu posso justificar-me com extrema facilidade. Aqui tem uma intimação urgente, feita em Boonton, Nova Jersey. Veja a data e a hora: 10 de setembro, onze e meia da noite. Eu ia de auto a Hopatoong e fui multado por excesso de velocidade, por um agente em motocicleta, quando passava em Boonton e me dirigia a Mountain Lakes. Devo comparecer ao tribunal amanhã de manhã. São uns tipos fastidiosos esses policiais das estradas.

E, dirigindo a Markham um longo olhar, prosseguiu: – Não me poderia ajudar neste caso? Jersey é longe e amanhã tenho muito que fazer...

Markham, que examinara ligeiramente o papel, pô-lo no bolso.

– Deixe o caso comigo – prometeu, sorrindo amigavelmente. – Digame agora o que sabe.

Cleaver chupou o charuto pensativamente e, com fingida serenidade, começou: – Não sei se

minhas informações terão utilidade... Eu gostei, de fato, da Canária, e estive algum tempo unido a ela. Fiz muitas coisas que bem se poderiam chamar de loucuras; escrevi-lhe várias cartas, bem tolas, quando estive em Cuba, o ano passado. Até cheguei a levá-la a Atlantic City. – Aqui fez um gesto de censura a si mesmo. – Então, começou ela a tornar-se fria, a faltar a vários encontros comigo. Mandei-a para o demônio e como resposta ela me pediu dinheiro...

Deteve-se e olhou a cinza do charuto. Vimos nos seus olhos um brilho mau, os músculos do queixo retesaram-se-lhe.

– Como lhe disse, ela possuía essas cartas e outras coisas, e, para devolver-mas, queria uma bela quantia...

– Quando se deu isso? Houve um momento de vacilação.

– Em junho passado. – E continuou apressadamente: – Sr. Markham – sua voz era amarga – eu não quero atirar lama sobre uma pessoa morta, mas essa mulher foi a mais astuta e a mais gananciosa chantagista que a desgraça me pôs no caminho. E digo-lhe: não fui o único incauto a quem ela extorquiou. Outros tiveram igual sorte. Por acaso, sei que ao velho Mannix ela tirou uma soma enorme... ele mo disse.

– Poderia dizer-me o nome de algumas dessas pessoas? De Mannix já sabia...

– Não, não posso – disse Cleaver com pesar. – Vi a Canária com várias pessoas diferentes, em particular com um, ultimamente. Mas eram desconhecidos para mim.

– Suponho que o "caso" Mannix já terminou? – Sim, história velha. O senhor nada adiantará por esse lado. Mas há outros mais recentes, que devem saber alguma coisa. A questão é encontrá-los.

Eu sou um homem conformado. Sempre tomo as coisas como vêm. Mas há muitos que devem ter-se revoltado.

Cleaver, apesar de sua afirmativa, era um homem frio, não sereno, cujo domínio de si mesmo não passava de uma atitude política e premeditada.

Markham olhou-o fixamente e perguntou: – Crê, então, que a morte dela seja a vingança de algum admirador desiludido? Cleaver refletiu um momento.

– É possível. Ela estava cavando a própria ruína.

– Não chegou a conhecer um rapaz por quem ela se interessava... bem parecido... bigode ruivo, olhos azul-claros... chamado Skeel? Cleaver assobiou levemente.

– Essa não era a especialidade da Canária... ela não se interessava pelos rapazes... creio eu.

Nesse momento, um garçom se aproximou de Cleaver: – Queira perdoar... Estão chamando o senhor seu irmão ao telefone.

Dizem que é urgente, e, como ele não está no clube, não poderia informar onde será encontrado? – Como posso sabê-lo? – disse Cleaver encolerizado. – Não me aborreçam mais com os seus chamados.

– Seu irmão está na cidade? – perguntou Markham. – Eu o conheci há muitos anos. Ele é de São Francisco, não é verdade? – Sim; californiano fanático. Esta visita de alguns dias a Nova York fá-lo á gostar mais de São Francisco.

Pareceu-me que estas informações eram dadas a contragosto por Cleaver. Markham, aparentemente, estava muito preocupado paia notar esta confusão, e continuou o assunto.

– Sei de um homem que ultimamente se tinha interessado muito por Margaret Odell. Talvez seja o mesmo a quem o senhor se referia há pouco. É alto, com quarenta e cinco anos, usa bigode curto. (Percebi que se tratava de Spotswood.) – É esse mesmo. Vi-o com Margaret na semana passada, no "Mouquin's".

– Infelizmente, esse está fora da questão. Veja se se recorda de algum outro.

Cleaver refletiu um momento.

– Se se trata somente de indicar algum que haja gozado da confiança de Margaret, posso mencionar o doutor Lindquist... Ambrosio Lindquist, que mora pela Rua 40, próximo à Avenida Lexington. Não sei se ele será de utilidade para o senhor mas teve intimidade com ela durante algum tempo.

– Quer dizer que ele teve por Margaret um interesse mais do que profissional? – Não direi tanto... Os fatos são estes: Lindquist é um desses especialistas da alta sociedade. É neurólogo, diretor de um hospital particular para mulheres nervosas. Deve ter dinheiro e a sua posição social era para a Canária um excelente meio de obter ingressos em salões. Sei que ele a visitava muito mais amiúde do que um médico de sua posição costuma fazer.

Uma noite encontrei-o no apartamento dela, e na apresentação ele não foi muito polido.

– Não conhece mais ninguém? – Não; ninguém.

– E ela nunca lhe manifestou temor de alguém? – Nem uma palavra. A verdade é que eu não sabia do crime. Leio somente o "Herald" e esta manhã ele nada dizia. À tarde, após a ceia, ouvi no bilhar uns rapazes comentando o fato e procurei então um vespertino para ler. Fiquei impressionado.

Até às oito e meia Markham falou ainda com Cleaver sobre o caso, mas nada mais apurou.

– Sinto – disse Cleaver, levantando-se – não lhe poder ser de mais utilidade.

– Você manejou esse pegajoso desportista com bastante habilidade – disse Vance quando ele saiu. – Ele tem qualquer coisa de singular e mau. A transição entre sua teimosia em nada dizer e a loquacidade posterior foi muito repentina... suspeitosamente repentina, na verdade. Posso enganar-me, mas ele não diz a verdade. Talvez seja uma simples antipatia da minha parte pelos seus olhos frios e esbugalhados, que em nada se harmonizam com a franqueza.

– Considerando a difícil posição em que se encontra, devemos ser benevolentes – disse Markham.

– Não é agradável a ninguém ter de confessar que foi explorado por uma "sereia".

– E se obteve a devolução das cartas em junho, por que continuou a fazer-lhe a corte, conforme informou Heath? – Talvez seja um perfeito galã... – disse Markham. – De qualquer modo, no que se refere ao Dr. Lindquist, deu-nos uma excelente informação.

– De acordo. Esse ponto merece crédito, porque foi, em toda sua história passional, o que relatou com uma descrição decente. Aconselho-o a que veja imediatamente esse esculápio do belo sexo.

– Estou morto de cansaço – disse Markham. – Deixemos para amanhã.

Vance olhou o relógio sobre a lareira.

– Já é tarde, admito. Mas, como aconselha Pitticus, "Se deixas escapar a fortuna, jamais a encontraras: a ocasião-que passa a teu lado tem um só cabelo atrás." – Bem, vamos, antes que comeces com a tua erudição.





## Procurando informações

(Terça-feira, 12 de setembro – 21:00 horas)

Dez minutos mais tarde, tocávamos a campainha de uma antiga e imponente casa de pedra, na Rua 44 Leste.

Um deslumbrante mordomo, em traje de gala, abriu a porta. Markham deu-lhe o seu cartão.

– Entregue isto ao doutor e diga-lhe que é urgente.

– O doutor está terminando de cear – disse-nos o resplandecente fâmulos, conduzindo-nos a uma sala de recepção, ricamente mobiliada, com fundas e confortáveis poltronas, cortinados de seda e luzes veladas.

– Um típico serralho de ginecologista – observou Vance. – Garanto que o paxá mesmo é um personagem elegante e majestoso.

A previsão realizou-se. Momentos após entrava o Dr. Lindquist, examinando o cartão do Procurador como se fosse escrito em indecifráveis caracteres cuneiformes. Era um homem alto, de quarenta anos, com abundantes cabelos e sobrancelhas cerradas, e de tez anormalmente pálida.

Seu rosto era grande e, apesar da assimetria das feições, podia ser considerado um homem bem parecido. Vestia traje de rigor, e toda a sua atitude respirava a certeza da própria importância. Sentou-se a uma secretária de forma singular e pôs em Markham uns olhos cortesmente interrogativos.

– A que devo a honra desta visita? – perguntou com voz afetadamente melodiosa, arrastando muito as sílabas. – Foi muita sorte a sua encontrarme em casa – continuou, sem dar tempo a Markham de responder. – Eu dou consulta aos meus clientes mediante hora previamente marcada.

Percebia-se que esse homem experimentava certa humilhação em receber-nos sem algumas demoras cerimoniais.

Markham, cujo temperamento era avesso a quaisquer circunlóquios, foi diretamente ao assunto.

– Minha visita não é uma consulta, doutor. Tenho que falar-lhe sobre uma de suas últimas clientes, a senhorita Margaret Odell.

O doutor olhou um pesa-papel que estava na sua frente, com ar distante.

– Ah! sim. Miss Odell. Acabo de ler qualquer coisa sobre sua morte violenta. Em que posso servi-lo? O senhor compreenderá, sem dúvida, que as relações entre médico e cliente têm um caráter sagrado...

– Compreendo perfeitamente – disse Markham de modo seco. – Por outro lado, é dever sagrado de todo cidadão auxiliar as autoridades para que os criminosos sejam entregues à justiça. E, se alguma coisa nesse sentido o senhor me puder dizer, espero que o fará.

O doutor levantou as mãos, num protesto cortês. – Eu farei, está claro, tudo o que possa, desde que

o senhor diga o que deseja.

– Não há necessidade de rodeios, doutor. Sei que Miss Odell foi sua cliente muito tempo e é possível, para não dizer quase certo, que ela lhe tenha falado de assuntos que se possam relacionar com sua morte.

– Mas, meu caro Sr... – e o Doutor Lindquist lançou um ostensivo olhar ao cartão – ah...

Markham, minhas relações com Miss Odell foram exclusivamente profissionais.

– Estou informado, entretanto, – aventurou Markham – de que, se é verídico o que o senhor diz, em sentido técnico, não é menos certo que nessas relações houve qualquer coisa de particular. Posso talvez dizer que o seu interesse profissional transcendeu um pouco da ciência.

Percebi que Vance ria à socapa, e eu próprio mal pude deixar de sorrir ante a elocução de Markham. Lindquist, porém, não se alterou.

– Confessarei, em homenagem à mais estrita verdade, que durante o largo tratamento desse caso eu terminei considerando a jovem com certo...

sentimento de paternal simpatia. Mas, duvido até de que ela percebesse esse tão moderado sentimento de minha parte.

– E ela nunca lhe falou em qualquer assunto que a preocupasse com ansiedade? Lindquist uniu os dedos das mãos diante do rosto, como concentrando todo seu interesse na pergunta.

– Não, não me recordo de uma única manifestação dessa natureza. – Suas palavras eram medidas e polidas. – Sei, naturalmente, seu modo de viver, mas não conheço pormenores a respeito. A desorganização de seus nervos, segundo a conclusão a que cheguei no diagnóstico, era devida às noites, excitações, refeições abundantes e irregulares... coisas, creio, comuns à gente do teatro. E a mulher moderna, nesta idade febril, senhor...

– Quando a viu pela última vez? – interrompeu Markham, impaciente.

O médico fez um gesto de eloquente surpresa.

– Quando a vi pela última vez? Deixe-me pensar... Faz uns quinze dias, talvez... ou quem sabe mais... Realmente não me posso recordar agora...

Quer que vejamos o fichário? – Não há necessidade – disse Markham e, olhando o médico com uma original afabilidade: – E essa última visita foi profissional ou paternal? – Profissional, naturalmente.

Os olhos do médico permaneciam impassíveis, mas pareceu-me que isso não era o reflexo de sua alma.

– O encontro teve lugar aqui, ou no apartamento dela? – Creio que a visitei em sua casa.

– O senhor visitava-a muito amiúde, doutor; assim me informaram... e visitava-a em horas impróprias. Isto concorda com o seu método de só atender em horas marcadas previamente? O tom de Markham era delicado, mas a pergunta indicava sua irritação ante a suntuosa hipocrisia de Lindquist, que suavemente iludia o dever de prestar informações.

Antes que ele pudesse responder, o mordomo apareceu e silenciosamente apontou para um telefone interno que estava sobre a mesa. O médico desligou o auricular, com uma mesura de escusa para nós.

Vance aproveitou a oportunidade para garatujar qualquer coisa em um pedaço de papel, que subrepticamente passou a Markham.

Terminada a comunicação telefônica, o médico acomodou-se na cadeira, com atitude arrogante, encarando friamente Markham.

– É função do Procurador do Distrito aborrecer médicos respeitáveis com perguntas insultuosas? Eu não sabia que fosse ilícito, nem original, que um médico visitasse seus clientes.

– Eu não discuto "agora" – e Markham frisou a palavra – suas infrações à lei; mas, uma vez que o

senhor mesmo sugere essa possibilidade, de que eu não cogitava, responda-me, tenha a bondade: onde estava, ontem, entre onze horas e meia-noite? A pergunta produziu efeito. O médico levantou-se lentamente e fitou os olhos que despediam raios. Sua máscara caiu instantaneamente; sob sua cólera reprimida eu descobri outra emoção: sua atitude ocultava um temor e sua indignação velava uma terrível angústia.

– Meus atos da noite passada não lhe dizem respeito. – Falou com esforço, respirando ruidosamente.

Markham ficou imóvel, com os olhos fixos no rosto do homem que tremia todo. Essa calma observação deu por terra com a serenidade do médico.

– Que pretende o senhor, introduzindo-se aqui com as suas desprezíveis insinuações? – Seu rosto lívido tinha agora manchas arroxeadas e estava crispado espantosamente; as mãos faziam gestos espasmódicos e todo o seu corpo vibrava. – Fora daqui!... O senhor e os seus dois esbirros!... Saia, antes que eu o mande por na rua! Markham, também encolerizado, ia responder, mas Vance tomou-lhe do braço.

– O doutor insinua delicadamente que nos retiremos – e com surpreendente brandura levou Markham para fora da sala.

Quando estávamos de novo no táxi, de volta para o clube, Vance comentou jovialmente.

– Um formoso espécime, esse! Paranoia ou melhor, loucura maníacodepressiva...

uma espécie da "loucura circular"... sofrendo períodos de excitação maníaca, com alternativas de inteira calma. De toda maneira, a sua desordem pertence às psicoses, associada à decadência do instinto sexual.

Está na idade. Degenerado neurótico é esse odioso Hipócrates. Mais um minuto e ele o agrediria. Meu Deus! Fiz bem em retirá-lo dali. Esses tipos são tão perigosos como uma cascavel.

Veja, Markham amigo, você deve prestar mais atenção às conformações cranianas das pessoas. Não notou, porventura, a fronte larga e retangular desse cavalheiro, os seus olhos pálidos e luminosos, e as orelhas com o arco superior tão delgado e os lóbulos fendidos?... Um sabidão, este Ambrósio mas um imbecil moral. Tome cuidado com essas caras pseudoperiformes, Markham; deixemos a sua semelhança com o Apoio grego para as mulheres ingênuas.

– Que saberá esse homem? – perguntou Markham.

– Oh! Alguma coisa ele sabe, sem dúvida. E, se soubéssemos isso, estaríamos mais adiantados na investigação. Além disso, as informações que oculta devem relacionar-se com ele próprio e de modo pouco agradável. O seu temor revela isso mesmo.

– Sim – disse Markham. – A minha última pergunta, sobre o que fizera a noite passada, teve o efeito de uma bomba. Que lhe induziu a sugerir-me que o interrogasse a respeito? – Uma porção de coisas... sua gratuita e mentirosa declaração de que acabara de saber do crime, sua insincera devoção pelo caráter sagrado do segredo profissional a cautelosa confissão de um interesse paternal pela moça; o fingido esforço para recordar-se de quando a vira pela última vez. E, por fim, as indicações psíquicas de sua fisionomia.

– Pode ser – admitiu Markham – mas eu preciso vê-lo outra vez.

– Assim será. Pegamo-lo desprevenido, mas quando ele refletir virá espontaneamente, com o rabo entre as pernas. Hoje está terminado o serão e você pode descansar até amanhã.

Não terminara, porém, o serão, quanto ao caso Odell. Mal nos havíamos sentado no salão do clube, quando se acercou de nós um cavalheiro, que saudou cortesmente Markham. Este, com surpresa minha, levantou-se, apertou-lhe a mão e convidou-o a sentar-se.

– Tenho alguma coisa mais a perguntar-lhe, Sr. Spotswood, se pode agora atender-me.

Ao ouvir mencionar esse nome, olhei-o com atenção, pois tinha curiosidade em conhecer o

anônimo companheiro de Odell. Spotswood era o tipo do aristocrata da Nova Inglaterra: inflexível, lento nos movimentos, reservado, trajando com seriedade, mas na moda. Seu cabelo e bigode eram já grisalhos, o que ressaltava as boas cores do rosto. Tinha quase seis pés de altura e era bem proporcionado, mas um pouco anguloso.

Markham apresentou-nos, dizendo-lhe que acompanhávamos as investigações e merecíamos toda a confiança.

– Estou em suas mãos, Sr. Markham – disse ele com voz sonora e agradável – e concordo com tudo o que quiser. – Voltou-se para Vance, com um sorriso de desculpa. – Estou em uma posição muito desagradável e por isso parecerei um pouco sensível.

– Eu sou um pouco herege – disse-lhe Vance com um sorriso de simpatia – e de nenhum modo tenho inclinação para moralista. Tenho neste caso uma atitude puramente intelectual.

– Quisera eu que minha família tivesse um ponto de vista semelhante; mas não creio que ela seja tolerante com as minhas fraquezas.

– Posso dizer-lhe, Sr. Spotswood – interveio Markham – que há somente uma possibilidade de ser chamado a depor. O homem levantou os olhos com rapidez e seu rosto ensombreceu-se, mas não fez comentário algum.

– O fato é – continuou Markham – que estamos na iminência de fazer uma prisão, e talvez o seu depoimento seja necessário, para precisar a que horas Miss Odell regressou do teatro, e também a circunstância de que possivelmente havia alguém oculto no apartamento, cujo aparecimento determinou os gritos de socorro da moça. Isso pode constituir uma prova cabal para a sentença.

Spotswood pareceu aterrado ante a ideia de que suas relações com Miss Odell viessem a público, e por vários momentos permaneceu em silêncio.

– Compreendo o seu ponto de vista – disse afinal. – Mas, para mim, será uma coisa terrível que os meus pequenos delitos sejam conhecidos.

– Isso talvez se possa evitar – consolou-o Markham. – Prometo que somente será chamado se for absolutamente necessário. E agora, quero perguntar-lhe: Conheceu um doutor Lindquist, que foi muito tempo médico de Miss Odell? Spotswood pareceu confuso.

– Nunca ouvi esse nome – respondeu. – Na verdade, Miss Odell nunca me falou em médico algum.

– E nunca a ouviu falar em um tal Skeel... ou referir-se a um certo Tony? – Nunca. – Sua resposta foi categórica.

Markham ficou num silêncio de aborrecimento e Spotswood parecia imerso em sonho.

– Como sabe, Sr. Markham – disse ele afinal – eu me envergonho de confessar, mas sentia pela jovem uma viva afeição. Suponho que tenham conservado intacto o apartamento... não? – Titubeou e teve nos olhos uma expressão de quem implorava. – Não seria possível eu ir ver aquilo outra vez? Markham olhou-o com simpatia, mas sacudiu a cabeça.

– Creio isso impraticável. O senhor seria reconhecido pelo telefonista, ou por algum repórter e me seria impossível então mantê-lo alheio ao caso.

Ele pareceu contrariado, mas nada disse.

– Sr. Spotswood – disse Markham – não houve nada de anormal durante a meia hora que estive com Miss Odell, após o teatro? – Anormal? – O gesto do homem denunciou assombro.

– Ao contrário. Conversamos um momento e, como lhe notasse cansaço, despedi-me, combinando que almoçaríamos juntos hoje.

– No entanto, parece certo que naquele momento estava outro homem, oculto, no apartamento.

– Não há dúvida – concordou Spotswood, com um estremecimento imperceptível. – E os gritos dela parecem indicar que ele deixou o esconderijo pouco depois de eu sair.

– E não teve nenhuma suspeita quando ouviu os gritos? – A princípio alarmei-me, naturalmente. Mas quando ela me afirmou que não era nada, que eu fosse para casa, atribuí os gritos a um pesadelo, pois eu a deixara cansada e reclinada no grande sofá, de cuja direção mesmo parecia virem os gritos. Convenci-me de que ela adormecera e gritara sonhando. Antes eu não tivesse acreditado...

– É uma situação esquisita – disse Vance. – Notou, por acaso, se a porta do guarda-roupa da sala estava aberta? Spotswood franziu as sobrancelhas, tentando reconstruir o quadro.

– Creio que estivesse fechada, pois do contrário eu provavelmente a notaria.

– Não pode então recordar se a chave estava ou não na fechadura? – Bom Deus! Nem sabia se ele tinha chave! Conversamos mais meia hora e Spotswood retirou-se.

– Coisa curiosa – disse Markham – como um homem nestas condições pode sentir-se atraído por uma cabeça de vento, uma mariposa...

– Eu acho muito natural – replicou Vance. – Você é um moralista incorrigível.



## Prova circunstancial

(Quarta-feira, 13 de setembro – 9:00 horas)

O dia seguinte, terça-feira, não somente trouxe importantes desenvolvimentos ao caso Odell, como marcou o início da ativa colaboração de Vance nas investigações. Os elementos psicológicos que concorriam no caso atraíram-no de modo irresistível e ele compreendeu que não se chegaria a uma solução pelos métodos usuais da polícia. A seu pedido, Markham veio buscar-nos às nove horas da manhã e fomos os três diretamente para o gabinete do Procurador.

Quando chegamos, Heath já nos esperava impaciente. Sua ansiosa e quase triunfante atitude indicava boas novas.

– As coisas vão de bom a melhor – disse quando nos sentamos.

Quanto a ele, estava jubiloso demais para sentar-se, e manteve-se diante do Procurador, revolvendo entre os dedos um enorme charuto escuro. – Pegamos o "Catita" Skeel, ontem, às seis da tarde, e trouxemo-lo direto aqui.

Um dos rapazes da Seção, chamado Riley, que estava de serviço na Sexta Avenida, na altura da Rua 30, viu-o passar muito apressado, de automóvel, e parar diante da casa de penhores Mc Anerny. Sem perder tempo, Riley fez sinal a um agente do tráfego e seguiu o "Catita" dentro da casa. Pouco depois, chegavam o agente do tráfego com outro policial e os três agarraram o nosso elegante amigo, no momento em que ia empenhar esta joia.

E mostrou um anel de brilhantes engastados em platina filigranada, que pôs sobre a mesa do Procurador.

– Quando o trouxeram, mandei Snitkin mostrar o anel à criada, e ela reconheceu-o como sendo de Odell.

– Mas, pergunto eu: esse anel não fazia parte das joias que a dama usava aquela noite, sargento? – Vance fez a pergunta com ar descuidado.

Heath vibrou dos pés à cabeça e olhou Vance com olhos malévolos.

– E que tem isso? O anel saiu do cofre, ou então eu sou Ben-Hur.

– Não há dúvida; saiu de lá – murmurou Vance, voltando à sua meditação.

– E por isso digo que estamos com sorte – disse Heath, voltando-se para dirigir-se a Markham. – Este anel relaciona diretamente Skeel com o crime e o roubo.

– Que disse ele sobre isso? Naturalmente interrogou-o, não? – perguntou Markham com grande interesse.

– Sim, interroguei-o – respondeu o sargento, com um certo desânimo.

– Estivemos toda a noite ocupados nisso. E a história que ele conta é esta: diz que a moça lhe deu

o anel há uma semana e que não tornou a vê-la até ontem, à tarde. Foi ao apartamento entre as quatro e as cinco (o senhor recordar-se-á que a criada declarou ter-se ausentado precisamente nesse intervalo); que entrou e saiu pela porta lateral, que estava sem os ferrolhos.

Admite ter voltado às nove e meia, mas que, não a encontrando, voltou diretamente para casa e ali ficou. A prova que oferece é ter estado com a senhoria de sua casa, até depois da meia-noite, jogando o Khun Khan e bebendo cerveja. Esta manhã eu fui lá e a mulher confirmou tudo. Isso, porém, pouco vale, porque a casa onde vive Skeel é um ninho de ratos e a dona, além de ser bêbada, foi presa várias vezes por ter roubado no mercado.

– Que diz Skeel sobre as impressões digitais? – Diz, é claro, que as deixou de tarde.

– E a impressão que há no guarda-roupa? – Também tem explicação para ela. Diz que lhe pareceu ouvir que alguém entrava e escondeu-se no guarda-roupa, a fim de não ser visto e não prejudicar algum "negócio" da Odell.

– É um louvável procedimento não desmanchar prazeres alheios – disse Vance. – E que lealdade, hem? – O senhor não acredita nessa peta, não é verdade, Sr. Vance? – perguntou Heath, com indignada surpresa.

– Não sei. Mas nosso Skeel sabe urdir bem o conto.

– Engenhoso demais, parece – grunhiu Heath.

– Foi tudo que conseguiu dele? – perguntou Markham, evidentemente pouco satisfeito com o resultado.

– Tudo. Agarrou-se a essa história como sanguessuga.

– Não encontraram nenhum formão no quarto? – Não. Mas, é claro que ele não o guardaria em casa. Markham refletiu um momento.

– Não parece que as coisas marchem bem, por muito que estejamos convencidos da culpabilidade de Skeel. O álibi por ele apresentado, alegando estar em casa no momento do crime, se para nós é inconsistente, para o júri será válido diante do depoimento do telefonista.

– E que me diz do anel, senhor? – Heath estava desesperadamente desgostoso. – E as ameaças que ele fizera, e as impressões digitais, e os seus antecedentes como gatuno? – Fatores concorrentes, apenas. Precisamos de fatos e circunstâncias incontrovertidas. Um bom advogado inocentaria Skeel em vinte minutos. Veja que não é impossível que a moça lhe tenha dado o anel há uma semana...

lembre-se de que a criada conta que, mais ou menos nessa época, ele exigiu dinheiro de Odell. E não temos argumentos para demonstrar que as impressões digitais não houvessem sido deixadas de tarde. Mais ainda r como dizer que era dele o formão, se não sabemos qual o autor do roubo em Park Avenue? Tudo o que ele conta coincide exatamente com os fatos, e não temos nada de positivo para desmenti-lo.

Heath encolheu os ombros, desolado.

– Que vamos fazer dele? – perguntou. Markham refletiu um momento.

– Quero falar com ele.

Apertou um botão e ordenou a um funcionário que preenchesse a ordem de prisão.

– Interrogue-o sobre essas camisas de seda – sugeriu Vance. – E, se puder, averigúe se ele considera de rigor o colete branco com o *dinner jacket*.

– Isto não é uma alfaiataria – replicou Markham.

– Mas, meu querido Markham, você podia aprender mais. alguma coisa com esse Petrônio. Dez minutos mais tarde, entrava um inspetor trazendo o prisioneiro algemado.

A aparência de Skeel essa manhã desmentia o seu apelido de "Catita".

Estava pálido e abatido; os acontecimentos da noite anterior tinham deixado sinal. A barba crescida, o cabelo desgrenhado, as pontas do bigode caídas, a gravata amarrotada. Apesar de tudo, sua

atitude era altiva e desdenhosa.

Lançou a Heath um olhar de esguelha e ficou diante do Procurador do Distrito com um ar fanfarrão.

Interrogado, contou a mesma história. Frisou cada um dos pormenores, demonstrando saber tudo na ponta da língua.

Markham apertou, ameaçou e intimidou o "Catita". Abandonando a sua habitual afabilidade, parecia uma impiedosa máquina de inquérito. Tudo em vão. Os nervos de Skeel eram de aço e a sua tenacidade causou-me admiração, apesar da repulsa que eu sentia por ele.

Meia hora depois, Markham deu o interrogatório por terminado, completamente decepcionado, e ia mandá-lo embora quando Vance se ergueu vagarosamente e, apoiando-se à mesa do Procurador, contemplou Skeel com amável curiosidade.

– Então você é amante do Khun Khan? Jogo sem graça, não acha? Mas, é mais interessante do que o Coquai e o Rum. Nos clubes de Londres gostam muito dele. Creio que foi inventado na Índia Oriental... Vocês aqui jogam o Khun Khan com um ou dois baralhos? Na frente de Skeel fez-se uma ruga. Habitado à violência dos promotores, aos métodos contundentes da polícia, estranhava aquele novo tipo de inquisidor. E via-se que estava confuso e temeroso. Mas decidiu resistir com firmeza, olhando Vance com igual expressão, risonha e indiferente.

– Diga-me uma coisa: quando estava escondido no guarda-roupa de Odell, podia ver o sofá pelo buraco da fechadura? – perguntou Vance no mesmo tom. O sorriso apagou-se instantaneamente no rosto de Skeel.

– Meu amigo – continuou Vance, sem lhe tirar os olhos do rosto – por que não deu o alarma? Vi que, apesar da imobilidade do rosto, as pupilas de Skeel se dilatavam.

Markham, creio eu, notou a mesma coisa.

– Não se incomode em responder – atalhou Vance quando os lábios do outro se moveram para falar. – Mas, diga-me: não ficou horrorizado com a cena? – Não sei de que fala – replicou Skeel com impertinência. Mas, apesar de todo o seu sangue-frio, notava-se a insinceridade de suas maneiras. No desejo de aparentar calma, o gesto e a voz o traíam.

– Uma situação pouco agradável, hem? – continuou Vance sem dar atenção à resposta do outro. – Que sentiu você naquele momento, agachado na escuridão, quando a maçaneta da porta do guarda-roupa foi movida por alguém que queria abri-la? Os olhos de Vance perscrutavam o rosto do homem, mas a sua voz continuava indiferente.

Os músculos do queixo de Skeel retesaram-se; não disse, porém, uma palavra.

– Boa ideia a sua, de fechar-se por dentro – prosseguiu Vance. – Imagine se ele consegue abrir a porta... Meu Deus! Que aconteceria?...

Fez uma pausa e sorriu, com uma doçura cruel, pior que qualquer ameaça.

– Tinha preparado para ele o seu formão de aço? Talvez o homem fosse mais forte que você... Não chegaria a sentir na garganta as suas mãos de ferro antes de poder feri-lo? Pensou em tudo isso, na escuridão? Ah! Não era uma situação agradável. Foi horrível! – A que vêm esses disparates? – perguntou Skeel com insolência. – O senhor está sonhando...

Mas, nesse momento, esqueceu sua atitude e pareceu que ante seus olhos passava uma visão de horror. O seu esmorecimento, porém, foi passageiro; quase em seguida ostentou o mesmo sorriso desdenhoso de antes.

Vance voltou à sua cadeira com passo preguiçoso e estendeu-se negligentemente, como se todo o caso houvesse perdido o interesse para ele.

Markham acompanhara o pequeno drama atentamente.



Heath é que fumava absolutamente aborrecido. O silêncio que se seguiu foi rompido por Skeel.

– Bem, suponho que me vão prender. Já o decidiram, não? Processem-me e prendam-me! – Riu com sarcasmo. – Meu advogado é Abe Rubin e devem avisá-lo pelo telefone que eu quero vê-lo.

Markham fez um sinal ao inspetor para que levasse Skeel.

– Que pretendia você obter? – perguntou Markham a Vance, depois que levaram o prisioneiro.

– Nada mais que uma noção, uma leve réstia de luz. Creio que o Sr.

Skeel. deve ser persuadido a nos abrir o seu coração. Por isso eu o tratei com doces palavras.

– Isso era uma troca – resmungou Heath. – Eu esperava a todo o momento que o senhor lhe perguntasse se conhecia o jogo do emboque ou se a avó dele foi uma coruja.

– Meu caro sargento, não seja tão áspero. Eu não suportaria muito tempo um interrogatório semelhante. E, falando sério agora, não lhe sugeri nada a minha conversa com ele? – É claro que sim. O senhor deu a entender que, enquanto Margaret Odell era estrangulada, Skeel estava escondido no guarda-roupa. Mas, aonde nos levaria isso? Isso inocentaria Skeel, apesar de o trabalho ser de um profissional e de o termos pegado com a mão na massa.

E, voltando-se para o Procurador: – E agora, que faremos? – Eu preferia nem pensar neste embrulho todo. Se Skeel tem Abe Rubin como defensor, não há probabilidades no caso.

Eu estou convencido de que este sujeito está metido no crime, mas nenhum juiz julgará pela minha opinião.

– Podíamos soltar o "Catita" e fazê-lo vigiar por dois homens – sugeriu Heath. – Talvez o agarrássemos fazendo alguma coisa que o comprometesse neste assunto.

Markham refletiu um momento.

– Pode ser um bom plano – concordou. – A verdade é que, se o mantivermos preso, nenhuma prova obteremos contra •ele.

– Parece-me que essa é nossa única probabilidade, senhor.

– Muito bem, sargento. Convença-o de que o deixamos em paz: talvez ele se descuide. Deixo tudo em suas mãos. Ponha-lhe dois homens no encalço, dia e noite. Alguma coisa sairá daí.

Heath ergueu-se com toda a aparência de um homem infeliz.

– O.K. – respondeu.

– E eu gostaria de saber mais a respeito de Charles Cleaver – acrescentou Markham. – Descubra tudo que puder sobre as relações dele com Margaret Odell. Diga-me também algo sobre o Dr. Ambroise Lindquist, sua vida pregressa, seus hábitos. Você conhece o caso. Ele tratava a pequena de alguma doença misteriosa ou imaginária; e eu acho que ele está escondendo algo. Mas não o aborde pessoalmente – por enquanto.

Heath escreveu o nome em seu caderninho de notas, sem entusiasmo.

– E, antes de libertar o seu elegante preso, verifique se ele não traz consigo uma chave capaz de abrir o apartamento da falecida – aduziu Vance, bocejando.

Heath sorriu.

– Ora, até que é uma boa ideia... Engraçado... isso nem se havia ocorrido.

E, apertando as mãos de todos nós, saiu.



## Um galã impenitente

(Quarta-feira, 13 de setembro – 10:30 horas)

Evidentemente, Swacker esperava a oportunidade para introduzir-se, porque, apenas Heath deixou o gabinete, ele entrou.

– Estão aí os jornalistas, senhor Procurador – disse, fazendo um trejeito com a boca. – O senhor dissera que os receberia às dez e meia.

Obedecendo a um sinal de cabeça do seu chefe, o secretário abriu a porta e logo uns doze ou mais rapazes da imprensa entraram em tropel.

– Esta manhã, nenhuma pergunta, por favor – disse Markham cortesmente. – É muito cedo ainda, mas dir-lhes-ei tudo que sabemos...

Estou de acordo com o sargento Heath: foi um profissional do crime o assassino de Miss Odell, o mesmo do assalto à casa Arnhein, na Park Avenue, o ano passado.

Brevemente contou as pesquisas do inspetor Brenner relativamente ao formão.

– Não fizemos prisões, mas esperamos uma para breve. Na verdade, a polícia segue o caso bem de perto, mas com toda a cautela, para evitar absolvições no tribunal. Já recuperamos algumas das joias que faltavam.

Falou com os jornalistas uns cinco minutos, mas nada referiu sobre o depoimento da criada e do telefonista, nem citou nomes. Quando ficamos de novo a sós, Vance exclamou: – Uma saída de mestre, meu caro Markham! A tarimba serve para alguma coisa. "Já recuperamos algumas joias que faltavam..." Grandes e sábias palavras! Não é um embuste, não... Mas, como despistam os curiosos... Na verdade, cada vez mais eu acredito na arte de *suggestio falsi* e *suppressio veri*. Você será coroado com um diadema de mirtos.

– Bem, deixemos de lado isso. Agora que Heath foi embora, não me dirá você o que queria quando soltou aquele palavrório todo com Skeel? Que pretendia com aquelas alusões a armários tenebrosos, alarmas, dedos que se apertam, olhadelas pela fechadura, etc, etc? – Bem – respondeu Vance – não pensei que o meu inocente método verbal merecesse tanta crítica. O elegante Tony tinha-se sem dúvida ocultado no guarda-roupa na noite fatal e eu queria saber a hora exata em que ele fez isso.

– E conseguiu-o? – De modo concludente, não... – e Vance meneou a cabeça com um ar triste. – Você sabe, Markham, que eu sou o orgulhoso possuidor de uma teoria... vaga, obscura e quase ininteligível. E, mesmo quando a verificássemos, de nada serviria, por que vinha deixar a situação ainda mais incompreensível do que está. Quase desejaria não ter interrogado aquele simpático cavalheiro que Heath nos trouxe. Confundi-me as ideias de um modo horrível.

– Ao que compreendo, julga você que Skeel presenciou o assassinato. É essa a sua teoria? – Em

parte, é isso mesmo.

– Meu caro Vance, você me assombra! – e Markham riu com vontade.

– Então Skeel, de acordo com a sua teoria, é inocente; mas o que ele sabe, não diz e inventa um alibi. É um caso raro! – Eu sei... – disse Vance. – É uma embrulhada... E, no entanto, essa ideia me persegue...

– Percebe você que, pela sua teoria, quando Spotswood e Odell voltaram do teatro, já havia dois homens ocultos no apartamento, sem que um soubesse do outro, ou seja, Skeel e o hipotético assassino? – Claro que o percebo... e é isso que me confunde.

– Ainda mais: deviam ter entrado separadamente no apartamento, ocultando-se separadamente... Como conseguiram entrar? Como puderam sair? E qual deles fez a moça gritar? E que fazia o outro? Se Skeel foi apenas um espectador, como abr' então o cofre – Basta! Basta! – Não me torture... – disse Vance – Já estou meio louco. Sou vítima de alucinações desde que nasci. Mas, céu misericordioso! Nunca me senti tão doido como agora!...

– Nisso, ao menos, estamos em harmonioso acordo – disse Markham, sorrindo.

Nesse momento entrou Swacker, entregando uma carta a Markham.

– Foi trazida por um mensageiro, com a nota de urgente. A carta, escrita em um papel com grande monograma, era do Dr. Lindquist e explicava que, entre as onze e uma hora da noite do crime, estivera no seu sanatório, atendendo a um enfermo. Também lamentava a própria atitude ao ser interrogado sobre esse ponto e oferecia uma verbosa mas pouco convincente explicação de sua conduta. Lamentava o ocorrido e prontificava-se a auxiliar o Procurador em tudo que fosse possível.

– Ele refletiu – disse Vance – e por isso oferece uma explicação sobre o que fazia na hora do crime, explicação que será difícil destruir. Um tipo indescritível, como todos esses desequilibrados pseudopsiquiatras. Veja: ele esteve com um doente. Mas, que doente? Verá que é algum em estado grave, a quem será impossível interrogar... Aí tem! Um beco sem saída, disfarçado em justificativa! Não está mal...

– Isso não tem importância – disse Markham, pondo a carta para o lado. – Esse pomposo asno profissional nunca teria entrado, sem ser visto, no apartamento de Margaret Odell.

Procurou entre os papéis qualquer coisa e, voltando-se para Vance, sorriu.

– Agora, se você não se opõe, vou procurar receber meu soldo de 15.000 dólares.

Vance, porém, em vez de deixar o gabinete, tomou o guia telefônico.

– Permita-me fazer-lhe uma sugestão, Markham. Deixe de lado por um momento as suas ocupações e tenhamos uma amável conversa com o Sr.

Luiz Mannix. Como sabe, ele é o único zagal da inconstante Margaret que até agora não fez declaração. Não seria mau averiguar os sinais que ele nos tiver a dizer. Parece que ainda está em Maiden Lane e não será difícil mandar chamá-lo.

Ao ouvir o nome de Mannix, Markham voltou-se surpreso. Ia protestar, mas lembrou-se de que as sugestões de Vance não eram nunca produto de caprichos. Depois de pensar um momento, pareceu-me que concordava com o pedido de Vance, tanto mais que estavam fechadas quaisquer outras possibilidades de investigação.

– Bem – disse ele, tocando a campainha para chamar Swacker – mas, segundo Heath, ele rompera há mais de um ano com Miss Odell.

– Talvez ele ainda conserve sinais do passado ou, como Kotspus, esteja ébrio de cólera. Sempre é bom averiguar, há surpresas em toda parte.

Markham mandou chamar Tracey, e quando este apareceu, cortês e sorridente, encarregou-o de trazer Mannix.

– Leve uma intimação e use-a, se for necessário. Pouco depois de meia hora, Tracey estava de volta.

– O Sr. Mannix não opôs nenhuma dificuldade. Atendeu prontamente.

Está aí na sala de espera.

O detetive saiu e Mannix entrou.

Era um homem corpulento e caminhava com a forçada agilidade de quem luta para conservar a aparência de uma distante mocidade. Tinha na mão uma delgada bengala da Índia, vestia uma roupa axadrezada, com colete estampado, e trazia um garrido chapéu estilo Hamburg. Esses pormenores elegantes desapareciam, porém, ante a expressão do rosto. Seus olhos eram pequenos, brilhantes e velhacos, o nariz achatado e desproporcionada-mente pequeno em relação aos lábios grossos e sensuais, as mandíbulas proeminentes. Suas maneiras tinha qualquer coisa de suntuosas e felinas, que o tornavam repulsivo.

A um sinal de Markham, sentou-se na beira de uma poltrona, com as mãos sobre os joelhos, em uma atitude de receio e prevenção.

– Sr. Mannix – começou Markham, com um tom de fingida lástima – estou penalizado por incomodá-lo; mas trata-se de um assunto grave e urgente. Como sabe, foi ontem assassinada uma jovem de nome Margaret Odell e, no decurso das investigações, viemos a saber que outrora o senhor teve íntimas relações com ela. Ocorreu-me, então, que talvez nos pudesse dar algumas informações úteis para o esclarecimento do crime.

Um sorriso alvar, com a pretensão de inteligente, descerrou os lábios do homem.

– Claro que conheci a Canária... há algum tempo, compreende? – e teve um suspiro. – Uma bela pequena e de boa linha. Elegante e bonita.

Teria sido uma lástima que abandonasse o palco. Mas – e fez um gesto de repulsa com a mão – há mais de um ano que não a vejo, nem lhe falo.

Compreende? – Era evidente que Mannix se punha em guarda e os seus olhinhos brilhantes não deixaram o rosto do Procurador.

– Teve alguma vez qualquer briga com ela? – Oh! Não posso dizer que tenhamos brigado. Quando muito, uma desavença... cansados da nossa amizade e dispostos a separar-nos. A última coisa que lhe disse foi que, se alguma vez necessitasse de um amigo, devia procurar-me.

– Foi muita nobreza de sua parte – murmurou Markham.

– E nunca renovaram a intimidade? – Nunca, nunca. Não me recordo de ter falado com ela depois disso.

– Em consequência de certas informações que me foram dadas, Sr.

Mannix – e o tom de Markham foi de lamentação – devo fazer-lhe uma pergunta de índole pessoal. Ela não tentou alguma vez fazê-lo vítima de qualquer chantagem? Mannix vacilou e seus olhos ficaram mais pequenos, como quem pensa com rapidez.

– Absolutamente! – contestou com veemência. – De modo algum.

Nada disso. – Levantou as mãos em sinal de protesto e perguntou: – Que lhe fez supor semelhante coisa? – Fui informado de que ela tentou extorquir dinheiro a um de seu admirador.

Mannix fez uma cara de assombro.

– Não me diga! Será possível? – e, com um olhar astuto para o Procurador: – Quem sabe foi com Carlito Cleaver? Markham atalhou logo: – Por que se lembrou de Cleaver? Desta vez a mão de Mannix esboçou um gesto de desprezo.

– Por nenhuma razão especial, compreende? Ocorreu-me que talvez fosse ele... Nenhuma razão especial...

– Cleaver disse-lhe ter sido vítima de uma chantagem? – Se Cleaver me disse? Agora, eu é que lhe pergunto, Sr. Markham: por que Cleaver me contaria uma história semelhante? – E o senhor nunca disse a Cleaver ter sido também extorquido? – Absolutamente não! – e Mannix deixou ouvir uma risada de desprezo, mas muito teatral para ser sincera. – Eu contar a Cleaver que fora ludibriado? Ora! Seria engraçado! – Por que mencionou o nome dele? – Por nenhum motivo especial, como já disse. Ele conheceu a Canária, isso não é segredo...

Markham mudou de tema.

– Sabe alguma coisa sobre as relações de Odell com o Dr. Lindquist? Mannix pareceu perplexo.

– Nunca soube nada! Nunca... Quando andamos juntos, ela não o conhecia.

– Além de Cleaver, quem mais conhecia ela? – Isso eu não saberia dizer. Via-a com um, com outro... mas quem fossem, não sei... absolutamente.

– Nunca ouviu falar de Tony Skeel? Ao fazer essa pergunta, Markham inclinou-se para a frente, fixando o seu interlocutor.

Mais uma vez Mannix titubeou.

– Bem, agora que menciona um nome, creio ter ouvido alguma coisa sobre essa pessoa. Mas, não poderia jurar, compreende? Que lhe faz supor que eu conhecesse esse tal Skeel? Markham fingiu não ouvir.

Não se recorda de alguém que tivesse algum ressentimento contra Miss Odell, ou a tivesse ameaçado? Mannix foi exageradamente enérgico sobre a sua ignorância a esse respeito.

Após algumas perguntas mais, Markham deixou-o ir-se embora.

– Menos mal, amigo Markham – disse Vance. – Mas, por que é ele tão desconfiado? Não é nada simpático, esse Mannix. E vê-se que o horroriza a ideia de dar informações. Ele foi muito cauteloso... muito cauteloso...

– Sim, tão cauteloso que não nos disse nada... – resmungou Markham.

– Não sou tão pessimista. Aqui e ali, filtrou-se alguma luz. Nosso filosófico importador de peles nega ter sido vítima das chantagens de Margaret Odell. É evidentemente um embuste, com que nos quer fazer acreditar que ele e ela viveram sempre como dois pombinhos. Bah! E logo mencionou Cleaver. Isso foi de propósito: quis meter Cleaver no meio. As órbitas destes dois amantes se encontram em algum lugar. Se não conhece Lindquist, sabe muito sobre Skeel. Mas, enfim, de que nos adiantam essas informações? – Eu desisto – disse Markham.

– Compreendo. Este mundo é muito perverso. Mas, você tem que examinar esta imundície com olho vivo. E a propósito, é hora de almoçar.

Um filé à *Marguéry* não lhe fará mal.

Markham olhou o relógio e deixou-se conduzir ao Clube dos Advogados.



## A teoria de Vance

(Quarta-feira, 13 de setembro – à tarde)

Depois do almoço, Vance e eu não voltamos ao gabinete do Procurador, porque Markham ia ter uma tarde trabalhosa e o caso Odell não seria retomado antes que o sargento Heath terminasse suas investigações sobre Cleaver e Lindquist. Vance tinha duas poltronas para a "Madame Sans- Gène" e às duas da tarde estávamos no Metropolitan. Vance esteve sempre distraído, e não me admirei quando, ao terminar a representação, ele mandou tocar o carro para o Stuyvesant.

Ali estávamos quando Markham entrou, parecendo deprimido e cansado.

Durante o jantar, não se falou no crime, à exceção de uma alusão feita por Markham às investigações de Heath a respeito de Cleaver, Lindquist e Mannix. Somente após o jantar, já reunidos em nosso recanto predileto, é que tratamos do assunto.

E essa conversação breve foi o começo de uma diretriz nas investigações, que afinal levaria a encontrar o culpado.

Markham sentou, abatido, em uma poltrona. Começava a dar sinais da grande tensão nervosa a que o estava submetendo o trabalho daqueles dias.

Seus olhos estavam um pouco inchados e tinha uma profunda ruga no canto dos lábios. Lenta e cuidadosamente acendeu um charuto, que fumou em silêncio durante alguns minutos.

– Raios de jornais! Não deixaram que o meu gabinete controlasse as informações à imprensa e o resultado está nos jornais da tarde. Viu-os? Estão clamando pelo assassino. Parece que pensam que eu o tenho escondido no bolso.

– Você esquece, meu caro – disse Vance – que estamos vivendo sob o benigno e virtuoso reino de Demócrito, que permite aos ignorantes o privilégio de se intrometerem na crítica dos seus superiores.

– Não me queixo da crítica, mas da imaginação dos repórteres.

Procuram dar a este crime sórdido a aparência de um melodrama à moda dos Borgia, com explosões de formidáveis paixões, influências ocultas e outras coisas de estilo medieval. No entanto, qualquer uma criança veria que se trata de um banalíssimo crime de roubo, como os que se dão diariamente em todo o país.

Vance interrompeu o gesto que fazia de acender um cigarro e, franzindo o cenho, voltou-se para Markham.

– Com a breca! Quer dizer que as suas declarações à imprensa foram de boa fé? – Claro que sim! Que quer dizer com essa "boa fé"? – Pensei que as suas informações aos jornalistas sobre um crime de roubo fossem apenas para despistá-los.

Markham olhou-o «um momento.

– Diga-me, Vance, onde quer parar? – Em parte alguma, meu amigo – respondeu o outro, afavelmente. – Eu sabia que Heath era sincero quanto à culpabilidade de Skeel, mas você... você... eu nunca pensei que supusesse ter sido o crime cometido por um profissional. Fui a ponto de acreditar que você esta manhã deixou Skeel sair com a esperança de que ele o conduzisse ao criminoso.

– Ah! Compreendo! Você se aferra ainda à ideia de que estavam duas pessoas ocultas no apartamento... É uma ideia grandiosa!... Muito mais inteligente que a de Heath...

– A minha ideia pode ser esquisita, mas não o é menos do que a sua sobre um único implicado no crime.

– E por que razão – disse Markham, irritado – considera você esquisita a possibilidade de um único assaltante? – Pela simples razão de que esse crime não foi obra de um profissional, mas o ato voluntário de um homem particularmente hábil, que deve ter levado semanas em sua preparação.

Após um breve silêncio, Markham retrucou: – Essa pitoresca e fascinadora conclusão sobre a intelectualidade do assassino é fruto de seus originais processos de dedução psicológica? – Cheguei a ela mediante o mesmo método lógico que usei para determinar a culpabilidade do assassino de Alvino Benson.

Markham sorriu.

– Não creia que sou mal agradecido ao papel que você desempenhou na elucidação daquele caso. Mas, desta vez, receio que as suas teorias o conduzam por um caminho errado. O caso presente é dos que a polícia chama "aberto e fechado".

– Principalmente fechado – disse Vance secamente. – Tanto você como a polícia estão na desesperadora situação de esperar que o criminoso se descubra a si mesmo.

– Admito que a situação poderia ser melhor. Mas, ainda assim, não vejo neste assunto nenhuma oportunidade para os seus métodos psicológicos. A coisa é simples demais e é isso que o perturba. O de que nós precisamos são provas, e não teorias.

– Markham – disse Vance com calma, mas com extraordinária seriedade – se o que diz é sincero, seria preferível que abandonasse o caso agora mesmo, porque vai direto a um fracasso. Este não é um crime vulgar, como você supõe. É um crime dos mais singulares. É obra de alguém hábil e astucioso. Não foi obra de nenhum criminoso comum, mas sim de uma inteligência superior e de surpreendente engenho.

O tom de Vance tinha uma grande força convincente; e Markham, refreando sua ironia, perguntou com ar indulgente: – Diga-me uma coisa. Por meio de que processo mental chega você a essa conclusão? Vance lançou para o ar algumas baforadas de fumo e disse: – Você sabe, Markham, que cada obra de arte tem uma qualidade especial, que os críticos chamam "élan", isto é, o entusiasmo, a espontaneidade. Uma cópia ou uma imitação não tem essa característica; é demasiadamente exata e vigorosa, é feita com excessivo cuidado. Ainda nos maiores expoentes da arte, mesmo em um Botticelli, há desenhos defeituosos, há desproporções mesmo em Rubens. No original, essas imperfeições desaparecem. Mas, um imitador não as reproduz... ele não tem ousadia, domina-a a obsessão de fazer tudo perfeito, de corrigir todos os pormenores. O imitador trabalha com uma consciência serena, um meticuloso cuidado que o artista, na angústia do trabalho criador, não pode ter. Eis o ponto capital: imita-se a obra, mas não o entusiasmo e a espontaneidade do artista, esse *élan*, esse *quid* que só a obra original possui...

Apesar do muito que uma cópia se aproxime do original, há infinitas diferenças psicológicas entre uma e outra. A cópia tem um ar de insinceridade, de ultraperfeição, de esforço consciente... Compreende-me? – É muito instrutivo, meu novo Ruskin.

– Agora, consideremos o assassinato de Miss Odell. Você e Heath julgam ser um crime vulgar, sórdido, sem imaginação. Ao contrário de vocês, farejadores policiais, eu passei por alto as meras aparências e analisei os diversos fatores: olhei as coisas psicologicamente, por assim dizer. E descobri

que não é um crime original, sincero e genuíno, mas uma mistificação, imitação hábil e consciente, feita por um copiadador exímio.

Concedo a você que seja perfeito em cada parte, mas é justamente aí que ele peca. A técnica é boa demais, a arte é demasiado perfeita. O "parecido" não convence. Não tem espontaneidade. Esteticamente falando, tem os contornos de um *tour de force*. Vulgarmente falando, é uma falsificação.

Vance fez uma pausa e dirigiu a Markham um insinuante sorriso.

– Espero que esta dissertação não o desgoste.

– Rogo-lhe que continue – respondeu Markham, com exagerada cortesia. Suas maneiras, porém, não encobriam o interesse com que escutava.

– O que é verdade na arte, é verdade na vida – prosseguiu Vance, calmamente. – Cada ação humana dá sempre a impressão de ser genuína ou espúria, de ser sincera ou calculada. Se dois homens se sentassem à mesa, pegassem os talheres e o guardanapo do mesmo modo, fizessem os mesmos gestos, ainda que não se pudessem mostrar com o dedo as diferenças, sempre se sente qual o que procede de modo instintivo e qual o que imita. Agora, quais são na vida as características de um crime de roubo ou assassinato? Brutalidade, desordem, precipitação, gavetas revoltas, cofres forçados, anéis arrancados à força, lâmpadas derrubadas, roupas rasgadas, objetos dispersos no chão e assim por diante. Esses são os indícios reconhecidos desde tempos imemoriais. Mas, reflita um momento: em que crime aparecerão "todos" esses sinais, numa ordenação perfeita, sem falta alguma? Quero dizer: quantos crimes são teoricamente perfeitos em seus pormenores? Nenhum! E por quê? Simplesmente porque na natureza e na vida nada é perfeito em todos os pormenores. Sempre há mudança e variabilidade.

No crime em questão, tudo foi organizado para ser levado à cena sem omitir o mínimo pormenor, como nos romances de Zola. É matematicamente perfeito. De imediato sugere a suspeita de ter sido premeditado e planejado com detido cuidado. Sua concepção não foi espontânea, apesar de não se poder indicar qual o pormenor falso e qual o verdadeiro.

Markham permaneceu um momento silencioso.

– Nega, então, você qualquer remota possibilidade de que a moça tenha sido morta por um ladrão vulgar? – perguntou, afinal, sem nenhum sarcasmo.

– Se o autor foi um ladrão vulgar, a ciência psicológica é um mito, não há raciocínio verdadeiro, nem a arte tem leis. Se foi um autêntico crime de roubo, então não há diferença entre um quadro original e uma cópia.

– Logo, elimina por completo o roubo como móvel do crime? – O roubo – afirmou Vance – foi um pormenor manufaturado. O fato de ter sido o crime cometido por uma pessoa extraordinariamente hábil demonstra que houve um motivo mais poderoso. Um homem capaz de urdir e executar uma obra tão admirável é pessoa de cultura e imaginação e, evidentemente, para roubar, não mataria uma mulher... a menos que tivesse sofrido um tremendo desastre... a menos que o continuar a mulher com vida pudesse causar a ele um perigo formidável, maior que o próprio crime. Entre dois riscos colossais, escolheu o crime como o menor deles...

Markham não contestou logo, parecendo absorto em meditações. Mas, depois, fixando os olhos em Vance, respondeu: – E que diz do cofre de joia arrombado? Um formão de arrombador profissional e manejado com perícia não se enquadra na sua hipótese, mas opõe-se a ela.

– Eu o sei muito bem. E estou desorientado por esse pedaço de aço.

Markham amigo: esse formão é a única nota autêntica no quadro, que de outro modo seria falso. É como se o verdadeiro artista chegasse no momento em que o copista estava terminando o quadro e nele deixasse a sua mão de mestre pintando um pormenor.

– Mas, isso nos faz voltar a Skeel...



– Skeel... Ah! sim. Essa é a explicação, sem dúvida, mas não como você a concebe. Skeel forçou o cofre; não discuto. Mas – que diabo! – foi só o que fez. Foi só o que lhe deixaram para fazer. Por isso apoderou-se do único anel que Miss Odell não trazia consigo aquela noite. As outras joias foram arrancadas e voaram.

– Como está certo disso? – O atiçador, homem, o atiçador! A tentativa de leigo, feita contra o cofre de aço com um objeto de ferro doce, só poderia ter sido levada a efeito *antes* de ser aberto o cofre pelo formão de aço. E o absurdo intento de abrir um cofre de aço com um atiçador de ferro doce fez parte da *mise-en-scène*. O verdadeiro culpado não pretendia abri-lo: queria apenas mostrar que *procurou* abri-lo.

– Vejo o que quer dizer – e Markham mostrou-se impressionado com esta última explicação. – Foi por isso que você perguntou a Skeel se ele estava presente quando o outro visitante cometeu o crime? – Exatamente. O cofrezinho demonstrou-me que ele estava no apartamento enquanto o outro preparava a comédia sobre o crime e que ele veio para o palco depois que o diretor da cena se retirou. Pela reação que demonstrou ante as minhas perguntas, aventurei-me a crer que ele estava presente.

– Oculto no guarda-roupa? – Sim; coincidiria com o fato de o guarda-roupa não ter sido saqueado, pela grotesca razão de que Skeel estava fechado por dentro. Como poderia o guarda-roupa ter escapado à fingida sanha do pseudoladrão? Ele não o omitiu de propósito, e revistou tudo com muito cuidado para ter esquecido aquele recanto. Além disso, temos as impressões digitais.

E, dando umas pancadinhas no braço da poltrona, Vance concluiu: – Meu caro Markham, você deve construir sua concepção do crime sobre isto que lhe digo, do contrário suas hipóteses virão abaixo como um castelo de cartas.



## Quatro possibilidades

(Quarta-feira, 13 de setembro – à noite)

Quando Vance terminou de falar, houve um longo silêncio.

Impressionado pela argúcia do amigo, Markham ficou pensativo. O Procurador desde o começo tivera íntimas dúvidas quanto à veracidade da própria hipótese sobre a culpabilidade de Skeel. Ora, a teoria de Vance, ainda que um tanto abstrata, levava em conta todos os pormenores da realidade, e ele sentia-se disposto a admiti-la.

– Maldito crime! Vance, não acredito muito em sua teoria teatral, mas sinto um curioso impulso interior de aplaudi-la... Eu pergunto...

Voltou-se com rapidez e, encarando Vance, interrogou: – Diga-me: tem em seu pensamento algum protagonista para esse drama? – Sob minha palavra que não. Mas, se quer achá-lo, procure um homem de nervos de ferro, forte e de mentalidade superior, que tenha estado em iminente perigo de ser arruinado pela moça; esse homem de crueldade inata é vingativo, egoísta e fatalista. Enfim, um demente.

– Demente! – Oh! Não um louco furioso, mas um louco calculista, como você, eu ou o Van Dine aqui presente. A sua loucura está fora das absurdas e veneradas regras do código penal. Por isso, você o procura. Se a sua anormalidade o levasse apenas a colecionar selos ou jogar golfe todo dia, você não o procuraria. Mas a inclinação de eliminar mulheres desclassificadas que o ameaçavam, desperta em você o mais santo horror que leva você a querer tê-lo preso, para esfolá-lo.

– Concordo – disse Markham – que a mania homicida é a minha ideia da loucura.

– Mas, amigo Markham, o nosso homem não tem a mania do homicídio. Não confunda os dados da psicologia. Esse homem foi incomodado por uma dama e começou então a trabalhar, racional e magistralmente, para fazê-la desaparecer. E conseguiu-o com enorme habilidade.

– O único inconveniente de sua teoria é que ela não se harmoniza com as circunstâncias conhecidas. E os fatos, para advogados brancos como eu, são os únicos dados concludentes.

– Para que essa confissão de seus defeitos? Mas, deixe-me conhecer os fatos que você julga não concordarem com a minha hipótese.

– Bem. Pelas indagações minuciosas dos agentes de Heath, há dois anos que somente quatro homens apareciam na intimidade da Canária, capazes de ter relação com o crime. São Mannix, o doutor Lindquist, Cleaver e, naturalmente, Spotswood.

– Então, tem você um quarteto para examinar. Queria porventura um regimento inteiro? – Não – disse Markham, pacientemente. – Mas, Mannix rompeu com a Canária há mais de um ano; Cleaver e Spotswood apresentam *álibis*, e o Dr. Lindquist também, além de que, apesar de sua irascibilidade, não me parece ter condições para o crime.

Vance balançou a cabeça.

– Há alguma coisa de sublime na fé infantil das mentes jurídicas!...

Vamos examinar as informações dos agentes de Heath. Sobre Spotswood, que há? – Coisas gerais. Sua família é de puritanos: governadores, burgomestres, comerciantes de pouco êxito... Tudo raça *yankee*, sem nenhuma cruza. Spotswood é representante da rançosa aristocracia da Nova Inglaterra... apesar de que o vinho dos puritanos me parece um pouco aguado. Suas relações com Odell não condizem com a mortificação da carne, pregada pelos velhos puritanos. Seu pai fabricava acessórios para automóveis, fez uma fortuna e deixou-lhe o negócio. Spotswood desenhava as decorações e os acessórios para a fábrica.

– Espero que não tenha sido ele o inventor dos vasos para as flores de papel, porque um homem que tirou do cérebro semelhante ideia é capaz do crime mais horrendo... – disse Vance.

– Mas, Spotswood não pode ter sido o autor do crime. Sabemos que, quando deixou a pequena, ela estava viva, e, enquanto ela foi assassinada, ele estava com o juiz Redfern.

– Isso, pelo menos, eu admito. E que mais sabe sobre esse cavalheiro? – Mais nada, exceto que se casou com uma senhora abastada, filha de um senador do Sul.

– Não adianta nada. E Mannix? – Seus pais eram imigrantes, vindos na proa de um navio. Nome original: Mannikiewicz. Nasceu no Leste e aprendeu o negócio de peles na loja do pai. Com esse e outros negócios, reuniu uma grande riqueza. Casouse e divorciou-se em seguida; leva uma vida alegre, é frequentador dos clubes noturnos. Não bebe. É um tanto perdulário: auxilia a montagem de comédias e tem sempre uma favorita no palco.

– Não é muito revelador. A cidade está cheia de Mannixes. E o nosso doutor? – Temo que a cidade também esteja inundada de personagens como o Dr. Lindquist. É filho de francês e magiar; formou-se na Universidade de Ohio; clinicou em Chicago – alguns negócios obscuros por lá, mas nunca foi processado. Inventou um extrator de leite e formou uma sociedade anônima, com o que ganhou alguma coisa. Foi para Viena, onde ficou dois anos,..

– Ah! As teorias freudianas...

—... voltou a Nova York e fundou um sanatório, com preços exorbitantes, que só os *nouveaux riches* pagam. Não é casado.

– Não podia sê-lo – comentou Vance. – Essa gente nunca é...

Sumário interessante... muito interessante. Mas, onde estava esse egrégio curandeiro no momento em que assassinaram nossa desgarrada ovelha? Ah! Quem poderia sabê-lo? – De qualquer modo, não creio que ele tenha assassinado alguém.

– Não faça julgamentos antecipados! Mas, qual é o retrato falado de Cleaver? O fato de ter o apelido de Pop não é um indício de valor.

– Cleaver tem sido, principalmente, um político. Aos vinte e cinco anos foi guarda-costas de um caudilho eleitoral; membro de clubes democratas, eleito vereador duas vezes, comissário de impostos. Fez um curso prático de leis. Deixou a política e abriu uma cavalaria para animais de corrida.

Dedica-se agora à criação de pôneis em Jersey City. É um esportista profissional. Gosta de licores. Mas, Cleaver está justificado: aquela noite foi até multado por excesso de velocidade, em Boonton.

– Essa é a formidável justificativa a que se referiu há pouco? – Assim a considero, a meu modo primitivo e legal – respondeu Markham, agastado. – A intimação foi feita às onze e meia da noite, e Boonton fica a cinquenta milhas daqui, duas boas horas de automóvel.

Cleaver saiu de Nova York, com certeza, às nove horas e mesmo que regressasse logo de Boonton só muito depois da meia-noite teria chegado aqui. Telefonei ao agente de Boonton. A intimação é

autêntica. Consegui que fosse cancelada.

– Mas, esse polícia de Boonton conhece Cleaver pessoalmente? – Não. Mas fez-me dele uma descrição muito aproximada. Além disso, tomou o número do seu carro.

– Meu caro Markham: o que você apurou é que um homem gordo, de meia-idade, guiando o auto de Cleaver, foi multado nas proximidades de Boonton, às onze e meia da noite. Mas, meu Deus, se Cleaver tivesse querido matar Odell, não lhe teria sido fácil preparar esse *álibi*? – Ora, Vance! – disse Markham, rindo. – Assim, também é ir longe de mais.

– É admirável – prosseguiu Vance – com a nossa cândida polícia não admite nunca que o criminoso prepare de antemão algum *álibi* para sua futura inocência.

Markham resmungou.

– Pode estar certo que foi Cleaver mesmo quem foi multado.

– Não duvido. Sugeri apenas a possibilidade de um engano.

– Agora, o que eu lhe afirmo, Vance, é que os únicos homens que estiveram em contacto com Odell foram Mannix, Cleaver, Lindquist e Spotswood, e que nenhum deles apresenta possibilidades de ser o criminoso.

– Temo que terei de contradizê-lo – respondeu Vance. – Todos eles são possibilidades e um deles é o criminoso.

Essa noite, na biblioteca, Vance assim me resumia a situação: – Heath crê, de corpo e alma, na culpabilidade de Skeel; Markham está estrangulado pela rotina legal. Amanhã verei o que posso fazer. Realmente, não sou nenhum vingador da sociedade, mas detesto todos os problemas sem solução.



## Revelações significativas

(Quinta-feira, 14 de setembro – de manhã)

Com assombro de Currie, Vance lhe deu instruções para despertá-lo às nove horas da manhã e às dez em ponto fazíamos uma pequena refeição no jardim de inverno, sob o sol suave de setembro.

– Van, – disse o meu amigo quando tomávamos a segunda xícara de café – por muito reservada que seja a mulher, há sempre uma pessoa a quem ela abre o seu coração. Um confidente é qualquer coisa essencial ao temperamento feminino. Pode ser a mãe, ou um amante, ou um sacerdote, um médico e, mais frequentemente, outra mulher amiga. No caso da Canária, afastadas as outras possibilidades, fica apenas a amiga. Porque mãe não tinha, nem sacerdote; seu amante, Skeel, era um inimigo potencial, e o Dr.

Lindquist é uma criatura em que ela não confiaria. Vamos procurar, pois, a amiga, Mas, em primeiro lugar, visitemos o Sr. Benjamin Browne, da Sétima Avenida.

Browne era um conhecido fotógrafo das celebridades teatrais.

Quando entramos no edifício, Vance encaminhou-se diretamente para o escritório, onde estava sentada uma moça de cabelos ruivos e olhos pintados em excesso. Vance inclinou-se diante dela com grande elegância e tirou do bolso uma pequena fotografia.

– Estou montando uma comédia musical, *mademoiselle*, e desejo comunicar-me com a pessoa que me deixou esta fotografia. Infelizmente, perdi o cartão que a acompanhava, mas, como foi executada neste estúdio, pensei que a senhorita talvez pudesse dar-se ao incômodo de procurar nos arquivos o endereço desta jovem.

Fez deslizar por baixo da pequena grade do escritório uma nota de cinco dólares e ficou com um ar de inocente expectativa.

A moça dirigiu-lhe um olhar malicioso e creio que percebi um esboço de sorriso no canto de seus lábios pintados. Tomou o retrato e desapareceu por uma porta interior. Dez minutos depois voltava, devolvendo a Vance a fotografia com um nome e endereço escritos no verso.

– Esta jovem é Miss Alys La Fosse, e mora no Hotel Belafield. – Agora não havia mais dúvida quanto ao seu sorriso.

– De outra vez, tenha mais cuidado com os endereços de suas candidatas, para que alguma pobre moça não perca o seu contrato.

– E riu com malícia.

– *Mademoiselle* – contestou Vance muito sério – terei sempre em conta sua criteriosa advertência. E, com outra respeitosa reverência, saiu.

– Agora – disse-me ele – vamos até ao Belafield e pedir uma audiência a Alys.

No caminho, Vance explicou: – Aquela manhã, em que inspecionávamos o apartamento de Miss

Odell, convenci-me de que o crime, astuta e inteligentemente executado, não poderia ser esclarecido pelos métodos elefantinos da polícia. Seriam necessários investigações de ordem íntima. Por isso, achando esta fotografia debaixo de uma pilha de papéis, pensei: Eis uma amiga da falecida Margaret; ela talvez saiba o que eu preciso saber. E quando Heath me deu as costas, pus o retrato no bolso. Nenhuma outra fotografia havia lá e esta levava a costureira dedicatória sentimental: "Sempre tua, Alys". Claro que antes de mostrá-la à moça do estúdio apaguei esses dizeres.

Belafield era um pequeno e caro hotel próximo na Rua Trinta, Leste.

Vance mandou seu cartão a Miss La Fosse e teve a resposta de que em poucos minutos seria recebido. Esses poucos minutos foram três quartos de hora e, quando um "groom" nos veio buscar, era quase meio-dia.

Entramos no apartamento da dama.

A natureza dotara Miss La Fosse de muitos predicados, e os que a natureza omitiu, ela mesma se proporcionou. Era ruiva e delgada. Seus olhos, de longas pestanas, olhavam a gente com grande simplicidade, mas esse esforço não escondia a dissimulação da sua dona.

– O senhor é Vance – disse ela num arrulho. – Vi seu nome muitas vezes na revista "Town Topics".

Vance estremeceu.

– Este é o Sr. Van Dine – apresentou-me ele – um advogado que não teve a felicidade de ser fotografado pelas revistas elegantes.

– Não querem sentar-se? – perguntou ela em tom evidentemente estudado. – Em verdade, não sei por que os recebi. Mas, suponho que sua visita seja por negócios. Talvez me queiram convidar para alguma casa de modas, ou coisa semelhante. Mas, estou muito ocupada, Sr. Vance. Não imagina como ando ocupada. E eu amo o meu trabalho – terminou ela, com um suspiro extático.

– Estou certo de que há milhares de pessoas que também o amam – respondeu Vance com suas melhores maneiras. – Mas, infelizmente, não tenho nenhuma casa de modas para merecer sua encantadora presença. Vim por motivo mais sério. A senhora era amiga íntima de Miss Margaret Odell...

A estas palavras Miss La Fosse ergueu-se repentinamente. Seu insinuante ar de afetada elegância desapareceu. Arregalou os olhos que desprendiam chispas, contorceu a boca e lançou para trás a cabeça, com um gesto provocador.

– Que quer o senhor? Não sei nada e nada lhe direi. Pode ir-se embora com o seu advogado.

Vance, porém, não fez movimento algum para obedecer. Tirou do bolso a cigareira e com o maior cuidado escolheu um "Régie".

– Permite-me que fume? Não aceita um cigarro? Importo-os de Constantinopla. São uma mistura deliciosa.

A moça lançou-lhe um olhar de frio desdém. A boneca transformara-se em virago.

– Saia imediatamente daqui ou chamarei o detetive da casa – disse ela, dirigindo-se para o telefone.

Vance esperou que ela levantasse o receptor.

– Se fizer isso, Miss La Fosse, darei ordem para que a conduzam perante o Procurador do Distrito, a fim de ser interrogada – e, recostando-se na cadeira, acendeu o cigarro.

Alys depôs o receptor e voltou-se.

– Qual é o seu jogo, afinal? Suponhamos que eu tenha conhecido Margy... De que lhe pode servir isso? – Ora, afinal, não espero que me sirva de muito. Neste caso parece que tudo serve para nada. A verdade, porém, é que eles estão a ponto de prender um pobre moço, sob a acusação de ter morto sua amiga, e ele não merece isso. Eu sou amigo do Procurador do Distrito e sei as coisas que eles pretendem fazer. A polícia iniciou uma série de investigações, com uma fúria frenética e é difícil dizer quem

agarrarão. Pensei então que eu poderia evitar-lhe um grande incômodo mediante uma curta e amistosa palestra.

Evidentemente, se a senhora assim o preferir, eu darei seu nome à polícia, para que a interroguem com os métodos e modos grosseiros que lá usam...

Devo, no entanto, advertir-lhe que até esse momento a polícia não sabe de suas relações com Odell, e não saberá, se se mostrar razoável.

A moça olhava fixamente para Vance, procurando adivinhar-lhe a intenção. Sentou-se sem dizer palavra e aceitou o cigarro que ele lhe ofereceu.

– Quem pretendem eles prender? – perguntou ela.

– Um rapaz chamado Skeel... – Que tolice, não acha? – Esse? – e o seu tom foi de desprezo. – Esse ladrão de meia tigela? Ele não tem nervos nem para estrangular um gato.

– É verdade. Mas isso não é razão para que o mandem para a cadeia elétrica. Miss La Fosse, se quer conversar comigo cinco minutos e esquecer que sou um estranho, prometo-lhe que seu nome não será envolvido no caso.

Meu intuito é apenas evitar que castiguem um inocente. Prometo-lhe esquecer a fonte de todas as informações que me der. Afinal, se a senhora confiar em mim, só terá que lucrar.

A moça ficou em silêncio vários minutos e por fim respondeu: – Creio que o senhor tem razão. Aconselharam-me que me mantivesse alheia a tudo isto e, se não o fizer, terei que voltar para o coro, o que não é vida para uma moça com os meus gostos.

– Jamais sofrerá semelhante calamidade por uma indiscrição de minha parte – disse Vance em tom firme. – Quem lhe disse que se mantivesse alheia a este caso? – Meu noivo – respondeu ela com faceirice. – É pessoa muito conhecida e receia algum escândalo, se eu vier a ser chamada como testemunha.

– Compreendo perfeitamente esses sentimentos. E quem é esse feliz mortal? – Agradecida pelo elogio; mas o nosso noivado não é ainda oficial.

– Não seja tão reservada. Se me obriga a ir indagar em outra parte, não poderei manter minha promessa.

Miss La Fosse refletiu.

– Sim; o senhor terminaria sabendo. Bem: meu noivo e o Sr. Mannix, chefe de uma importante firma importadora de peles. O senhor compreende... Como Luis, isto é, Mannix, andou há tempos ligado a Odell, teme que, se eu fosse chamada à polícia, também ele o seria e isso iria desacreditar a sua firma...

– Compreendo perfeitamente – murmurou Vance. – E, a senhora saberá porventura onde esteve Mannix segunda-feira à noite? A moça pareceu surpreendida.

– Claro que sei. Esteve aqui comigo, desde as dez horas até às duas da madrugada, combinando uma peça musical, cujo principal papel eu farei.

– Tenho certeza de que será um sucesso enorme – disse Vance, lisonjeiro. – Esteve só em casa toda a noite de segunda? – Fui ver "Scandals", mas vim cedo para casa, pois sabia que Luís, isto é, o Sr. Mannix, viria visitar-me.

Vance parecia contrariado com este *álibi* inesperado de Mannix.

– Diga-me: que sabe do Sr. Cleaver? Ele era amigo de Miss Odell? – Oh, sim, o Pop! – e a moça pareceu mais aliviada com o novo rumo da conversa. – Um bom companheiro. Mesmo depois que Margy o deixou por Spotswood, ele sempre lhe mostrou afeição. Seguiu-lhe os passos, mandava-lhe flores e presentes. Há homens assim... Pobre Pop! Segunda-feira à noite ele me pediu, pelo telefone, que lhe arranjasse um passeio conosco e Margy. Se eu o tivesse feito, ela não teria morrido. Que coisas estranhas, não é? – Sim, é verdade. E a que horas lhe telefonou Cleaver, segunda-feira à noite? – A julgar

pelo tom, parecia que Vance não dava nenhuma importância à pergunta.

– Deixe-me pensar... Foi exatamente a meia-noite menos dez minutos.

Lembro-me porque o relógio batia meia-noite e eu não podia ouvir a voz dele ao telefone. Saiba que sempre tenho o meu relógio dez minutos adiantado.

Vance comparou com o seu o relógio da parede.

– Sim, dez minutos adiantado. E o passeio? – Oh! Eu estava muito preocupada com a peça e recusei. De qualquer modo. Mannix não queria passear aquela noite. Não tive culpa, não acha? – É claro. Primeiro o trabalho, depois as distrações. Agora, há outra pessoa acerca de quem desejo interrogá-la. Quais foram as relações entre Miss Odell e o Dr. Lindquist? Alys pareceu perturbada.

– Eu tinha medo de que o senhor me perguntasse isso. Ele esteve enamorado de Margy como se fosse um selvagem; ela dava-lhe esperanças.

Depois arrependeu-se, porque ele era ciumento e furioso. Ameaçava tirar-lhe a vida. Uma vez – imagine! – chegou a dizer que a mataria, suicidando-se em seguida com o mesmo revólver. Aconselhei a Margy que se livrasse dele.

Ela, porém, parece que não se assustava. Deve ter passado maus bocados...

Oh! Acredita que tenha sido ele... crê realmente?...

– E não houve ninguém mais – interrompeu Vance – que a tivesse ameaçado do mesmo modo? – Não. Margy conhecia poucas pessoas, não variava muito seguido...

compreende? Vance levantou-se e estendeu-lhe a mão.

– Foi muito bondosa. Não se preocupe. Ninguém saberá de nossa palestra.

– Quem acha o senhor que tenha assassinado Margy? – perguntou ela com emoção.

– Ninguém sabe quem foi o culpado, mas a polícia concorda com Mannix: algum ladrão que quis roubar-lhe as joias.

– E por que prosseguiu Alys – está o senhor tão interessado no caso? Odell não o conhecia, pois eu nunca ouvi o seu nome pronunciado por ela.

Vance riu.

– Minha querida menina! Eu mesmo queria saber por que estou tão interessado neste assunto. Mas, meu sentido de equidade e proporção seria ofendido se Skeel fosse condenado e o verdadeiro culpado ficasse em liberdade. Talvez eu me esteja tornando sentimental... Um destino triste...

– Eu também – disse Alys – estou-me tornando sentimental. Fui dizer-lhe coisas que podem comprometer minha felicidade. Não sei se fiz bem em acreditá-lo... Diga-me: não esteve zombando de mim? – Minha querida Miss La Fosse, quando eu sair daqui será como se nunca tivesse entrado. Esqueça-se completamente de mim e do Sr. Van Dine. Alguma coisa nos modos de Vance tranquilizou a jovem, porque ela nos cumprimentou muito cordialmente.





## Invalidado um álibi

(Quinta-feira, 14 de setembro – à tarde)

– Minhas investigações vão marchando melhor – disse Vance quando estávamos na rua. – A formosa Alys foi fértil em informações. Você é que devia ter-se dominado melhor quando ela mencionou o nome do noivo.

Essas emoções são indecorosas em um advogado.

Em uma farmácia próxima, Vance telefonou a Markham, convidando-o para almoçar. Após uma pequena disputa, saiu vitorioso e momentos depois tomávamos um táxi.

– Alys é inteligente – continuou Vance – apesar de ter pouco juízo. É mais perspicaz que Heath: compreendeu logo que Skeel não era o criminoso.

Viu como ela confiou logo em mim? É sensibilizador, mas um pouco estranho. Deve haver aí um equívoco qualquer.

Permaneceu uns minutos em silêncio.

– Mannix... É curioso que ele esteja novamente em cena. Deu ordem a Alys de não dizer nada. Por quê? E terá mesmo estado com ela das dez às duas da madrugada, discutindo negócios? Quem sabe... E Cleaver? Ele telefonou a Alys dez minutos antes da meia-noite. Mas como? De um auto a toda a velocidade? Não é possível. Realmente, pode ter desejado fazer um passeio com sua amada. Mas, então, por que inventou que estava longe daqui? Por que não telefonou diretamente a ela? É verdade que alguém telefonou para o apartamento de Odell vinte minutos antes da meia-noite.

Temos que esclarecer isso. Sim, é bem possível que ele tivesse chamado Odell ao telefone e um homem tenha atendido. Mas, afinal de contas, quem foi esse homem? De qualquer modo, Cleaver não esteve em Boonton. Pobre Markham! Mais um quebra-cabeças... Mas, em verdade, o que me confundiu foi o que Alys revelou sobre o Dr. Lindquist. Este homem, um ciumento maníaco, é da classe dos que perdem logo a cabeça. Assim, como andava ameaçando com revólver... hem? Mau, mau. Com o crânio tal como tem, ele não hesitaria em apertar o gatilho. Ilusões persecutórias. Desconfiava da moça, de Pop e de Spotswood. É um enredo dos diabos. Sinto-me arrastado; movemo-nos, mas não sei em que direção. Isto é uma estupidez! Markham esperava-nos no Clube dos Banqueiros. Cumprimentou Vance com irritação.

– Que me tem a dizer de tão importante? – Não seja rabugento. Como se conduz Skeel, sua estrela polar? – Até agora, demonstra hábitos da mais elevada moralidade.

– Assim, não está contente, meu caro Markham? – Você me tirou de outros compromissos sérios para saber meu estado de ânimo? – Não seria preciso. Seu estado de ânimo é execrável. Agora, minhas revelações. Primeira: Pop Cleaver não esteve em Boonton, segunda-feira de noite. Estava nas

vizinhanças de nossa moderna Gomorra, procurando organizar um passeio de meia-noite.

– Maravilhoso! – chasqueou Markham. – Inclino-me ante sua sabedoria. O *alter ego* de Cleaver, então, é que corria de auto perto de Boonton? É um caso sobrenatural.

– Pode sonhar como quiser, mas Cleaver estava em Nova York, à meianoite, procurando divertir-se.

– E a intimação por excesso de velocidade? – Isso compete a você explicar. Chame o agente de Boonton, para ele ver se reconhece Cleaver.

– Sim, é isso. Vou mandar vir o agente esta tarde ao Stuyvesant Club e acareá-lo com Cleaver. Que outra revelação você armazenada? – Mannix parece comprometido.

– Oh, que sagacidade! Vance, meu caro, você não está doente? – O Dr. Lindquist esteve perdidamente enamorado da Canária, enciumado até à loucura. Chegou a ponto de ameaçá-la de morte e de matarse a si mesmo.

– Isso é melhor. Onde obteve essas informações? – Ah! É segredo. Markham ficou contrariado.

– Por que esse mistério? – A necessidade obrigou-me. Dei minha palavra de honra. É um pouco quixotesco, mas eu li muito Cervantes, em minha juventude.

Markham não insistiu, pois conhecia bem seu amigo.

Havia apenas cinco minutos que estávamos no gabinete ao Procurador, quando Heath entrou. O bom sargento tinha algumas informações a dar sobre Mannix, que duas ou três vezes visitara, não Odell, mas a inquilina do apartamento n.º 2, que fora modelo em sua casa de peles. E nada mais havia conseguido.

Quando Heath saiu, Vance levantou-se, bocejando.

– Bem, vamos, meu caro Van. Esta tarde vou conceder-me o prazer de admirar a obra de Perneb no Metropolitan. Quer vir? – e, detendo-se na porta: – Markham, e o beleguim de Boonton? Markham chamou Swacker.

– Eu me ocuparei disso. Vá ao clube pelas cinco horas, se desejar. O agente estará lá e Cleaver vai sempre antes do jantar.

Quando Vance e eu chegamos ao clube, pelas cinco horas, já ali estava Markham no salão de descanso, defronte ao arco da entrada principal, e a seu lado um homem alto, de forte compleição, tez bronzeada, parecendo um pouco acanhado com o ambiente.

– O oficial do tráfego, Philips, chegou de Boonton há pouco – disse Markham à guisa de apresentação. – Esperamos Cleaver de um momento para outro.

Vance aproximou uma poltrona. Antes de dez minutos, Cleaver entrou pela porta principal, deteve-se um momento no escritório e seguiu pelo salão de descanso. Não podia deixar de passar pelo posto de observação escolhido por Markham. Cruzando e vendo-nos, cumprimentou e Markham ainda o reteve com algumas perguntas ocasionais. Depois ele se foi.

– É este o seu homem, oficial? – perguntou Markham, voltando-se para Philips.

– Parece-se um pouco, senhor; há uma certa semelhança. Mas, não é ele. – E sacudiu a cabeça. – Não; não é ele. A pessoa a quem intimei era mais baixa e mais gorda.

– Tem certeza? – Sim, senhor, não há dúvida. O homem que eu persegui tentou entrar em um acordo, quis dar-me uma nota de cinco dólares. Dirigi sobre ele o foco da lanterna da motocicleta. Vi-o bem.

Philips foi despedido com uma boa propina.

– *Voe misero mihi!* – suspirou Vance. – Minha existência vil pode prolongar-se. E, diga-me, Markham, que tipo tem o irmão de Cleaver? – É isso – concordou Markham – O irmão é mais baixo e mais gordo.

Isso é incompreensível. Vou esclarecer tudo agora mesmo com Cleaver.

Fez menção de levantar-se, mas Vance o deteve.

– Não seja precipitado. Cultive a paciência. Temos alguns passos preliminares a dar. E Mannix e Lindquist também me seduzem.

– Nem um, nem outro está aqui, e Cleaver sim. Quero saber por que me mentiu com a intimação.

– Eu sei o que ele vai dizer. Queria somente fazer acreditar que aquela noite estava longe daqui. É simples, não? – Essa dedução recomenda sua inteligência. Mas, espero que não acreditará seriamente na culpabilidade de Cleaver. Eu não posso imaginá-lo um estrangulador.

– E por quê? – Não tem tipo. Seria inconcebível, mesmo com indícios contra ele.

– Ah! É um juízo psicológico. Você elimina Cleaver porque o temperamento dele não se harmoniza com a situação. Eu não concordo muito com você. Esse jogador com olhos de peixe morto tem possibilidades insuspeitadas para o diabólico. A sua teoria em si não é má. Você mesmo aplica o abecê da psicologia, e no entanto ridiculariza as minhas hipóteses.

Vamos tomar chá? Fazia já meia hora que estávamos no *buffet* quando apareceu Spotswood.

Veio falar conosco e Markham convidou-o a sentar-se. Também ele parecia deprimido.

– Desculpe a impertinência – disse – mas, que probabilidade há de que eu venha a ser chamado para depor? – As mesmas que havia quando nos vimos a última vez.

– E o homem que tinham sob suspeita? – Continua, mas não se fez nenhuma prisão. Esperamos, no entanto, que breve aconteça alguma coisa.

– Suponho que ainda devo permanecer na cidade? – Sim, seria bom.

Spotswood permaneceu um momento em silêncio; depois disse: – Não quero que pareça que fujo a alguma responsabilidade, mas o testemunho do telefonista para provar que quando saí Odell estava ainda viva? – Já pensei nisso, e é claro que tudo se fará para que não seja necessário reclamar o seu depoimento. Mas, nunca se sabe que curso tomarão as coisas.

Uma exigência qualquer da defesa, a contestação do depoimento do telefonista poderá exigir a sua presença. Fora daí, não.

Spotswood sorveu o seu *ginger ale* e pareceu ter-se reanimado.

– É muito generoso, Sr. Markham. Não sei como agradecer-lhe. Sinto apenas que o senhor não me permita visitar o apartamento. O senhor talvez me ache muito sentimental, mas aquela pequena entrou muito na minha vida.

Talvez o senhor não compreenda o meu caso. Eu mesmo não o compreendo...

– Julgo que é bem compreensível, Sr. Spotswood – disse Vance, com uma simpatia que eu não lhe vira antes. – Sua atitude não precisa ser desculpada. Desde Adão que os homens sofrem desventuras semelhantes.

O outro sorriu e, voltando-se para Markham, perguntou: – Que farão com os móveis e objetos de Miss Odell? – O sargento Heath descobriu uma tia dela que mora em Seattle e está já de viagem para cá.

– Até então todas as coisas dela ficarão intactas? – Provavelmente, a menos que acontecesse algo inesperado.

– Ela tem alguns objetos com que eu desejaria ficar – confessou Spotswood, um pouco envergonhado.

Depois de alguns instantes de palestra, levantou-se e despediu-se.

– Meu desejo é manter o nome dele fora do caso – disse Markham.

– Sim, a sua situação não é invejável – concordou Vance. – É sempre triste vermo-nos surpreendidos.

– Se ele não tivesse escolhido a noite de segunda-feira para ir ao "Winter Garden", estaria agora

no seio de sua família, sem outro motivo de aborrecimento além da própria consciência.

– Assim é como parece. – Vance olhou o relógio. – Você falou em "Winter Garden" e eu me lembrei de uma coisa. Que lhe parece jantarmos mais cedo? Esta noite estou por conta da frivolidade. Vou ver "Scandals".

Ambos olhamos nosso amigo como se ele houvesse perdido o juízo.

– Não se horrorize, amigo Markham. – Não posso ser indulgente com um desejo? E, a propósito, espero ter amanhã, à hora do almoço, excelentes notícias para você.



## A cilada

(Sexta-feira, 15 de setembro – meio-dia)

Vance dormiu até tarde no dia seguinte. Na noite anterior eu fora com ele ver "Scandals", sem compreender o motivo que ele tinha para assistir a um tipo de diversão que eu sabia Vance detestava.

Ao meio-dia, pediu um automóvel e mandou tocar para o Hotel Belafield.

– Vamos fazer uma nova visita à fascinante Alys. Pensei em trazer umas flores para ela, mas fiquei com receio de que o meu estimado Mannix a interrogasse indevidamente sobre elas.

Miss La Fosse recebeu-nos com um ar de desanimado ressentimento.

– Eu devia esperar isso! O senhor naturalmente vem comunicar-me que a polícia, sem nenhuma insinuação de sua parte, descobriu alguma coisa a meu respeito. – O seu desdém era deveras superior. – A polícia veio com o senhor? O senhor é uma boa peça! Mas, só devo queixar-me de mim mesma por ter sido tão tola.

Vance esperou que a pequena terminasse o longo discurso.

– Creia que passei aqui com o único propósito de comunicar-lhe que a polícia não a incomodará, pois o seu nome não vai aparecer em coisa alguma. Como ontem me pareceu apreensiva sobre esse ponto, quis vir tranquilizá-la.

A atitude de Alys modificou-se completamente.

– É verdade?... Meu Deus! Não sei que aconteceria se Luís soubesse que eu lhe contei qualquer coisa...

– Asseguro-lhe que ele nada saberá, a menos que a senhora mesma lhe diga. Teria a generosidade de nos convidar para sentar? – Como não? Casualmente estava tomando café. Rogo-lhe que aceite uma xícara. – E chamou a criada, mandando trazer café para mais dois.

Vance tomara duas xícaras não havia ainda meia hora, e por isso não compreendi seu entusiasmo por aquela terrível tisana de hotel.

– Ontem fui ver "Scandals" – disse ele negligentemente. – Deixei de ver essa revista no começo da temporada. Como é que a senhora também tardou tanto em ir vê-la? – Tenho andado muito atarefada. Estive ensaiando "As Duas Rainhas", mas a estreia foi adiada. E Luís nem sempre pode ir ao teatro.

– Gosta de revistas? Parece-me que para os atores principais elas são mais difíceis que as simples comédias musicais.

– E é verdade. – Miss La Fosse tomou um ar de autoridade. – Além disso, não recompensam. Nelas se perde a individualidade. Não há possibilidade de aparecer o talento da artista. São desanimadoras; não sei se me compreende.

– Pois não. – Vance sorveu o café com bravura. – Apesar disso, em "Scandals" há vários números

que a senhora poderia fazer de modo encantador; pareciam especialmente criados para a senhora. Pensei em como seria admirável se representasse esses papéis e por isso até não dei atenção à pobre moça que entrava no palco.

– Oh! O senhor me lisonjeia! Mas, em verdade, tenho boa voz.

Cultivei-a muito. E aprendi a dançar com o professor Markoff.

– Ah! sim? – exclamou Vance. (Apesar de eu saber que ele nunca ouvira falar nesse nome, deu uma entonação como se o considerasse o maior professor do mundo.) – Então a senhora devia ter sido a "prima-dona" de "Scandals". A que lá estava não canta, nem dança bem. Por outro lado, ela fica muito a dever-lhe, Miss La Fosse, quanto aos atrativos pessoais.

Confesse: não senti, na segunda-feira à noite, o desejo de estar vocalizando a canção "Arrulhos da China"? – Oh, não! – Miss La Fosse considerou a pergunta com todo o cuidado. – Nesse quadro colocam as luzes muito baixo e eu não gosto de aparecer assim. Mas os trajes são adoráveis, não acha? – Vestidos pela senhora, sim... Qual a sua cor predileta? – Adoro a orquídea escura – respondeu ela, entusiasmada – mas também não fico mal com o azul-turquesa, No entanto, um pintor disse-me certa vez que eu devia vestir-me sempre de branco.

– Creio que esse artista estava com a razão. E... sabe? A sena de Saint Moritz em "Scandals" ficaria perfeita para a senhora. A pequena que canta a canção da neve, toda de branco, estava deliciosa; mas, creio que muito melhor seria se fosse mulher de cabelos louros. As belezas morenas pertencem ao clima do Sul. Pareceu-me que lhe faltava a fulgurante vitalidade do inverno na Suíça. A senhora teria preenchido essas qualidades de modo admirável.

– Sim; ter-me-ia agradado mais esse quadro que o chinês. Além disso, a raposa branca é a minha pele favorita.

Vance dirigiu à jovem um extravagante olhar de censura. Passado um momento, disse: – Minha querida amiga, por que me pregou aquela mentirazinha de que Mannix esteve com você segunda-feira à noite? Não foi um ato distinto de sua parte.

– Que fiz?! – exclamou Alys com indignação e desconfiança, tomando uma atitude altaneira, mas ruborizando-se.

– Vamos, – replicou Vance – a cena de Saint Moritz em "Scandals" tem lugar perto das onze horas e é a última da revista. Assim, não é possível que a senhora tenha assistido e ao mesmo tempo recebido Mannix às dez e meia. Vamos: a que horas ele chegou aqui segunda-feira à noite? —O senhor é um adulator e espertalhão. Devia ser polícia. Mas, bem: que mal haverá em que eu só tenha vindo para casa depois do espetáculo? É um crime? – Não, decerto. E eu não estou aqui para molestá-la. Pelo contrário, gostaria de protegê-la contra qualquer coisa desagradável. Se a polícia chega a saber certas coisas, sem dúvida alguma vai dirigir-se à senhora. Mas, se me for possível dar certas informações ao Procurador do Distrito, com relação a coisas que aconteceram segunda-feira à noite, não haverá nenhum perigo de que as autoridades a aborreçam.

Os olhos de La Fosse tornaram-se duros e ela cerrou fortemente as sobrancelhas.

– Escute! Eu não tenho nada que esconder, nem Luís tampouco. Mas, se Luís me pede que eu diga que ele às dez e meia estava em algum lugar, é claro que eu direi. Essa é minha ideia da amizade. Além disso, Luís deve ter uma boa razão para fazer o pedido. Apesar disso, e como o senhor é tão astuto, vou confessar-lhe que ele não veio aqui antes da meia-noite. Mas, se alguém mais me perguntar isso, mandá-lo-ei para o inferno antes de dizer coisa diferente do conto das dez e meia.

Vance fez uma reverência.

– Compreendo, e lhe quero mais bem por isso.

—. Mas, não vá sair com uma ideia errônea – prosseguiu ela. – Luís pode não ter estado aqui

antes da meia-noite, mas se julga que ele sabe alguma coisa sobre a morte da Canária, está enganado, files romperam relações há mais de um ano e Luís. nem sabia mais se ela existia. E se algum beleguim tivesse a audácia de inculpar Luís, eu o justificaria com *álibis*, nem que isso me custasse a vida.

– Simpatizo cada vez mais com você – disse Vance e, quando nos despedimos, beijou a mão da moça.

Durante o regresso, Vance estava pensativo e só falei quando estávamos perto do edifício do Tribunal Criminal.

– A outra Alys me agrada mais. É demasiadamente boa para o dissimulado Mannix. As mulheres são astutas – e crédulas. Podem ler na alma do homem, mas ficam cegas quando ele se torna o "seu" homem. A meiga Alys confia em Mannix. Sem dúvida ele lhe disse que esteve toda a noite trabalhando no escritório. Ela não o acreditou, é claro, mas "sabe", adivinha que ele pode estar envolvido no crime. Esperemos que ele não se comprometa, ao menos até ter financiado a comédia em que ela vai trabalhar. Com mil diabos! Se para ser detetive tiver que assistir a outra revista, desistirei. Ainda bem que Alys não preferiu o cinema naquela maldita noite.

Quando entramos no gabinete do Procurador, encontramos. Markham e Heath em conferência. Aquele tinha diante de si um caderno de notas coberto de caracteres diversos. Uma densa nuvem de fumo envolvia os dois homens. Heath, com o queixo apoiado nas mãos, tinha um ar belicoso e desconsolado ao mesmo tempo.

– Estou fazendo uma revista geral com o sargento – disse Markham, olhando-nos apenas. – Estamos procurando por em ordem todos os pontos salientes do assunto, para ver se não deixamos escapar alguma coisa. Já disse ao sargento o que descobrimos sobre a paixão do médico e a mentira de Cleaver. Mas, ao que parece, quanto mais se sabe, mais complicado fica o problema.

Recolheu as folhas de papel, prendendo-as com um grampo.

– A verdade é que não temos provas contra ninguém. Há suspeitas sobre Skeel, Lindquist e Cleaver, e agora contra Mannix também. Mas, como avançar sem hesitação? Qual é a situação? As impressões digitais de Skeel podem ter sido feitas segunda-feira à tarde; o Dr. Lindquist encolerizou-se quando lhe perguntamos onde estivera na noite daquele dia, mas logo apresentou uma justificativa débil. Confessou um amor paternal pela moça, quando em verdade estava apaixonado... Aliás, é uma mentira natural. Cleaver emprestou seu automóvel ao irmão e fez crer que estava aquela noite em Boonton. Quanto a Mannix, suas respostas sobre suas relações com a pequena são perfeitamente capciosas. Tudo muito claro, hem? – Eu não direi que seu relatório seja de todo inaproveitável – disse Vance. – Todo ele constituiria uma prova terrível, se pudesse ser completado. Parece-me é que faltam alguns anéis da cadeia.. Encontre-os, e eu formarei todo o lote.

– É muito fácil dizer: *encontre-os* – resmungou Markham. – A questão é saber como encontrá-los. Heath acendeu o charuto pela segunda vez e fez um gesto de impaciência.

– Os senhores esquecem Skeel. Esse moço é o autor de tudo, e se não fosse Abe Rubin eu o faria escarrar a verdade. Decerto ele tinha uma chave do apartamento de Odell. – Olhou Markham com certa vacilação. – Eu não quero criticar, mas creio que estamos perdendo tempo com esses tais amigos de Odell... Cleaver, Mannix e o médico.

– O senhor talvez tenha razão – disse Markham, que estava inclinado a concordar com ele. – Apesar disso, eu queria saber por que Lindquist se portou daquele modo.

– Bem, isso talvez seja útil – observou Heath. – Se o médico chegara até a ameaçar a moça de matá-la e se perdeu a cabeça quando os senhores lhe perguntaram o que fizera durante a noite do crime, não é de admirar que tenha alguma coisa escondida. Por que não o assustamos um pouco? Afinal de contas, os antecedentes dele não são bons.

– Excelente ideia – concordou Vance. Markham consultou um bloco de notas.

– Tenho esta tarde uns momentos livres, de modo que o senhor poderia trazê-lo aqui, sargento.

Leve uma intimação, para caso de necessidade. Mas, veja se ele vem de bom grado.

Irritado, Markham bateu na mesa, e continuou: – Se não consigo descobrir qualquer coisa, vou adotar métodos mais práticos. E Lindquist é bom para começar. Ou descubro alguns dados para trabalhar sobre eles, ou elimino do assunto certos elementos humanos que estão atrapalhando tudo.

Heath teve um gesto de pessimismo e retirou-se.

– Pobre homem! – lamentou Vance. – Vai terminar abandonando-se ao desespero.

– E assim aconteceria com você – exclamou Markham – se os jornais diariamente o tomassem para peteca, fazendo toda a sorte de acusações.

Mas, agora me recordo: não prometeu você algumas notícias para hoje? – Creio que lhe dei esperanças. Markham, este tal Mannix está-se tornando uma obsessão para mim. Chego a sonhar com ele. Aflige-me como uma ave de mau agouro.

– Toda essa jeremiada é intróito das informações? – Não terei paz – prosseguiu Vance – enquanto não souber onde ele esteve segunda-feira, entre as onze horas e meia-noite. Esteve em algum lugar onde não devia estar. E você, meu caro Markham, devia averiguá-lo.

Faça-me o favor de dedicar a Mannix a sua segunda ofensiva. Seja brutal; deixe-o crer que o suspeita de estrangulador. Interrogue-o sobre o modelo... como se chama ela?... Frisbee... – Deteve-se um momento e enrugou as sobrancelhas. – Sim, sim, Markham; pergunte-lhe qual foi a última vez que viu o seu modelo, e trate de parecer que sabe tudo.

– Escute, Vance, você esteve preocupado com Mannix durante três dias. Que impressão você tem a respeito? – Intuição... simples intuição. É o meu temperamento psíquico.

– Eu acreditaria se não o conhecesse há quinze anos. – Markham observava-o com olhos perscrutadores. – Quando eu terminar com Lindquist, mandarei buscar Mannix.





## Explicações do médico

(Sexta-feira, 15 de setembro – 14:00 horas)

Nesse dia almoçamos em casa do Procurador do Distrito; e o Dr. Lindquist foi anunciado às duas em ponto. Acompanhava-o o sargento Heath e, pela sua expressão, via-se que não lhe agradava a companhia. O médico, a convite de Markham, sentou-se diante da sua mesa.

– Que significa este novo ultraje? – perguntou ele, friamente. – O senhor tem direito de forçar os cidadãos a abandonarem seus negócios para serem maltratados? – É meu dever trazer os criminosos ante a justiça – replicou Markham fio mesmo tom – e se algum cidadão considera uma violência prestar informações, isso não me interessa. Se o senhor, doutor, tem alguma coisa a temer pelas minhas perguntas, está no direito de chamar seu advogado para assisti-lo. Quer telefonar-lhe para que lhe dê proteção legal? O Dr. Lindquist titubeou.

– Não necessito de proteção legal, senhor. Quererá ter a bondade de dizer-me logo por que me trouxe até aqui? – Certamente. Para explicar-me certos pontos que foram descobertos sobre suas relações com Miss Odell e para esclarecer... se não vê inconveniente... os motivos pelos quais me induziu em erro, por ocasião de nossa última palestra.

– Deduzo daí que o senhor se esteve ocupando indevidamente com minha vida privada. Ouvi dizer que esses processos estiveram muito em voga na Rússia...

– Se toma isto como espionagem, pode estar tranquilo sobre um ponto: todas as informações que obtivemos sobre o senhor serão esquecidas. Não é verdade que o seu interesse por Miss Odell foi maior que um simples afeto paternal? – Nem os sagrados sentimentos de um homem são mais respeitados pela polícia deste país? – e o tom do médico era de insolente desdém.

– Sob certas condições, sim; sob outras, não. – Markham dominava sua cólera admiravelmente. – O senhor, é claro, não está obrigado a responder-me, mas, se o fizer com franqueza, poderá poupar-se o aborrecimento de ser publicamente interrogado pelo Procurador-Geral no Tribunal de Justiça.

O Dr. Lindquist considerou o assunto alguns momentos.

– E se eu admitisse que minha afeição por Miss Odell foi mais do que paternal? Markham aceitava a pergunta como uma afirmação.

– O senhor tinha muito ciúme dela, não é verdade, doutor? – O ciúme – disse o médico, com ar de irônico profissional – não é estranho à emoção amorosa. Autoridades como Kraft-Ebing, Mall, Freud, Ferenozi e Adler, consideram-no como corolário da atração amorosa.

– É muito instrutivo – observou Markham. – Logo, devo concluir que, tendo estado enamorado de Odell, o ciúme foi um corolário natural dessa atração amorosa?...

– Pode concluir o que lhe aprouver. Mas não consigo compreender por que meus sentimentos hão

de ser assunto de sua competência.

– Se os seus sentimentos não o tivessem levado a executar atos altamente graves e suspeitos, eu não teria nada com eles. Mas tenho informações fidedignas de que o senhor proferiu ameaças contra a vida da Canária e contra a sua própria. Ora, tendo a moça sido estrangulada, é natural que a lei esteja curiosa.

O rosto pálido do médico tornou-se amarelo e os seus grandes dedos crispavam-se no braço da poltrona; mas continuou imóvel, em atitude de dignidade, os olhos intensamente fixos no Procurador.

– Espero – disse Markham – que não aumentará minhas suspeitas com uma negativa.

Vance examinava-o de perto. Súbito, inclinando-se para ele perguntou: – Diga-me, doutor: com que método de extermínio ameaçou-a o senhor? O médico voltou-se rapidamente, encarando Vance. Um fundo e rouco suspiro encheu-lhe o peito; o rosto ruborizou-se e os músculos do pescoço retesaram-se violentamente. Pensei que ia perder o domínio de si mesmo, mas, com esforço, conteve-se.

– Pensam talvez que eu ameacei estrangulá-la? E gostariam que a minha ameaça se transformasse em um laço que me enforcasse... Ora! – Fez uma pausa e quando falou de novo estava calmo. – É verdade que certa vez, impensadamente, quis assustar Miss Odell com a ameaça de matá-la e suicidar-me. Mas, se sabem tanto como aparentam, devem saber que a ameacei com um revólver. É a arma que ocorre em todas as ameaças sem intenção. Não ameacei enforcá-la; nem nunca pensaria em ato tão abominável.

– Sim – concordou Vance – e isso é uma boa circunstância.

Era evidente que o médico recobrou a coragem com a atitude de Vance.

Dirigindo-se novamente a Markham, confessou: – As ações violentas, como o senhor sabe, raramente são precedidas de ameaça. Um breve estudo do pensamento humano lhe demonstraria que a ameaça é quase sempre a melhor prova de inocência. É feita em um impulso de cólera e funciona como válvula de segurança. – Olhou em outra direção durante momentos e prosseguiu: – Não sou casado e, portanto, minha vida emocional não se estabilizou; além disso, estou constantemente em contato com pessoas hipersensíveis e esgotadas por excesso de trabalho. Durante um período de anormal emotividade concebi um capricho por essa jovem, capricho ao qual ela não correspondeu com ardor igual ao meu. Sofri muito e ela não fez esforço algum para mitigar o meu sofrimento. Para dizer a verdade, suspeito que ela, perversa e deliberadamente, várias vezes me torturou com outros homens. Seja como for, nunca procurou ocultar suas infidelidades. Confesso que em uma ou duas ocasiões me senti enfurecido. E foi com o intuito de amedrontá-la e fazê-la tomar uma atitude mais amável e delicada que a ameacei. Espera que o senhor seja um juiz consciencioso da natureza humana para crer-me.

– Deixando de lado esses fatos – disse Markham, pouco convencido – poderia dar-me melhores informações sobre os seus movimentos na noite do crime? Novamente notei no rosto daquele homem um tom amarelento e o seu corpo se soergueu imperceptivelmente. Mas respondeu calmamente.

– Penso que a carta que lhe dirigi responde à pergunta de modo satisfatório. Que foi que eu omiti? – Como se chama o paciente que o senhor atendeu aquela noite? – A senhora Anna Breedon. É a esposa de Amos H. Breedon, do Breedon National Bank, de Long Branch.

– E o senhor esteve junto dela das onze à uma hora da madrugada? – Com efeito.

– E a senhora Breedon foi a única testemunha de sua presença no sanatório, àquelas horas? – Temo que sim. Depois das dez da noite eu não toco a campainha.

Entro com a minha própria chave.

– Suponho que me permitirá interrogar a senhora Breedon, não? O médico pareceu muito aborrecido.

– A senhora Breedon é muito doente. Quando faleceu o marido, no verão passado, ela sofreu um tremendo choque. Ficou desde então em estado de semi-inconsciência. Eu tenho receado pela sua razão.

O menor incidente poderá ser de funestas consequências.

Tirou do bolso uma carteira debruada de ouro e, tomando um recorte de jornal, deu-o a Markham.

– Verá nessa necrologia o estado de prostração em que ela ficou e o seu recolhimento a um sanatório particular. Há muitos anos que sou o seu médico.

Houve um silêncio que Vance rompeu.

– A propósito, doutor, como se chama a enfermeira noturna do seu sanatório? O médico atalhou, com rispidez: – Minha enfermeira noturna? Por quê? Que tem ela a ver como esse assunto? Segunda-feira esteve muito ocupada. Não posso compreender...

Bem, se precisam saber o nome dela eu não tenho objeções a fazer. É Finckle, Miss Amélia Finckle.

Vance anotou o nome em uma folha de papel e deu-a a Heath.

– Sargento, traga Miss Finckle aqui, amanhã às onze horas – disse, fazendo-lhe um sinal.

– Pois não. É uma boa ideia – suas maneiras não pressagiavam nada de bom para Miss Finckle.

O rosto do Dr. Lindquist cobriu-se de uma nuvem de apreensão.

– Perdoe-me se me confesso insensível à bondade desses métodos cavalheirescos – disse a Markham, em tom de desprezo – Posso esperar que de momento esteja terminado o inquérito? – Creio que sim, doutor. Quer que mande chamar um táxi? – Obrigado; sua cortesia me confunde. Tenho lá embaixo o meu carro.

– E o Dr. Lindquist retirou-se com arrogância.

Markham chamou Swacker e mandou-o em busca de Tracey. O detetive veio logo, limpando as lentes dos óculos.

– Preciso de Mannix novamente. Vá buscá-lo sem perda de tempo. Eu fico esperando.

Tracey fez uma airosa reverência e saiu.

– E agora – disse Markham, olhando Vance com ar de censura – que ideia teve você para por Lindquist de sobreaviso em relação à enfermeira? Seu cérebro não funciona bem esta tarde. Pensa que também não me lembrei da enfermeira? Agora ele está prevenido. Tem tempo de sobra para industriá-la sobre o que nos vai dizer amanhã às onze horas. Nada melhor que isso para prejudicar nosso inquérito.

– Eu o assustei um pouco, não? – disse Vance complacentemente. – Mas, Markham amigo, não chore pelas minhas falhas mentais. Se você e eu pensamos na enfermeira, não crê que o doutor também haja pensado? Se essa Miss Finckle fosse das que se subornam, ele já a teria industriado e mencionado o nome dela como testemunha de sua presença no sanatório, aquela noite. O fato de ele não ter mencionado o nome é a prova de que essa mulher não se presta para jurar falso. Não, Markham; eu o pus em guarda de propósito. Agora, ele vai fazer alguma coisa antes de interrogarmos Miss Finckle. E eu sei o que será.

– Mas, afinal – interveio Heath —, devo trazer ou não amanhã a tal enfermeira? – Não haverá necessidade – disse Vance. – Temo que não conseguiremos conhecer essa *avis rara*. Uma conversa entre ela e nós é a última coisa que o Dr. desejaria.

– Pode ser – admitiu Markham. – Mas não esqueça que o doutor poderia ter feito naquela noite qualquer coisa que deseja ocultar, sem que isso implique sua participação no crime.

– Bem, bem... O interessante é que todas as pessoas que conheciam a Canária escolheram aquela noite para cometer pecadilhos fora do comum. É um pouco forte, não? Skeel quer-nos fazer crer que esteve entregue às delícias do jogo do Khun Khan. Cleaver pretende ter andado em excursão para os lados de Jersey. Lindquist apresenta-se como reconfortando enfermos. Mannix teve um trabalho enorme para arranjar um alibi no caso de metermos o nariz em seus assuntos particulares. Na verdade, o que se conclui é que todos eles andaram aquela noite fazendo coisas que desejam ocultar. Por que todos escolheram essa noite para negócios que não mencionam nem para se eximirem de uma grave suspeita?

Terá havido segunda-feira uma invasão de espíritos malignos na cidade? Houve pelo mundo uma onda de maus impulsos que levou os homens a cometer atos imundos? Foi magia negra? Acho que não.

– Eu aposto em Skeel – disse Heath, teimosamente. – Conheço esses trabalhos. Não esqueçam as impressões digitais e a informação do Professor sobre o formão.

Markham estava confuso e perplexo. Sua crença na culpabilidade de Skeel fora abalada por Vance, mas agora inclinava-se novamente para a opinião de Heath.

– Admito – disse ele – que Cleaver, Lindquist e Mannix sejam suspeitos, mas uma vez que todos o são, a suspeita fica um pouco dispersa.

Afinal, Skeel é o único com o direito ao título de estrangulador. É o único com motivo visível; é contra quem temos alguma prova.

Vance fez um gesto de enfado.

– Sim, sim. Impressões digitais, marcas de formão. Você é um espírito muito crédulo. As impressões de Skeel foram encontradas no apartamento; logo Skeel estrangulou a dama. Bestialmente simples. Para que mais incômodos? Coisa julgada... caso terminado. Mandem Skeel para a cadeira elétrica e está tudo concluído. Mas isso é arte? Apesar de tudo, Markham, essa não é a verdade.

O prático Heath estava sentado, sobrolhos carregados, olhando para a mesa. Creio que não ouvia nada do que Vance dizia.

– O senhor sabe – disse ele a Markham como quem reata uma palestra interrompida – que se pudéssemos demonstrar como Skeel entrou e saiu do apartamento teríamos uma boa prova contra ele. Eu não posso imaginar como foi; isso está além da minha compreensão. Estive pensando em chamar um arquiteto para examinar a casa. Ela é antiga. Sabe Deus quando a fizeram. Não é de admirar que se descubra alguma passagem oculta...

– Por minha vida! – Vance olhava-o com irônica admiração. – O senhor está-me saindo um romântico! Passagens secretas... portas ocultas...

escadas no meio das paredes... É isso que quer dizer? Ora, sargento, não estamos no cinema. Dedique-se à ópera. É mais aborrecida, mas não corrompe tanto.

– Estou de acordo, Sr. Vance – disse Heath, que não parecia muito esperançado com a própria hipótese. – Mas, como não sabemos como Skeel entrou, será bom que examinemos as possibilidades todas.

– Tem razão, sargento. Vou mandar por um arquiteto às suas ordens – e Markham chamou Swacker, dando-lhe as necessárias instruções.

Vance estendeu as pernas e bocejou.

– Agora o que precisamos é uma favorita do harém, alguns eunucos com abanicos de folha de palmeira e um pouco de música "pizzicata".

– Pode trocar, Sr. Vance – disse Heath, acendendo o charuto. – Mas, mesmo que o arquiteto nada encontre, Skeel é candidato à pena.

– E eu aposto em Mannix. Não é um homem simpático e esconde alguma coisa... Markham, não deixe de saber onde ele esteve aquela noite. E não se esqueça de se fazer um pouco misterioso quando falar no modelo.



## A testemunha da meia-noite

(Sexta-feira, 15 de setembro – 15:30 horas)

Menos de meia hora depois, Mannix chegava. Heath cedeu-lhe a cadeira e Vance foi ocupar uma pequena mesa ao lado da de Markham, de onde podia olhar obliquamente o recém-chegado.

Era evidente que Mannix não gostava de ter uma nova entrevista. Seus pequenos olhos erravam de um a outro dos presentes. Estava ainda mais suspicaz que da primeira vez e seu cumprimento a Markham foi servil e temeroso. Aliás, o Procurador estava carrancudo e, ao seu sinal, o outro sentou-se ereto na borda da cadeira.

– Não estou de todo satisfeito com o que me disse quarta-feira, Sr.

Mannix, e confio que não me obrigará a tomar medidas drásticas para averiguar o que sabe sobre a morte de Miss Odell.

– O que eu sei! – Mannix forçou um sorriso afável. – Sr. Markham..

Sr. Markham! – Ao levantar os braços em desesperado protesto, parecia mais untuoso que de costume. – Se eu soubesse alguma coisa, creia que lho diria; positivamente lho diria.

– Encanta-me ouvir tal coisa. Assim facilitará minha tarefa. Então, diga-me em primeiro lugar onde esteve segunda-feira à meia-noite.

Os olhos de Mannix contraíram-se até ficarem como círculos minúsculos e brilhantes. Depois de uma longa pausa, falou.

– Devo dizer-lhe onde estive na segunda-feira? Por que devo fazer isso? Acaso suspeita que eu tenha cometido o crime? – Por ora, não. Mas a sua repugnância em responder à pergunta é certamente suspeita. Por que não quer dizer onde esteve? – Não tenho nenhuma razão para ocultá-lo. Não tenho que me envergonhar por... absolutamente! Tive que revisar no escritório uma grande quantidade de cartas. Fiquei lá até às dez, talvez um pouco mais. E às dez e meia...

– É suficiente! – A voz austera de Vance cortou-lhe a palavra. – Não há necessidade de envolver mais ninguém neste caso.

Falou com um curioso tom enfático e Mannix olhou-o astutamente, procurando compreender-lhe o intuito. Mas o rosto de Vance era impenetrável. A prevenção, no entanto, causou efeito.

– Não querem saber onde estive às dez e meia? – Não interessa – disse Vance. – O que queremos saber é onde estava à meia-noite. E não é necessário que cite o nome das pessoas que o tenham visto. Quando falar a verdade, nós o saberemos.

O ar de Vance era misterioso, como aconselhara a Markham. Sem faltar à promessa a Alys La Fosse, semeava a dúvida no espírito de Mannix. Antes que ele respondesse, Vance pôs-se de pé e, inclinando-se sobre a mesa, prosseguiu: – O senhor conhece uma senhorita Frisbee, que vive na Rua 71;

com mais exatidão, no n.º 184; para ser mais preciso ainda, na casa onde morava Miss Odell, e para total exatidão, no apartamento n.º 2. Miss Frisbee foi anteriormente seu modelo. Uma jovem sociável e caricativa. Quando a viu pela última vez, Sr. Mannix?... Pense antes de responder.

Mannix refletiu um largo minuto e respondeu com outra pergunta.

– Não tenho o direito de visitar uma dama... não tenho? – Claro que tem. E por que, nesse caso, uma pergunta relativa a episódio tão inocente o incomoda? – Eu incomodado? O que eu queria era saber o motivo por que me interrogam sobre meus assuntos particulares.

– Vou dizer-lhe. Miss Odell foi assassinada mais ou menos à meia-noite de segunda-feira.

Ninguém entrou nem saiu pela porta da frente da casa e a porta lateral estava fechada. O único meio de entrar no apartamento dela era pelo apartamento n.º 2; e ninguém que conhecesse Miss Odell visitou o apartamento n.º 2, com exceção do senhor mesmo.

Ao ouvir estas palavras, Mannix apoiou-se à borda da mesa, seus olhos abriram-se desmesuradamente e seus lábios sensuais deixaram-se cair. No entanto, não era de medo, mas de espanto a sua atitude. Ficou um momento olhando Vance, aturdido e incrédulo.

– Isso é o que o senhor pensa, não? Ninguém podia entrar nem sair senão pelo apartamento n.º 2, porque a porta lateral estava fechada, não é? – e soltou uma gargalhada breve e contrafeita. – E, se essa porta não estivesse fechada segunda-feira à noite, em que situação eu ficaria?... uf!...

Em que situação?...

– Ficaria com... o Procurador do Distrito... conosco... – disse Vance, espiando-o como um gato.

– Claro que sim! – exclamou Mannix, batendo na mesa.

– E permita-me dizer-lhe alguma coisa, meu amigo; aqui onde me encontro... absolutamente!... –

Voltou-se encarando Markham. – Sou uma pessoa digna, compreende? Mas já tive a boca fechada muito tempo... *Essa porta do lado, na segunda-feira à noite, não estava fechada. E eu conheço quem se esgueirou para fora, por ela, à meia-noite menos cinco!* – *Ça marche!* – murmurou Vance, retomando sua cadeira e acendendo calmamente o cigarro.

Markham estava assombrado para poder falar e Heath ficara com a mão erguida, o charuto a meio caminho da boca, hirto como uma estátua.

Por fim, Markham falou.

– Creio que será melhor que nos conte a história completa.

– Sua voz tinha um tom imperativo.

Mannix também se sentou.

– Oh! Vou dizer, creia-me... vou dizer... Os senhores têm razão. Eu estava em casa de Miss Frisbee. Mas sem mal nenhum.

– A que horas foi lá? – Depois do escritório, às cinco e meia, ou seis menos um quarto.

– E entrou pela porta principal? – Não. Entrei pela porta lateral, como fazia sempre. Ninguém precisava saber de minhas visitas, apesar de que nenhum prejuízo me adviria de o telefonista me ver.

– Até aqui vai bem – observou Heath. – O porteiro não fecha a porta antes das seis horas.

– E permaneceu ali muito tempo, Sr. Mannix? – perguntou Markham.

– Sim; até pouco antes de meia-noite. Miss Frisbee preparou uma ceia, para a qual eu levava uma garrafa de vinho. E não saí do apartamento senão à meia-noite menos cinco minutos. Os senhores podem chamar essa moça e perguntar-lhe. Vou visitá-la e pedir que lhes conte tudo. Não quero que se fiem somente na minha palavra... não.

Markham fez um gesto amável.

– Que aconteceu a essa hora? Mannix vacilou, como se lhe repugnasse tocar nesse ponto.

– Eu sou um homem bom; o senhor compreende. E um amigo é um amigo. Mas, pergunto eu: isso é

motivo para deixar um inocente ser acusado? Esperou resposta, mas, não recebendo nenhuma, continuou.

– Eu estou com a razão. Seja como for, o que se deu foi isso. Como disse, estava visitando aquela moça. Mas, tendo ainda um outro compromisso a atender, despedi-me quando faltavam cinco para meia-noite.

No momento em que eu abria a porta, vi alguém que, saindo do apartamento da Canária, se esgueirava pelo pequeno corredor que leva à porta lateral. O corredor é iluminado e a porta do apartamento n.º 2 é fronteira à porta lateral. Vi aquela pessoa tão bem como estou vendo o senhor.

– Quem era? – Bem; se o senhor quer saber, era Pop Cleaver. Markham teve um estremeamento.

– E que fez o senhor? – Nada, Sr. Markham... não fiz nada. Isso não me podia preocupar muito, como o senhor compreenderá. Eu sabia que Pop andava atrás da Canária e naturalmente supus que fora visitá-la. Eu não queria, porém, que ele me visse, para não saber onde passo o meu tempo. Assim, fiquei quieto até ele sair.

– Ele saiu pela porta lateral? – Certamente. Depois, saí também pelo mesmo caminho. Eu pensava sair pela porta principal, supondo que a outra estivesse fechada. Mas, quando vi Pop utilizando essa passagem, resolvi fazer o mesmo. Assim, saí por onde entrara. Na Broadway, tomei um táxi e...

– É bastante – disse Vance, para que Mannix se calasse.

– Muito bem... muito bem, – disse Mannix, satisfeito por terminar o relato. – Naturalmente, não quero que pensem.

– Não, não pensamos.

Markham não compreendia essas interrupções, mas não fez comentários.

– Quando soube da morte de Miss Odell, por que não veio dar à polícia essa informação de tão alta importância? – Eu ficaria comprometido! – exclamou Mannix com surpresa. – Já tenho tantos aborrecimentos sem ter feito nada de mal...

– Isso não se evita – comentou Markham melancolicamente. – No entanto, o senhor me sugeriu, depois que soube do crime, que Cleaver tinha sido explorado por Miss Odell.

– Claro que sim. Não demonstra isso que eu queria pô-lo numa pista segura? – Não viu mais ninguém, naquela noite, no corredor do prédio? – Ninguém... absolutamente ninguém.

– E está certo da hora em que viu sair Cleaver? – Certíssimo. Eu olhei o relógio antes de sair e disse à pequena: vou no mesmo dia em que vim; antes de cinco minutos já será amanhã e não hoje.

Markham ainda insistiu sobre todos os pormenores para ver se Mannix adiantava mais alguma coisa; este, porém, não acrescentou nem alterou nada e, após meia hora de interrogatório, foi mandado embora.

– Enfim, encontramos um dos dados do quebra-cabeça – comentou Vance. – Não sei ainda como colocá-lo para prosseguir na formação do quadro, mas não resta dúvida de que é sugestivo e prestará muito auxílio.

Mas que diz de minha intuição sobre Mannix? – Sim... tua preciosa intuição... – Markham olhou-o, desconfiado. – Por que o interrompeu duas vezes quando ele ia dizer qualquer coisa? – Oh! *Tu ne sauras jamais* – recitou Vance. – Não posso dizer.

Lamento profundamente, mas não posso dizer.

Seus modos eram extravagantes, mas Markham, que o conhecia, não insistiu.

Heath estava fortemente abalado pelo que Mannix relatara.

– Não compreendo como estava aberta essa porta lateral – lamentava-se ele. – Como diabo foi posto o ferrolho depois que Mannix saiu? E quem a abriu depois das seis? – Dando tempo ao tempo, meu caro sargento, tudo será esclarecido – disse Vance.

– Pode ser que sim ou que não. Mas, se alguma coisa descobrirmos, saiba que será Skeel. Esse é o

pássaro que devemos pegar, Cleaver não é nenhum perito em gazuas e outras coisas semelhantes; nem tampouco Mannix.

– Aquela noite houve em cena um outro técnico muito hábil, além de seu amigo "Catita".

– Quer dizer que houve dois? Essa é a sua teoria e eu não direi que esteja errado, Sr. Vance. Mas, se por alguma coisa temos que pegar Skeel, peguemo-lo de vez, para fazê-lo contar quem foi o seu cúmplice.

— Não era um cúmplice, sargento; deve ter sido um estranho.

Markham estava absorto.

– Em todo caso – disse – não sou partidário de carregar tudo sobre Cleaver. Deve ter havido qualquer coisa desagradável com ele desde segunda-feira.

– Eis o motivo por que ele inventou a história da viagem de automóvel.

Eu lhe disse que, antes de falar-lhe, interrogasse Mannix. Tem você agora elementos para fazê-lo falar.

– E é o que vou fazer. – E Markham chamou Swacker, mandando-o procurar Cleaver, no Stuyvesant Club ou em sua casa, na Rua 27, Oeste.

– Diga-lhe que o quero aqui em meia hora, ou mandarei dois detetives buscá-lo com algemas.

Durante cinco minutos Markham olhou pela janela; Vance sentou-se alegremente para ler o *Wall Street Journal*; Heath bebeu um copo de água e pôs-se a passear. Pouco depois reapareceu Swacker.

– Lamento, chefe, mas não há nada que fazer. Cleaver foi para o campo e só voltará à noite.

– Inferno!... – Markham voltou-se para Heath. – Sargento, vigie Cleaver toda a noite e traga-o aqui amanhã cedo.

– Aqui estará, senhor. – Heath terminou o passeio, parando diante de Markham. – Estive pensando... e há uma coisa que me ocorreu de súbito.

Não se lembra da caixa para documentos que estava sobre a mesa do apartamento? Estava vazia e o que as mulheres guardam geralmente nessas caixas são cartas e lembranças. Eis agora a ideia que me surgiu: essa caixa de metal negro não foi forçada.... foi aberta com chave. E um ladrão profissional não leva cartas de amor... Compreende o que quero dizer, senhor? – Sargento amigo!... – exclamou Vance. – Humilho-me ante o senhor! Arrojo-me a seus pés! A caixa, a caixa de documentos estava vazia! Pois claro! Jamais a abriria Skeel; foi obra do outro.

– Que pensa da caixa, sargento? – perguntou Markham.

– Nada mais que isto: o Sr. Vance insiste em que havia mais alguém além de Skeel. O senhor me disse que Cleaver confessou ter a Canária exigido dinheiro para devolver-lhe umas cartas. Quem sabe se foi por isso que ele esteve lá aquela noite? – É provável. Mas aonde nos conduzirá tal coisa? – Bem. Se Cleaver se apoderou das cartas, segunda de noite, tem-nas ainda em seu poder. E se alguma dessas cartas estava lá, quando ele disse que as recuperara o ano passado, então temos mais um argumento contra ele.

– E daí? – Eu, como disse, tenho pensado... Cleaver está no campo e se nos apoderássemos das cartas...

– Seria uma prova de efeito. Mas não é legal.

A questão – disse Heath entredentes – é que Cleaver o está enganando lindamente.





## Uma contradição em datas

(Sábado, 16 de setembro – 9:00 horas)

Na manhã seguinte, Markham, Vance e eu almoçamos no Prince George e chegamos ao gabinete do Procurador do Distrito às nove horas. Heath, com Cleaver a reboque, já esperava ali.

A julgar pelos modos de Cleaver, o sargento não o tratara muito bem.

Caminhou, em atitude irada, até a mesa do Procurador, cravando em Markham um olhar de frio ressentimento.

– Porventura estou preso? – perguntou em voz surda e entrecortada pela cólera.

– Ainda não, – respondeu Markham, secamente – mas se estivesse, deveria queixar-se de si mesmo. Sente-se.

Cleaver titubeou, ocupando a cadeira mais próxima.

– Por que fui arrancado da cama às sete e meia por este investigador – disse, apontando Heath com o polegar – e ameaçado com o carro-patrolha e ordens de prisão, somente porque não me queria submeter a tais processos ilegais? – O senhor foi ameaçado com processos legais, porque se recusou a atender espontaneamente ao meu convite. Hoje é um dia trabalhoso nesta repartição e preciso que me dê sem demora algumas explicações.

– Maldito seja eu se lhe disser qualquer coisa em semelhantes condições! – Apesar de todo o domínio que tinha sobre seus nervos, Cleaver não conseguia acalmar-se. – Não sou um batedor de carteiras para o senhor me arrastar aqui quando lhe convém, rebaixando-me desta forma.

– Desde que se recusa a depor como cidadão livre, não tenho remédio senão alterar sua situação – disse Markham; e, voltando-se para Heath: – Sargento, atravesse o hall e obtenha de Ben uma ordem de prisão contra Charles Cleaver. Depois ponha esse cavalheiro no cárcere.

Cleaver estremeceu e ouviu-se sua respiração sibilante.

– Por que crime? – Pelo assassinato de Margaret Odell.

O homem saltou. Todo o sangue lhe fugiu do rosto e os músculos dos seus maxilares distenderam-se espasmódicamente.

– Espere! O senhor está-me fazendo passar um mau pedaço. E vão depois rir de mim. Jamais eu poderia ser acusado de tal crime! – Talvez não, mas, se o senhor não quer falar aqui, eu o obrigarei a falar no Tribunal.

– Falarei aqui – e sentou novamente. – Que quer saber? Markham acendeu um charuto muito calmamente.

– Primeiro: por que me disse o senhor que segunda-feira à noite estava em Boonton? Parece que Cleaver esperava a pergunta.

– Quando soube da morte da Canária, precisei munir-me de uma justificativa para a hora do crime, e casualmente meu irmão acabava de entregar-me a intimação por excesso de velocidade. Aproveitei o que me era oferecido casualmente.

– Por que precisava o senhor de uma justificativa? – Na verdade, eu não precisava, mas quis poupar-me aborrecimentos.

Todos sabiam que eu cortejava a Canária; contei mesmo a alguns que fora explorado por ela. A Mannix, por exemplo. Os dois fomos vítimas.

– Foi essa a única razão? – Não é razão bastante? A chantagem seria motivo para me suspeitarem, não lhe parece? – Não basta um motivo para levantar suspeitas.

– Pode ser. Mas eu queria ficar fora do caso. O senhor não me pode acusar por isso.

Markham inclinou-se para a frente com um sorriso ameaçador.

– O fato de Margaret Odell o ter explorado não foi o único motivo, nem sequer o principal para que o senhor se munisse de uma citação policial.

Os olhos de Cleaver semicerraram-se, mas ele permaneceu imóvel.

– Pelo visto, sabe o senhor mais do que eu – disse ele.

– Mais, não, Sr. Cleaver – corrigiu Markham – mas quase tudo. Onde esteve o senhor entre onze horas e meia-noite de segunda-feira.

– Quem sabe se essa é uma das coisas que o senhor sabe? – Tem razão. O senhor estava no apartamento de Miss Odell.

– Cleaver deixou entrever um sorriso de mofa, mas não pôde ocultar o choque que recebera.

– Se crê isso, não sabe. Havia duas semanas que não punha os pés no seu apartamento.

– Tenho o depoimento de testemunhas fidedignas.

– Testemunhas! – a palavra pareceu escapar-se dos lábios contraídos.

Markham fez sinal que sim.

– O senhor foi visto sair do apartamento de Odell e abandonar a casa pela porta lateral, à meia-noite menos cinco minutos.

Cleaver abriu a boca e ouviu-se a sua respiração ofegante.

– E entre as onze e meia e meia-noite Miss Odell foi estrangulada e roubada – prosseguiu a voz implacável de Markham. – Que diz a isso? Houve um silêncio prolongado.

– Quero esclarecer – disse Cleaver por fim. Markham esperou pacientemente vários minutos.

– Vou dizer-lhe tudo que fiz naquela noite, e o senhor acreditará ou não. – Falava outra vez o jogador impassível. – Não me importa as testemunhas que tiver; esta será a história única que ouvirá de meus lábios.

Eu poderia ter dito tudo desde o primeiro momento, mas quis manter-me alheio ao assunto. O senhor deveria ter acreditado, mas agora deve ter acontecido alguma coisa e quer fazer uma prisão, para contentar os jornais.

– Diga o que tem a dizer – ordenou Markham – e se for a verdade nada tem a temer dos jornais.

Cleaver sabia que era assim, porque nem os maiores inimigos políticos de Markham o acusavam de ter cometido uma injustiça.

– Não tenho muito que contar, na verdade. Fui à casa de Miss Odell um pouco antes da meia-noite, mas não entrei em seu apartamento nem sequer toquei a campainha.

– Essa é a forma em que costuma fazer visitas? – É curioso, convenho. Mas é a verdade, apesar de tudo. Procurei vê-la, mas quando cheguei à porta, qualquer coisa me fez mudar de ideia.

– Como entrou na casa? – Pela porta lateral. Eu entrava sempre por ela, quando aberta. Isso me pedira Miss Odell, para que o telefonista não me visse ali tão seguidamente.

– A essa hora estava aberta a porta? – Se não, como eu teria entrado? Nem uma chave me serviria, porque ela é fechada por dentro com ferrolhos. Confesso, porém, que foi a primeira vez que vi aberta aquela porta a tal hora da noite.

– Bem, entrou e depois? – Caminhei pelo vestíbulo e escutei à porta do apartamento. Julguei que estaria alguém com ela e queria entrar apenas no caso de estar sozinha.

– Perdoe a interrupção, Sr. Cleaver – disse Vance. – Mas que foi que o fez pensar que ali estivesse alguém mais? O homem vacilou.

– Terá sido – prosseguiu Vance – porque o senhor momentos antes telefonara a Miss Odell, tendo recebido uma contestação de voz masculina? Cleaver concordou lentamente.

– Não vejo razão para negar... Foi por isso.

– Que lhe disse esse homem? – Disse "Alô" e quando pedi para falar com Miss Odell respondeu que ela não estava, desligando o telefone em seguida.

– O senhor disse – continuou Markham – que escutou à porta do apartamento. Que foi que o fez desistir de bater? – Ouvi dentro a voz de um homem. Markham pôs-se de pé.

– Uma voz de homem? Tem certeza? – É como lhe digo. Uma voz de homem. Do contrário, eu teria tocado a campainha.

– Poderia reconhecer essa voz? – Seria difícil. Era muito indistinta; um pouco rouca. Não era voz familiar para mim, mas suponho fosse a mesma que falou ao telefone.

– Pode recordar alguma coisa do que ouviu? Cleaver franziu as sobrancelhas, olhando pela janela.

– Sei o que significavam essas palavras, mas no momento não lhes dei atenção. Depois de ler os jornais, no dia seguinte, elas vieram-me à memória. Segundo me posso lembrar foram: "Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!" repetidas duas ou três vezes.

Essa narração, naquele velho e lóbrego escritório, teve um efeito estranho, de horror tão intenso, devido ao tom fleumático com que Cleaver repetira aquele grito de angústia.

Depois de uma pausa, Markham perguntou.

– Que fez depois? – Dei volta pelo corredor, sem fazer ruído, e saí pela porta lateral.

Depois fui para casa.

Houve um silêncio. O depoimento de Cleaver fora de surpresa e coincidia com as declarações de Mannix. Vance quebrou o silêncio.

– Diga-me, Sr. Cleaver, que fez o senhor da meia-noite menos vinte quando telefonou a Miss Odell, à meia-noite menos cinco, quando entrou no edifício pela porta lateral? – Eu estava no metrô da Rua 23, a caminho da cidade alta.

– Estranho, muito estranho... – murmurou Vance, observando a ponta do cigarro. – Então, nem sequer teve tempo de telefonar a alguém durante esse tempo? Recordei o que Vance ouvira de Miss La Fosse sobre o pedido telefônico de Cleaver. Este, cautelosamente, respondeu: – Não seria possível que eu telefonasse a alguém antes de sair do metrô? – Sim! Como não! Mas, do ponto de vista matemático, é um pouco difícil. Se o senhor telefonou a Miss Odell às onze e quarenta, e depois entrou no subterrâneo, percorreu a Rua 72, caminhou até à Rua 71, entrou no edifício, escutou à porta e saiu às onze e cinquenta e cinco, em quinze minutos apenas, não tinha tempo para desviar-se de seu caminho e telefonar a alguém.

Cleaver observou atentamente Vance durante alguns momentos.

– Para dizer-lhes a verdade, essa noite eu estava contrariado. Sabia que Miss Odell saíra com alguém; ela faltara a um encontro comigo. Caminhei pelas ruas uma hora, fumando e bastante agitado.

– Caminhou pelas ruas? – Vance cerrou as sobrancelhas.

– É como digo – Cleaver estava animado e, voltando-se para Markham, disse, com um olhar perscrutador: – O senhor deve recordar-se de que uma vez lhe disse que averiguasse acerca de um Dr.

Lindquist... Não fez nada a respeito? Antes que Markham respondesse, Vance prosseguiu: – Ah! É isso... O Dr. Lindquist! Bem, bem! É claro! Assim, Sr. Cleaver, andou passeando pelas "ruas"? As "ruas" disse o senhor. Precisamente! É o nó da questão. As ruas e o Dr. Lindquist são a mesma coisa, como Paris e a primavera. Claro, muito claro... E aqui tenho uma peça mais do quebracabeça.

Markham e Heath olhavam-no como se ele estivesse maluco. Com toda a calma, escolheu um Régie e, dirigindo a Cleaver um sorriso amável, disselhe: – Chegou o momento, meu caro senhor, de nos dizer quando e como se encontrou com o Dr. Lindquist ao passear pelas ruas, segunda-feira à noite.

Se não o fizer, terei eu mesmo que averiguá-lo pessoalmente.

Antes que Cleaver respondesse, transcorreu um largo minuto.

– Já disse quase tudo; aí vai o resto – e deixou ouvir um riso melancólico. – Fui à casa de Odell um pouco antes das onze e meia; pensei que a essa hora ela estaria de volta. Aí me encontrei com o Dr. Lindquist, que estava parado na passagem que dá para a porta lateral, Falamo-nos, tendo-me ele dito que estava alguém com Miss Odell no apartamento. Fui então caminhando até a esquina do Hotel Ansonia. Daí a uns dez minutos telefonei a Miss Odell. Como já disse, um homem me respondeu. Esperei outros dez minutos e telefonei a uma amiga de Miss Odell, para ver se combinaríamos um passeio com ela; tendo fracassado, voltei ao apartamento.

O Dr. Lindquist desaparecera e eu entrei pela porta lateral. Escutei um minuto à porta do apartamento, ouvindo uma voz de homem. Saí novamente e fui para casa. Eis tudo.

Nesse momento entrou Swacker que sussurrou alguma coisa ao ouvido de Heath. O sargento saiu, voltando em seguida com uma grossa pasta de couro e cochichando também ao ouvido de Markham. O Procurador mostrou-se surpreso e contrariado.

– Peço-lhe, Sr. Cleaver – disse ele – que se retire um momento para o gabinete ao lado, que em seguida continuaremos.

Cleaver obedeceu sem dizer palavra.

– Esta espécie de recursos não me agrada, sargento; já lhe disse ontem.

– Compreendo, senhor. – Heath não estava tão contrito como o seu tom indicava. – Mas, se essas cartas e papéis estão em ordem, farei com que os meus homens os reponham no lugar de modo que nunca se saberá que foram tocados. E se, ao contrário, demonstram que Cleaver nos engana, temos aí uma boa justificativa para tê-lo trazido.

Markham não fez objeção a esse ponto de vista. Com evidente contrariedade examinou todos os papéis e fotografias que a pasta continha, confrontando cuidadosamente as datas das cartas. Notei que três cartas foram postas de lado.

– Faça entrar Cleaver – e ficou olhando pela janela. Logo que Cleaver se havia sentado novamente diante de sua mesa, disse-lhe Markham: – O senhor disse que foi em junho passado que comprou as cartas a Miss Odell. Não recorda a data? – Exatamente, não. Deve ter sido em princípios de junho. Markham indicou-lhe três cartas que separara.

– Como se explica então estarem em seu poder estas cartas comprometedoras, que escreveu a Miss Odell no mês de julho? Cleaver dominava-se perfeitamente.

Depois de alguns momentos de silêncio, disse calmamente: – Suponho que essas cartas vieram às suas mãos de forma ilícita...

Markham estava contrariado, mas ao mesmo tempo exasperado com os subterfúgios usados por Cleaver.

– Lamento confessar que tenham sido retiradas de sua casa, apesar de minhas ordens em contrário. Mas, uma vez que estão em meu poder, o mais prudente é o senhor confessar lisa-mente tudo. No apartamento de Odell foi encontrada aberta uma caixa para documentos, cujo conteúdo desaparecera.

Segundo todas as aparências, essa caixa foi aberta segunda-feira à noite.

– Compreendo... – Cleaver riu grosseiramente – muito bem. O caso é que... ainda não espere que o senhor me acredite, eu não cedi à chantagem de Miss Odell senão em agosto. Dei-lhe uma data mais recuada porque assim julgava poder afastar-me mais do assunto. Julguei que quanto mais antiga fosse a chantagem mais dificilmente o senhor suspeitaria de mim.

Markham estava de pé, sopesando indecisamente as cartas. Vance interveio.

– Sou de parecer que devemos aceitar a explicação do Sr. Cleaver e devolver-lhe seus bilhetes de amor.

Markham guardou as cartas na bolsa e entregou-a a Cleaver.

– Desejo que compreenda que não aprovei a apropriação dessas cartas.

Leve-as e destrua-as. Não o detenho por mais tempo, mas peço-lhe que permaneça onde nos possamos comunicar com o senhor em caso de necessidade.

– Não penso em sair da cidade – respondeu Cleaver, e Heath o acompanhou ao elevador.



## Um telefonema

(Sábado, 16 de setembro – 10:00 horas)

Heath voltou ao gabinete sacudindo a cabeça, desesperançado.

– Segunda-feira à noite deve ter havido uma romaria à casa de Odell.

– Com efeito – disse Vance —, uma assembleia noturna dos admiradores da formosa dama.

Mannix estava lá e viu Cleaver; Cleaver viu Lindquist e Lindquist viu Spotswood...

– Sim; mas ninguém viu Skeel.

– O pior – interveio Markham – é que não sabemos até onde será verdadeira a história de Cleaver.

Você acredita, Vance, que ele tenha comprado as cartas em agosto? – Se eu pudesse saber! Maldita confusão, não é verdade? – De qualquer modo – disse Heath – a declaração de Cleaver de que ao seu telefonema um homem é que respondeu coincide com as declarações de Jessup. Cleaver foi quem aludiu primeiro a Lindquist, com receio de que Lindquist o denunciasse.

– O fato é que naquela noite o apartamento teve outra visita além de Skeel – disse Vance.

– Eu desejaria saber, sargento – observou Markham —, como foi que correram os ferrolhos daquela porta lateral e como foi de novo fechada.

Porque não temos dúvida agora de que, pela meia-noite, estava aberta e que tanto Mannix como Cleaver a utilizaram.

– Isso são minudências. O problema da porta resolver-se-á por si mesmo logo que descobramos quem esteve em companhia de Skeel na gaiola dourada da Canária – disse Vance.

– Isso está entre Mannix, Cleaver e Lindquist. Afinal, estes três é que fizeram ato de presença e qualquer deles teve oportunidade de esgueirar-se para dentro do apartamento, entre onze e meia e meia-noite.

– É verdade. Mas, quanto à presença de Lindquist, temos somente a palavra de Cleaver e, se ela não for confirmada, só se poderá aceitar essa declaração como probabilidade.

De repente Heath olhou o relógio.

– E a enfermeira que o senhor queria ver às onze horas, hoje? – Há uma hora que isso me preocupa horrivelmente – disse Vance, um tanto aborrecido. – Na verdade, eu não tenho o menor desejo de ver essa senhora. O que espero é uma revelação, compreende? Demos mais meia hora a Lindquist.

Nesse momento Swacker informou a Markham que Lindquist chegara para falar-lhe com urgência. Markham não conteve o riso, enquanto Heath olhava Vance com assombro.

– Não é feitiçaria, sargento – explicou Vance. – Ontem o doutor nos disse uma falsidade, de modo que, antes que a descobramos, ele quer explicá-la pessoalmente. Simples, não é? Quando o Dr. Lindquist entrou, percebi que a sua habitual elegância o abandonara. Suas maneiras eram lamentáveis; devia ter

passado algumas horas de terrível apreensão.

– Vim, senhor, para dizer-lhe a verdade sobre o que se passou na noite de segunda-feira, – A verdade é sempre bem-vinda, doutor – disse Markham para darlhe coragem.

– Lamento não ter feito isso desde o primeiro momento. Não havia, porém, considerado ainda toda a gravidade do caso; e, uma vez cometida uma falsa declaração, julguei melhor sustentá-la.

A verdade é que, segunda de noite, não estive com a senhora Breedon nas horas que mencionei. Estive em minha casa até às dez e meia. Depois fui ao apartamento de Miss Odell; estive parado do lado de fora, na rua, até às onze e meia e voltei para casa.

– Uma declaração tão desprovida de pormenores precisa ser muito ampliada.

– Compreendo e estou preparado para ampliá-la. – O Dr. Lindquist titubeou; no seu rosto pálido estampou-se a inquietação; as suas mãos entrelaçaram-se nervosamente.

– Tive notícia que Miss Odell ia ao teatro e depois cear com um homem chamado Spotswood, e esse pensamento começou a me torturar. A Spotswood é que eu devia a frialdade de Miss Odell; por sua causa proferi as ameaças contra a jovem. E aquela noite, sentado em minha casa, presa de sombrios e tumultuosos pensamentos, fui acometido do impulso de levar a cabo a minha ameaça. Por que, perguntava-me, não por fim de uma vez a essa intolerável situação e por que não arrastar também Spotswood na *débâcle*?...

À medida que falava, o médico tornava-se mais e mais agitado. Os seus nervos vibravam, os olhos encovavam-se e os ombros eram sacudidos por contínuos tremores.

– Lembre-se, senhor, de que eu estava atormentado e que meu ressentimento contra Spotswood parecia tirar-me da razão. Sem advertir o que ia fazer, mas obcecado por um impulso irresistível, coloquei minha automática no bolso e saí de casa apressadamente. Calculei que Miss Odell e Spotswood voltariam breve do teatro e resolvi entrar no apartamento e executar o que projetara... Vi-os entrar em casa, mais ou menos às onze horas; mas, quando me defrontei com a realidade, vacilei... Adieei minha vingança, gozando a ideia de que eles estavam à minha mercê... Durante meia hora estive ali espiando com maligna satisfação. No instante em que me dispunha a entrar e surpreendê-los, acercou-se de mim um homem chamado Cleaver, que me deteve para falar-me. Pensei que ele também iria visitar Odell e por isso lhe disse que ela estava com visita. Ele deu meiavolta e foi para os lados da Broadway e, enquanto eu esperava que dobrasse a esquina, Spotswood saiu, tomando um táxi que chegara... Meu plano fora burlado; eu esperara demais. Súbito, pareceu-me despertar de um pesadelo.

Eu estava quase desfalecido, mas esforcei-me para chegar a casa... Isso foi o que se deu... E que Deus me proteja!...

Lindquist abateu-se na cadeira. À excitação nervosa de que dera mostras enquanto falava, sucedeu um abatimento completo. Ficou vários minutos respirando custosamente e por duas vezes passou pela frente a mão, em um gesto vago. Não estava mais em condições de ser interrogado e Markham mandou que Tracy o acompanhasse.

– Esgotamento momentâneo por causa da história – disse Vance. – Todos estes paranoicos são hiperneurastênicos. Daqui a um ano estará aos cuidados de um médico.

– Pode ser – disse Heath, indiferente aos dados da psiquiatria – mas o fato é que coincidem as histórias de todas essas pessoas.

– Sim – concordou Markham – não há que negar que se vê um fundo de verdade em todas as declarações.

– Mas – disse Vance – faça o favor de observar" que o que dizem não exclui a possibilidade da participação deles no crime; as suas declarações sincronizam, mas não impedem que algum deles tenha entrado no apartamento de Miss Odell aquela noite. Por exemplo: Mannix podia ter entrado pelo

apartamento n.º 2, antes que Cleaver chegasse e escutasse; Cleaver, por sua vez, podia ter falado com o médico às onze e meia, ter ido ao Hotel Ansonia e voltado, entrando no apartamento e saindo às onze e cinquenta e cinco quando Mannix o viu. Também o nosso excitado médico podia ter entrado depois de falar com Cleaver, saindo antes de ele voltar.

Não; o fato de concordarem as declarações não exclui a culpa de nenhum deles.— E — acrescentou Markham — o grito "Oh, meu Deus!" que Cleaver ouviu podia ter sido dado por Mannix ou Lindquist.

— Sim; alguém andou invocando as divindades ao redor do cadáver; Cleaver não tem imaginação para inventar esse impressionante pormenor.

— Mas — obtemperou Markham — se Cleaver ouviu esse grito, ele fica eliminado de suspeita.

— Completamente, não. Ele podia ter ouvido o grito depois de sair, provando isso que lá dentro estava mais alguém.

— O seu homem do guarda-roupa — disse Heath.

— Sim, sem dúvida. Deve ter sido Skeel, ao sair do guarda-roupa, quem proferiu essa evangélica exclamação, vendo-se no meio da espantosa cena.

— Na verdade — retrucou Markham — Skeel não me aparece precisamente como um homem religioso...

— Ora, ora... — murmurou Vance, encolhendo os ombros. — As pessoas irreligiosas chamam por Deus com maior frequência que os cristãos.

Os ateus são os mais impenitentes dos teólogos.

Heath, que estava sentado e absorto em sombrias meditações, tirou o cigarro da boca e deu um profundo suspiro.

— Bem, quero admitir que, além de Skeel, houve mais alguém no apartamento, e que o "Catita" esteve escondido no guarda-roupa. Mas, nesse caso, a outra pessoa não viu Skeel e não nos vai adiantar nada quando a identificarmos.

— Não se apresse, sargento; quando tiver identificado o outro misterioso visitante, você terá uma formidável surpresa, e aposto que vai até cantar e dançar para nós.

— Vou cantar mas é o diabo! Swacker entrou com uma nota escrita a máquina, que deu a Markham. Este leu-a toda.

— É o arquiteto. Nada de novo. Paredes sólidas, nenhuma entrada falsa.

— Que pena, sargento!... — suspirou Vance. — Terá que abandonar sua ideia cinematográfica... É pena.

Heath suspirou desconsolado e, dirigindo-se a Markham, disse: — Mas, mesmo não havendo outra entrada, não podíamos conseguir um veredicto contra Skeel, uma vez que a porta lateral estava aberta? — Sim, talvez. Mas o principal obstáculo que encontramos é demonstrar como foram abertos e fechados os ferrolhos logo após a saída de Skeel. E Abe Rubin não esquecerá esse ponto. O melhor é esperarmos mais um pouco para ver se aparecem outras novidades.

Alguma coisa "apareceu" em seguida: Swacker entrou no gabinete informando a Heath que Snitkin queria falar-lhe com urgência.

Apareceu Snitkin, visivelmente agitado, acompanhado de um homenzinho contrafeito e pobremente vestido, de seus sessenta anos, que olhava com expressão espavorida e aterrorizada. O detetive trazia na mão um pacote feito de jornais, que deixou cair sobre a mesa com ar de triunfo.

— As joias da Canária — disse ele. — Confrontamos com a lista que nos deu a criada; estão todas aqui.

Heath deu um salto, mas Markham já desatava o cordel com dedos trêmulos. Quando o papel foi aberto, apareceu um montão de joias fulgurantes; vários anéis, obra de finos artífices, três magníficos



braceletes, um deslumbrante broche e um lornhão delicadamente trabalhado. As pedras eram todas grandes e de formas lindíssimas.

Markham levantou os olhos inquisidoramente e Snitkin, sem esperar a pergunta, explicou: – Este homem, chamado Potts, encontrou-as. É varredor e disse que elas estavam em um dos receptáculos da Rua 23, perto do Edifício Flatiron.

Segundo diz, encontrou-as ontem à tarde, levando-as para casa. Depois começou a preocupar-se e trouxe-as à Polícia Central.

Era visível que Potts, o varredor, estava tremendo.

– É verdade, senhor... é verdade... – assegurou ele a Markham, com veemência. – Eu sempre olho para dentro dos pacotes que encontro. E não o levei para casa com má intenção, senhor. Não ia ficar com elas. Estive toda a noite acordado, pensando nisto e esta manhã levei as joias à polícia.

O homenzinho tremia de tal modo que pensei fosse cair.

– Está bem, Potts – disse Markham com voz bondosa; e, dirigindo-se a Snitkin: – Deixe ir esse homem, mas tome-lhe o nome e residência.

Vance observava o jornal do pacote.

– Diga-me uma coisa, meu amigo. Este jornal é o mesmo que enrolava as joias? – Sim, senhor... o mesmo. Eu não toquei em nada.

– Muito bem.

Potts, muito aliviado, saiu com passo inseguro.

– O Edifício Flatiron está mesmo defronte ao Stuyvesant Club, do outro lado da Praça Madison – observou Markham de sobrelance carregada.

– É isso – disse Vance e assinalou a margem esquerda do jornal que enrolava as joias. – E observe que este "Herald" de ontem tem três perfurações, que sem dúvida correspondam às travessas de madeira com que geralmente se prendem os jornais nas salas de leitura dos clubes.

– O senhor tem boa vista – concordou Heath, examinando o jornal.

– Vou averiguar isto – disse Markham, tocando a campainha. – No Stuyvesant costumam guardar os jornais uma semana.

Quando Swacker apareceu, pediu-lhe que chamasse ao telefone o gerente do Clube e pouco depois os dois falavam.

Após cinco minutos de conversação Markham largou o fone e lançou a Heath um olhar desanimado.

– O Clube recebe dois exemplares do "Herald" e os dois de ontem estão lá.

– Cleaver não nos disse uma vez que lia somente o "Herald" e algum outro jornal turista, à noite? – perguntou Vance.

– Creio que sim – respondeu Markham e, dirigindo-se a Heath: – Quando o senhor andou tomando informações sobre Mannix, não averiguou que clube ele frequenta? – É claro – disse o sargento, tirando do bolso o seu livro de notas e folheando-o com os dedos trêmulos. – É sócio do Fourriers e do Cosmopolis.

Markham empurrou o telefone para ele.

– Veja se se informa de alguma coisa.

Heath dedicou-se à tarefa durante quinze minutos.

– Zero – anunciou finalmente. – O Fourriers não usa prendedores de jornais e o Cosmopolis não guarda nenhum número atrasado.

– E que me dirá dos clubes de Skeel, sargento? – perguntou Vance, sorrindo.

– Bem; compreendo que a descoberta das joias põe por terra a minha teoria sobre Skeel. Mas não

pense que por isso darei ao "Catita" um atestado de boa conduta – respondeu Heath, em tom áspero. – O fato de terem sido encontradas as joias de Odell não lhe tira toda a culpa de cima. Ele talvez se tenha alarmado entregando as joias a algum companheiro, para que não o pegassem com a mão na massa.

– Pode ser que Skeel tenha passado as joias a um recepta-dor. Mas este as iria por fora, somente porque Skeel estava assustado? – Quem sabe...? O encontro destas joias tem alguma explicação e quando a conhecermos Skeel não ficará inocente.

– Sim, a explicação não inocentará Skeel – respondeu Vance – mas mudará muito a sua situação. Heath olhou Vance curiosamente, pois percebeu em suas palavras qualquer coisa oculta, e o sargento não esquecia a certeza dos seus diagnósticos sobre as pessoas e as coisas.

Antes, porém, que pudesse responder, Swacker entrou no gabinete.

– Tony Skeel está no telefone, chefe, e quer falar-lhe. Não obstante sua habitual serenidade, Markham sobressaltou-se.

– Aqui, sargento – disse rapidamente. – Tome este receptor para escutar também.

Fez um sinal a Swacker e este retirou-se para fazer a ligação. O Procurador tomou o telefone e começou a falar com Skeel.

A conversa durou dois minutos. Após uma curta argumentação, Markham cedeu a um pedido que evidentemente lhe era feito, terminando a conversa.

– Skeel quer uma audiência, não? – disse Vance. – Eu esperava isso.

– Sim. Virá aqui amanhã às dez horas.

– E disse que sabe quem assassinou a Canária, não foi? – Foi precisamente o que ele disse. Prometeu contar-me toda a história amanhã.

– É a pessoa que se encontra em situação de fazê-lo.

– Mas, Sr. Markham – atalhou Heath, ainda com o receptor na mão e olhando-o como se duvidasse do que ouvira —, não vejo por que não o traremos hoje mesmo.

– Como o senhor ouviu, sargento, Skeel insistiu em que fosse amanhã, ameaçando nada dizer se quiséssemos forçá-lo. Não convém contrariá-lo.

Poderíamos perder uma boa oportunidade para tudo esclarecer. Ele amanhã virá de vontade própria. Além disso, ele não pode fugir, porque está vigiado.

– Creio que tem razão. O "Catita" é muito suscetível e capaz de imitar a ostra se quisermos pegá-lo à força.

– Amanhã farei vir Swacker para tomar o depoimento. Como é domingo, ponha um de seus homens no elevador, outro no hall e mais um no gabinete de Swacker.

Vance espreguiçou-se, levantando-se.

– Muito acertado andou esse cavalheiro em telefonar a esta altura dos acontecimentos. Esta tarde tenho duas poltronas para ver os Monets no "Duran-Ruel" e estava com receio de perdê-las por causa deste caso tão empolgante. Agora, porém, que o apocalipse promete falar amanhã sem falta, posso satisfazer os meus sentidos. À *demain*, Markham. Adeus, sargento.



## A entrevista das dez horas

(Domingo, 17 de setembro – 10:00 horas)

Quando nos levantamos, na manhã seguinte, caía uma chuva fina; havia no ar um frio penetrante, prenunciando o inverno. Tomamos café na biblioteca, às oito e meia, e, de acordo com a ordem de Vance, o carro deste nos esperava embaixo às nove horas. Descemos pela Quinta Avenida, então quase deserta e imersa em uma névoa amarelenta.

Apanhamos Markham em sua residência na Rua 12, Oeste. Ele nos esperava na calçada e entrou no carro com breves palavras de saudação. De seu aspecto preocupado e ansioso percebi que todo o seu pensamento estava preso às próximas declarações de Skeel. A certo trecho do caminho ele falou, exprimindo uma dúvida que por certo o torturava.

– Eu me pergunto, afinal, se Skeel terá alguma coisa importante para contar-nos. O telefonema dele é bem estranho. É verdade que falou de forma confidencial sobre o que sabe. Nenhuma dramaticidade, nenhuma súplica para ficar como insuspeito... somente uma declaração simples e sincera de que sabia quem matou Odell e que decidiu esclarecer as coisas.

– É fora de dúvida que ele não estrangulou a pequena – disse Vance.

– Minha teoria, como sabe, é que ele esteve escondido no guarda-roupa enquanto se consumava o terrível atentado e tudo faz crer não tenha o caso segredo para ele. O orifício da fechadura do guarda-roupa está diretamente em frente ao extremo do sofá onde a jovem foi estrangulada; e, se durante o tempo em que se ocultou uma outra pessoa executava a horrenda tarefa, é de supor que Skeel o espreitasse pela fechadura. Você deve-se lembrar de que eu o interroguei sobre este ponto e a verdade é que ele não negou..

– Mas nesse caso...

– Oh, já sei! Há uma série de objeções eruditas para invalidar a minha tese... Por que não deu ele alarme? Por que não confessou o que vira? Por que isto, por que aquilo? Eu não pretendo ser onisciente, nem sequer oferecer uma explicação lógica para todos os pormenores do crime. Minha hipótese está apenas esboçada. No entanto, estou convencido de que o nosso atilado Tony sabe quem matou sua ex-amante e arrasou o apartamento.

– Mas, das três pessoas que, possivelmente, entraram aquela noite no apartamento, isto é, Cleaver, Lindquist e Mannix, é evidente que Skeel conhece somente uma: Mannix.

– Sim, parece. E Mannix, segundo se deduz, é dos três o único também que conhece Skeel... Interessante, não? Encontramos Heath na entrada do Tribunal. Ele também estava preocupado e nos apertou a mão sem o vigor habitual.

– Tenho Snitkin no elevador; Burke está no hall de cima e com ele Emery, esperando que o

conduzam ao gabinete de Swacker.

Entramos no edifício silencioso e deserto e subimos ao quarto andar.

Markham abriu o seu gabinete e aí nos sentamos.

– Guilfoyle, o investigador que vigia Skeel – disse Heath —, tem ordem de nos telefonar assim que o "Catita" sair de sua casa.

Eram então dez menos vinte. Cinco minutos mais tarde apareceu Swacker com o seu bloco de taquigrafia e foi colocar-se atrás da porta giratória que dava para o gabinete particular do Procurador, de onde poderia ouvir todo o depoimento sem ser visto. Markham acendeu um cigarro e Heath imitou-o. Vance já fumava plàcidamente. Ele era, de todos nós, o único sereno. Estendido na grande poltrona de couro, parecia insensível a todas as emoções e surpresas. Mas, pela maneira desusada com que sacudia a cinza do cigarro, percebi que também estava ansioso. Cinco minutos mais se passaram, O sargento deu um suspiro de enfado e disse: – Não, eu não me enganarei com esse sujeito. As joias lindamente embrulhadas em um canto da rua... o "Catita" querendo fazer confidencias...

Isso tudo é muito estranho.

– É penoso, sargento – disse Vance. – Mas não é absurdo. O indivíduo que fez toda essa embrulhada não queria as joias, elas o incomodavam horivelmente.

Às dez horas, Heath levantou-se e foi até ao vestíbulo. Voltou, comparou o seu relógio com o do Tribunal e começou a percorrer a casa impacientemente. Markham procurava manter-se calmo.

– Já podia estar aqui – observou.

– Virá, ou o traremos à força – respondeu Heath, sem interromper as furiosas passadas.

Poucos minutos depois, saía outra vez. Ouvimos que chamava Snitkin pela abertura do elevador. Quando voltou, disse que não havia ainda sinal de Skeel.

– Vou falar com a Seção de Homicídios, para onde Guilfoyle também devia falar quando Skeel saísse de casa.

No Quartel da Polícia, porém, não havia notícias.

O relógio marcava dez e vinte. Markham já não podia mais dissimular sua contrariedade. Se Skeel não comparecesse, tudo continuaria confuso.

Empurrou a cadeira para trás e foi até à janela, voltando com a fisionomia carregada.

– Vou esperar até às dez e meia, sargento. Se ele não vier, telefone ao posto de polícia deste distrito para que o tragam num tintureiro.

Mais alguns minutos passaram.

Observei que Vance já não fumava e que a sua frente se enchia de rugas.

Algum novo problema o preocupava. Súbito ergueu-se, os olhos muito abertos, arrojando o cigarro no cinzeiro, aparentemente sob grande excitação.

– Oh, com os diabos! – exclamou. – Mas não pode ser! No entanto...

no entanto... deve ser isso! Que grande burro que eu fui! Que imbecil! Oh! Pôs-se de frente para Markham, olhando-o com ar sombrio e temeroso.

– Markham, meu caro, isto é estranho... e não me agrada nada...

Garanto a você que alguma coisa terrível vai acontecer... alguma coisa pavorosa! Essa ideia me dá arrepios. Estou ficando velho e sentimental – ajuntou, procurando aparentar indiferença, mas os seus olhos desmentiam-me o tom. – Por que não o preveni ontem? Mas devo ir já...

Nós todos olhávamos sem compreendê-lo. Nunca víamos Vance assim.

Passados uns momentos, ele sacudiu os ombros e, apoiando as mãos na mesa de Markham, disse: – Não compreende? Skeel não virá. Não devemos esperá-lo agora, como não o podíamos esperar antes. Nós é que devemos ir lá. Ele nos espera.

Venha! Tome o seu chapéu.

Markham levantou-se. Vance pegou-o fortemente pelo braço.

– Não perca tempo. Cedo ou tarde você terá que ir aonde está Skeel.

Vamos de uma vez. Meu Deus! Que situação! E o senhor também, sargento.

Lamento que tenha tanto trabalho por minha culpa. Eu devia tê-lo previsto.

Sabe onde mora Skeel? Heath assentiu mecanicamente, também contagiado pela excitação de

Vance.

– Então, não esperemos mais. Será bom que traga Burke e Snitkin.

Aqui não vão mais ser necessários.

Poucos minutos mais tarde, acompanhados por Snitkin, ocupávamos o automóvel de Vance e voávamos pela cidade. O escritório de Markham ficou fechado; Burke e Emery foram para a Seção de Homicídios aguardar novas ordens.

Skeel morava na Rua 35, próximo do East River, em uma sombria mas pretensiosa casa, que devia ter sido outrora residência de alguma família da classe alta. Agora tinha um aspecto de abandono e decadência. O pátio estava cheio de cisco e em uma das janelas um cartaz oferecia quartos para alugar.

Quando nosso veículo se deteve, Heath saltou e olhou em torno.

Logo divisou um homem desgrenhado que estava semi-oculto na porta de um armazém de comestíveis, do outro lado da rua. Fez-lhe um sinal e o homem se aproximou com passo furtivo.

– Muito bem, Guilfoyle – disse o sargento. – Vamos fazer uma visita ao "Catita". Que se passou? Por que não informou nada? O outro olhou-o surpreso.

– Disseram-me que telefonasse quando ele saísse de casa. E ainda não saiu. Mallory seguiu-o até aqui, pelas dez horas da noite, e eu substituí Mallory hoje às nove. O "Catita" está lá dentro.

– Claro que está lá dentro, sargento – disse Vance, impaciente.

– Onde fica o quarto dele, Guilfoyle? – Segundo andar, nos fundos.

– Bem. Nós vamos entrar. Fique aqui.

– Vá prevenido – advertiu Guilfoyle. – É pior que um gato.

Heath guiou o grupo, subindo pelos gastos degraus da escada que ia da calçada ao vestíbulo.

Sem se anunciar girou bruscamente a maçaneta da porta e em seguida nos introduzimos na pesada atmosfera do corredor.

De súbito, apareceu na porta do outro extremo do corredor uma desalinhada mulher de seus quarenta anos de idade, vestindo uma bata em mísero estado e tendo caídas sobre os ombros as tranças desiguais da melena. Veio até nós com passo tardo, sem dissimular o rancor dos olhos turvos.

– Digam! – explodiu com voz rouca. – Que querem aqui? – e ilustrou a frase com uma série de epítetos profanos.

Heath, que ia na frente, aplicou sua enorme mão no rosto da megera, dando-lhe um suave mas firme empurrão para trás.

– Não se meta nestas coisas, Cleópatra! – avisou-a, começando a subir a escada.

O patamar do segundo andar estava iluminado por um pequeno bico de gás e no fundo podemos distinguir uma porta, situada no meio da parede.

– Deve ser ali a residência do Sr. Skeel – observou Heath.

Chegando defronte da porta, pôs a mão direita no bolso e procurou dar volta no trinco. A porta estava fechada, e o sargento bateu com violência, pondo-se a escutar. Snitkin estava atrás de Heath, com a mão também no bolso. Nós ficamos mais afastados.

Heath bateu pela segunda vez e Vance observou: – Está perdendo o seu tempo com essas formalidades, sargento.

– Creio que tem razão – respondeu Heath, após um momento que nos pareceu interminável.

Retrocedendo alguns passos e equilibrando-se sobre a ponta dos pés, como um corredor, o sargento lançou-se contra a porta. A fechadura, porém, resistiu.

– Vamos, Snitkin! – ordenou.

Os dois detetives arremessaram-se juntos e, ao terceiro empurrão, a porta cedeu, escancarando-se violentamente.

O aposento estava em quase completa escuridão. No umbral, vacilamos, enquanto Snitkin avançava cautelosamente até uma das janelas e fazia saltar para cima a cortina corrediça. À luz cinzento-amarelada do dia os objetos do quarto tomaram forma e cor. À direita, com a cabeceira contra a parede, estava uma cama de estilo antigo.

– Olhem! – gritou Snitkin, e a sua voz me deu um calafrio.

Demos um passo. Nos pés da cama, do lado mesmo da porta, jazia encolhido o corpo de Skeel. Como a Canária, fora estrangulado. A cabeça pendia para o lado, o rosto espantosamente deformado, uma das pernas pendendo para o chão.

– Enforcado! – murmurou Vance. – Lindquist falara nisso... Curioso! Heath olhava fixamente o corpo.

Sua habitual rudeza desaparecera: era um homem profundamente emocionado.

– Santo Deus! – suspirou afinal e, com um gesto involuntário, benzeuse.

Markham sofrerá também um choque moral; apertava os dentes violentamente.

– Você tem razão, Vance – sua voz era estranha, quase sobrenatural.

– Aqui ocorreu alguma coisa sinistra e terrível... Algum ente infernal caiu sobre a cidade... o lobo da lenda.

– Eu não diria tanto, meu amigo. – Vance examinava o corpo de Skeel com olhos de perito. – Eu não diria isso. Não há lobo algum. Nada mais que um ser humano desesperado. Um homem de extremos... mas inteiramente racional e lógico... oh! de uma lógica terrível!



## Uma prisão

(Domingo, à tarde; segunda-feira, pela manhã; 17 e 18 de setembro)

O inquérito sobre a morte de Skeel foi iniciado pelas autoridades com grande energia. O Dr. Doremus, médico legista, chegou logo depois e declarou que o crime tivera lugar entre dez horas e meia-noite do dia anterior. Vance insistiu em que Lindquist, Mannix, Cleaver e Spotswood fossem interrogados imediatamente, para explicarem onde estavam entre as dez horas e meia-noite anteriores. Markham concordou sem titubear e deu ordens nesse sentido a Heath, que em seguida encarregou da tarefa quatro de seus homens.

Mallory, o detetive que vigiara Skeel na noite anterior, foi interrogado com referência a possíveis visitantes, mas, desde o momento que se soube que na casa havia mais de vinte inquilinos, os quais entravam e saíam a todas as horas, não foi possível concluir nada por esse processo. A proprietária do prédio, a quem a tragédia impressionara a ponto de torná-la delicada, negou com veemência qualquer conhecimento do assunto. Estivera doente em seu quarto desde a hora da ceia. A porta da frente nunca era fechada. Os inquilinos também foram interrogados, mas sem resultado. Pertenciam todos à irmandade dos que nunca prestam informações à polícia, mesmo quando sabem de tudo.

Os técnicos em impressões digitais, além das que pertenciam ao próprio Skeel, nada encontraram. Sob o travesseiro, foi achado um revólver Colt, calibre 38, com a carga completa. No orifício da parede que sustinha o varão de uma cortina, estavam ocultos mil e cem dólares, e debaixo de uma tábua meio carcomida do vestíbulo encontraram o formão de aço que tanto havia sido procurado. Nada disso, porém, esclarecia a morte de Skeel e às quatro horas da tarde a porta do quarto era lacrada, ficando uma sentinela à vista.

Vance acompanhara as investigações com a sua habitual displicência.

Somente as roupas do assassinado é que lhe mereceram especial atenção, pois examinou-as peça por peça. Heath olhava-o de tempos em tempos, mas já sem desdém nem reserva alguma. Às duas e meia da tarde retiramo-nos, tendo Markham prevenido Heath de que estaria todo o dia no Stuyvesant Club, para onde fomos com ele.

Comemos o nosso tardio almoço no grill-room deserto.

– Este novo episódio põe por terra quase todas as bases das nossas investigações – disse Markham, desanimado, quando nos serviam o café.

– Oh, não, não é assim! – contestou Vance. – Digamos antes que é mais uma coluna no edifício de minha teoria.

– Sim, a sua teoria... É a única coisa que nos resta para prosseguir. Esta manhã ela ficou provada. E é de admirar como você previu logo o motivo da falta de Skeel à entrevista.

– Você exagera meus confusos conhecimentos forenses, amigo Markham. Veja você. Eu presumi que o estrangulador da Canária conhecia a combinação feita com você por Skeel. Esse oferecimento de Skeel para revelar a verdade era uma ameaça que ele fazia ao assassino, do contrário não teria fixado a hora do encontro com um dia de antecedência. Não há dúvida de que esperava que nesse intervalo a vítima da ameaça ficasse à mercê dele. O dinheiro encontrado oculto na janela indica que Skeel andou extorquindo o assassino e que ontem telefonou a você por ter recebido uma negativa de nova quantia. Isso coincide, de resto, com o fato de ele ter guardado segredo durante estes dias todos.

– Talvez tenha razão, mas agora estamos mais desorientados que nunca, pois nem sequer temos Skeel para nos esclarecer.

– Pelo menos, obrigamos o nosso intangível culpado a cometer um novo crime para manter indecifrado o primeiro. Quando soubermos o que andaram fazendo ontem à noite os vários enamorados da Canária, teremos mais alguns pontos de referência. E, a propósito, quando poderemos conhecer essas emocionantes informações? – Depende da sorte dos homens de Heath. Talvez hoje à noite, se tudo correr bem.

Eram, com efeito, oito horas quando Heath telefonou transmitindo as informações. Não se poderia imaginar um resultado menos satisfatório. O Dr. Lindquist tinha sido vítima de um "ataque de nervos" e fora internado no Hospital Episcopal. Estava sob os cuidados de alguns médicos eminentes, de cuja palavra seria absurdo duvidar. Antes de uma semana estaria incapaz de reiniciar seus trabalhos profissionais. Essa informação era, das quatro, a única definitiva, e excluía completamente o médico de qualquer participação no crime da noite anterior.

Por uma coincidência, nem Mannix, nem Cleaver, nem Spotswood puderam fornecer explicações insuspeitas. Todos três afirmavam ter permanecido em suas respectivas residências na noite anterior. O tempo estivera muito ruim e Mannix e Spotswood, ainda que confessassem ter saído de casa à noitinha, declararam ter regressado antes das dez horas.

Mannix vivia em um hotel e as noites de sábado eram sempre tão movimentadas que ninguém tinha reparado a hora de sua saída e regresso.

Cleaver residia em uma pequena casa sem porteiro nem criados e ninguém poderia observar seus movimentos. Spotswood morava no primeiro andar do Stuyvesant Club, raramente utilizando o elevador. Além disso, sábado houvera um grande baile no estabelecimento e ele teria podido entrar e sair, à vontade, dezenas de vezes, sem que dessem por isso.

– Nada que você possa chamar elucidativo – disse Vance e Markham.

– De qualquer modo, elimina Lindquist.

– Por certo. E elimina-o também de suspeitas no assassinato de Canária, pois estes dois crimes são complementares, formam um sistema só. O último foi uma consequência lógica do primeiro. O autor é o mesmo.

– Creio que agora terei que me limitar a seguir a sua teoria e ver o que acontece.

– O que me aborrece é a inquietadora ideia de que nada mais acontecerá se nós não forçamos os acontecimentos. O indivíduo que fez isto agiu com perfeição.

Nesse momento, Spotswood entrou no salão e olhou em torno como procurando alguém. Vendo Markham, veio até nós com passo vivo e olhar interrogativo.

– Perdoem-me a interrupção – disse, cumprimentando cortesmente – mas esta tarde um oficial da polícia veio perguntar-me sobre o que fiz ontem à noite. Isso me pareceu estranho, ainda mais quando vi nos jornais, há pouco, que um tal Tony Skeel foi estrangulado. Recordo-me de que o senhor me interrogou sobre esse homem, relacionando-o com Miss Odell e perguntei a mim mesmo se há alguma conexão entre esses dois crimes e se eu poderei ser envolvido no assunto.



– Não, creio que não – disse Markham. – Parece provável que entre os dois crimes haja relação e por isso resolvemos interrogar todos os conhecidos íntimos de Miss Odell, a fim de ver se apuramos qualquer pormenor elucidativo. Pode despreocupar-se do caso, e espero que o oficial de polícia não o tenha molestado.

– Não, em verdade – o olhar ansioso de Spotswood acalmou-se. – Foi até muito cortês, mas um tanto misterioso. E quem era esse tal Skeel? – Um tipo do baixo mundo e ex-ladrão. Teve qualquer relação com Margaret Odell e parece que lhe extorquia dinheiro.

Pelo rosto de Spotswood passou uma nuvem de desgosto.

– Uma pessoa assim merecia o destino que teve.

Conversamos ainda até às dez horas, quando Vance se levantou alegando que ia recuperar o sono perdido, pois não tinha resistência para a vida de policial.

Apesar disso, às nove horas da manhã seguinte, estava ele no gabinete do Procurador do Distrito. Levava consigo vários jornais e pôs-se a ler com muita atenção as notícias sobre a morte de Skeel. Para Markham, segunda-feira era um dia de áspero labor e desde às oito e meia que trabalhava no despacho de seus negócios rotineiros.

Heath devia chegar às dez horas. Eu e Vance resolvemos ler jornais até sua chegada.

Às dez em ponto entrava Heath.

Percebia-se que estava muito satisfeito. O cumprimento que dirigiu a Vance foi o de um vencedor. Alguma coisa acontecera que o agradava enormemente.

– Nossos incômodos terminaram – disse, fazendo uma pausa para acender o charuto. – Prendi Jessup.

Foi Vance quem rompeu o dramático silêncio.

– Em nome do céu!... Por quê? Heath voltou-se, pouco satisfeito com o tom do meu amigo.

– Pelo assassinato de Odell e Tony Skeel! – Oh, minha tia! Oh, minha preciosa tia! – exclamou Vance, olhando com incredulidade. – Anjos do céu, vinde consolar-me! Heath não se desconcertou.

– O senhor não precisa de anjos, nem de tias para consolá-lo. Tenho o sujeito em um saco para levá-lo ao júri.

A surpresa de Markham acalmou-se.

– Vamos à história, sargento. Heath acomodou-se na cadeira.

– É isto. Ontem à tarde pus-me a refletir. Temos Skeel, morto como Miss Odell, depois de prometer "contar", e por certo as coisas se apresentam como se o mesmo indivíduo tivesse morto a ambos. Por conseguinte, cheguei à conclusão de que segunda-feira houve duas pessoas no apartamento de Miss Odell, como o Sr. Vance já afirmara. Concluí também que os dois se deviam conhecer bem; pois o outro não somente sabia onde morava Skeel, como também sabia que ele ia falar. Ocorreu-me, então, que deviam ter feito o "trabalho" de Miss Odell em companhia e que por isso o "Catita" ainda não dissera nada. Mas, depois que o outro se mostrou nervoso e se desfez das joias, Skeel achou melhor dizer tudo, para segurança própria.

Nunca acreditei muito na culpabilidade de Mannix, Cleaver e o doutor. Eles não são da classe dos que podem fazer um trabalho desses, nem se misturariam com um delinquente como Skeel. Assim, pus de lado os três e comecei a procurar uma boa figura... alguém capaz de ter cometido o crime.

Heath deteve-se um momento e continuou.

– Ora, o que complicava tudo era a porta lateral, Como foi aberto o ferrolho depois das três da tarde? E quem o fechou novamente após o crime? Skeel deve ter entrado antes das onze, porque quando Spotswood e Miss Odell vieram do teatro ele já estava lá, e de certo saiu pela mesma porta depois que Cleaver foi ali. Mas, isso não explica como foi a porta fechada pelo lado de fora. Para melhor ajuizar a

coisa, fui até à casa e examinei o local novamente. Estava na mesa telefônica o jovem Spively. Fiz-lhe algumas perguntas e soube que Jessup abandonara seu lugar no dia anterior.

Foi sábado à noite!... Foi então que tudo se me esclareceu. Sr. Markham, ninguém, a não ser Jessup, poderia ter aberto e fechado a porta. Veja o senhor mesmo se não tenho razão.

Markham estava já interessado.

– Resolvi não perder tempo. Já de regresso, saltei do subterrâneo e telefonei a Spively, perguntando a residência de Jessup. Ele me informou que Jessup mora na Segunda Avenida, dobrando a esquina da casa de Skeel.

Chamei dois homens e fomos em sua procura. Encontramo-lo arrumando a mala para ir para Detroit. Prendi-o e tirei suas impressões digitais, pois em geral os criminosos não estreiam em casos tão sérios como o de Odell. Ora, Dubois, que examinou essas impressões, identificou-o. Seu nome não é Jessup; William, sim, mas William Benton. Foi condenado em Oakland por crime de assalto e agressão e cumpriu um ano em San Quentin, quando Skeel estava na mesma prisão. Foi processado por ocasião de um roubo em um banco de Brooklyn, em 1914, mas não foi a júri. Diz ele que por isso mesmo mudou de nome e se alistou no exército. Somente confessou isso, mas é o quanto basta. Eis os fatos. Jessup cumpriu pena por crime de agressão; esteve na cadeia junto com Skeel; não diz claramente onde esteve na noite de sábado e mora perto de Skeel. Saiu do emprego sábado de tarde.

É um homem forte, que podia fazer o "trabalho" facilmente. Quando o prendemos, preparava a mala e... é o único homem que podia ter aberto a porta no dia do crime. Não lhe parece um caso completo? Markham ficou mudo alguns momentos.

– Ao que parece, não há dúvida. Mas, qual seria o motivo por que matou a moça? – Isso é simples. Não se recorda de que, quando o Sr. Vance perguntou a Jessup sobre os seus sentimentos a respeito de Odell, ele ficou vermelho e confuso? – Oh! – exclamou Vance. – Serei ainda cúmplice de semelhante loucura? Eu, sem dúvida, indaguei dos sentimentos daquele moço em relação à dama, mas apenas por precaução, procurando qualquer probabilidade.

– Bem, mas o senhor é quem descobriu esse pormenor – e Heath, dando as costas a Vance, continuou: – Para mim, o caso é claro: Jessup apaixonou-se por Margaret Odell e presenciou todas as noites as visitas dos amantes da dama. Isso lhe causava ciúmes. Então aparece Skeel e, reconhecendo-o, propõe-lhe a "limpeza" do apartamento de Miss Odell.

Skeel não pode fazer sozinho o trabalho por que tem de passar em frente à mesa telefônica e já é conhecido na casa. Jessup vê uma oportunidade de vingar-se do desdém da moça e de seus amantes, e assim preparam tudo para segunda-feira à noite. Quando Miss Odell sai, Jessup abre a porta lateral e o "Catita" entra no apartamento com sua própria chave. O regresso inesperado da pequena com Spotswood obriga Skeel a esconder-se no guarda-roupa.

Após a saída daquele, o ladrão faz barulho e Miss Odell grita mas, vendo de quem se trata, tranquiliza Spotswood que havia voltado até à porta. Jessup compreende que Skeel fora descoberto e resolve aproveitar a situação. Logo que Spotswood se vai embora, ele entra ao apartamento com a chave que tem. Skeel, não sabendo quem fosse, esconde-se no guarda-roupa novamente e Jessup estrangula a moça, para comprometer Skeel. Este, porém, sai do guarda-roupa e vê tudo; resolve então saquear o apartamento. Jessup tenta abrir o cofre das joias com o atizador e Skeel termina o trabalho com o formão. Skeel abandona a casa pela porta lateral e Jessup passa novamente o ferrolho. No dia seguinte, Skeel entrega as joias a Jessup, para que as guarde até passar a tormenta, mas este se assusta e desfaz-se delas. Em consequência disso, brigam e Skeel resolve contar tudo à polícia; Jessup desconfia, faz-lhe uma visita no sábado à noite e mata-o. Heath fez um gesto dando fim ao seu relato.

– Engenhoso... diabòlicamente engenhoso... – murmurou Vance. – Sargento, eu me arrependo do

que disse há pouco. O senhor reconstruiu o crime muito engenhosamente. Solucionou o caso de forma admirável... mas errônea.

– É o bastante para mandar Jessup para a cadeira elétrica.

– Isso é o que a sua lógica tem de terrível. Tão amiúde ela o conduz a falsas conclusões...

Vance pôs-se de pé, caminhou pelo gabinete de mãos nos bolsos e veio postar-se diante do sargento.

– Pergunto-lhe, amigo Heath: se alguém mais pudesse ter corrido o ferrolho e depois tornado a fechar a porta, admitirá que a sua prova contra Jessup fica debilitada? Heath assumiu um ar de generosidade.

– Seguramente. Demonstre-me que outra pessoa poderia ter feito, e eu admitirei que estou equivocado.

Skeel mesmo o fez, sargento. E o fez... sem que ninguém o soubesse.

– Skeel! Não estamos mais em tempos de milagre, Sr. Vance.

Vance deu meia-volta e colocou-se na frente de Markham.

– Ouça! Jessup está inocente. E vou prová-lo de qualquer maneira.

Minha teoria é completa, ainda que deficiente em um ou dois pontos sem importância, e confesso que ainda não posso por um nome no culpado. Mas, é a teoria acertada, Markham, e diametralmente oposta à do sargento. Por conseguinte, têm que me dar a oportunidade de demonstrá-la. A demonstração, porém, não poderá ser feita aqui. Os senhores têm que me acompanhar até ao apartamento de Miss Odell. É apenas uma hora, mas ainda que fosse uma semana teriam que concordar.

Aproximando-se mais da mesa de Markham, disse com uma convicção absoluta: – Eu sei que foi Skeel e não Jessup quem abriu a porta antes do crime e fechou-a depois.

Markham demonstrava a influência que essas palavras tinham sobre ele.

– Você sabe... sabe como se fosse um fato concreto? – Sim! E sei como ele procedeu.



## Vance demonstra

(Segunda-feira, 18 de setembro – 11:30 horas)

Meia hora depois, entrávamos na pequena casa de apartamentos da Rua 71. Apesar de todas as circunstâncias aduzidas por Heath contra Jessup, Markham não estava muito satisfeito com a prisão deste último, e a atitude de Vance lhe havia aumentado ainda as dúvidas. Spively, deslumbrante em seu traje de cor marrom, estava na mesa telefônica e nos ficou olhando com ar apreensivo. Mas, quando Vance o convidou amavelmente a que fosse dar um passeio de dez minutos em torno da casa, pareceu muito admirado e não perdeu tempo em aceitar.

O oficial de guarda na porta do apartamento adiantou-se para cumprimentar.

– Alguma novidade? – perguntou Heath.

– Apenas um indivíduo que se apresentou dizendo ter sido muito amigo de Odell e pedindo licença para visitar o apartamento. Disse-lhe que somente com ordem do Procurador do Distrito.

– Fez bem, oficial – disse Markham e, voltando-se para Vance: – Provavelmente foi Spotswood... Pobre diabo.

– Não há dúvida – murmurou Vance. – Que insistente! Enamorado e algo mais... Patético! Heath disse ao oficial que fosse dar uma volta de meia hora, e ficamos sós.

– E agora, sargento, – continuou Vance – tenho certeza de que o senhor sabe como se opera uma mesa telefônica. Tenha a bondade de substituir Spively por alguns minutos; é um favor. Mas, antes, faça-me o obséquio de passar o ferrolho na porta lateral e assegurar-se de que ela fecha completamente, tal como na noite fatal.

Heath fez um muxoxo de bom humor.

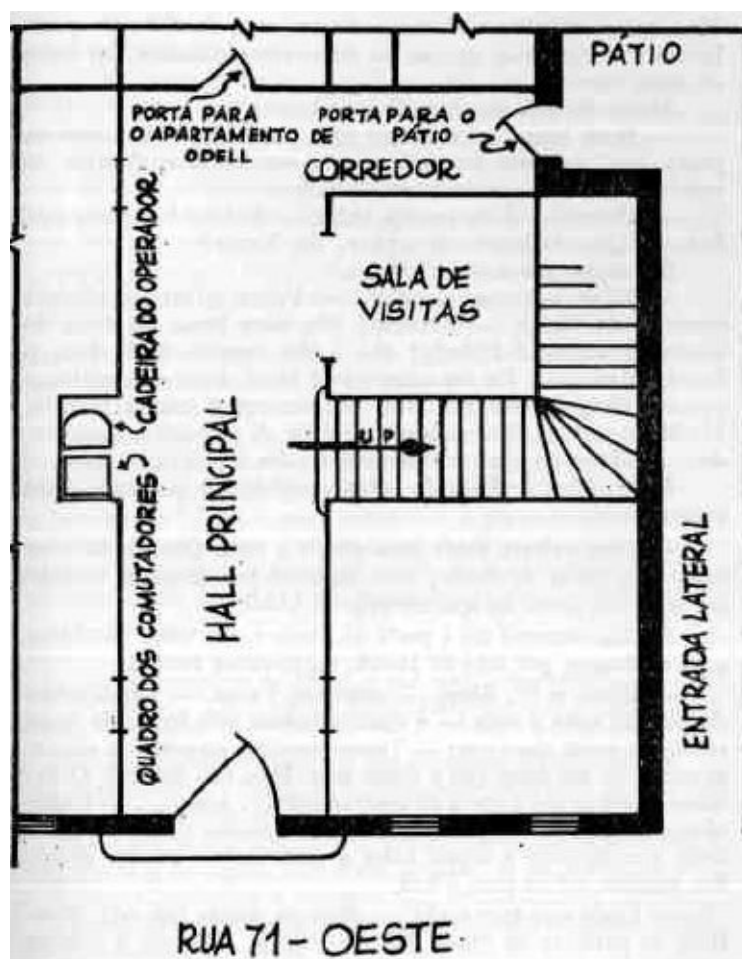
– Bem, bem. – Levou um dedo aos lábios e caminhou na ponta dos pés, pelo vestíbulo, como um burlesco detetive de comédia. Foi até à porta lateral e voltou.

– Pronto – disse em voz baixa. – Silêncio! A porta está fechada.

Quando levantará o pano, Sr. Vance? E sentou-se à mesa telefônica.

– Já se levantou, sargento. – Vance imitou as cômicas maneiras de Heath. – Atenção! São nove horas da noite do crime. O senhor é Spively; não é tão elegante e lhe falta o bigode. Mas passa. Eu sou o impecável Skeel.

Para mais realismo procure imaginar-me com luvas de camurça e camisa listrada. Markham e Van Dine são o auditório. A propósito, sargento, dê-me a chave do apartamento; como sabe, Skeel tinha uma.



Heath tirou a chave do bolso e entregou-a a Vance. Este prosseguiu: – Uma palavra ainda para dirigir a cena. Quando eu tiver saído pela porta da frente, você esperará três minutos e então irá bater na porta do apartamento de Odell.

Foi rapidamente até à porta da frente e deu volta. Markham e eu estávamos por trás de Heath, no pequeno recinto.

– Entra o Sr. Skeel – anunciou Vance. – Lembrem-se de que são nove e meia – e quando passou pela frente da mesa telefônica ainda observou: – Tempo perdido, sargento; o senhor esqueceu de me dizer que a dama saiu. Mas, não faz mal. O Sr. Skeel continua até à porta do apartamento... assim... – Caminhou para a porta do apartamento, fora de nossas vistas. Ouvimos tocar a campainha e depois bater à porta com o nó dos dedos. Em seguida voltou para o *hall*.

– Creio que tem razão – disse ao passar por nós, repetindo as palavras de Skeel. Saiu pela porta da frente e dobrou para o lado da Broadway.

Esperamos durante três minutos exatamente. Nenhum de nós falou.

Heath estava sério e chupava nervosamente o charuto. Ao cabo dos três minutos, levantou-se e foi correndo pelo vestíbulo; nós o seguimos. Ao chegar ao apartamento, bateu e, em resposta, a porta abriu-se e apareceu Vance.

– Final do primeiro ato – disse este. – Assim fez Skeel para entrar no *boudoir* da dama, sem que o telefonista o visse e depois de fechada a porta.

Heath piscou os olhos sem dizer nada. De repente deu meia-volta e foi até à porta lateral. A maçaneta do ferrolho estava em posição vertical, demonstrando que a porta estava aberta.

Heath considerou a situação alguns instantes, olhou para o lado da mesa telefônica e resfolegou com alegria.

– Muito bem, Sr. Vance, muito bem – disse, aprovando com movimentos de cabeça. – Mas foi

fácil. Para explicar não é preciso psicologia. Depois de tocar a campainha do apartamento, o senhor correu até à porta lateral e correu o passador. Voltou correndo e bateu na porta do apartamento. Saiu pela porta principal, deu volta à casa e entrou pela porta lateral, introduzindo-se no apartamento sem que o pudéssemos ver.

– Simples, não é verdade? – disse Vance.

– Sim, muito simples – e Heath era quase desdenhoso. – Mas isso não lhe adianta coisa alguma. Não era a entrada o problema essencial. Skeel "podia" entrar. Mas, como fechar a porta depois de sair? Essa é que é a questão. A porta somente poderia ser fechada por outra pessoa e, se havia outra pessoa que a fechou, foi também essa quem abriu. A sua pequena comédia, Sr. Vance, não contribui para livrar Jessup das suspeitas.

– Oh, mas a comédia ainda não terminou! – exclamou Vance. – O pano vai subir para o segundo ato.

Heath arregalou os olhos e riu escarninhamente.

– Ora... Vai o senhor demonstrar-nos como Skeel saiu e fechou a porta? – É precisamente isso o que pretendo fazer, sargento. Heath abriu a boca para falar, mas limitou-se a encolher desdenhosamente os ombros.

– Voltemos à plateia – disse Vance, conduzindo-nos à pequena sala de espera que ficava debaixo da escada e por cujo lado esquerdo passava o corredor que levava à porta lateral.

– Queiram ficar aqui até me ouvirem bater na porta lateral. Então podem vir e abri-la.

Foi até à arcada do vestíbulo principal: – Mais uma vez farei o papel de Skeel. O pano sobe. Fez uma reverência e desapareceu para o lado do corredor lateral.

Heath remexia-se impacientemente na cadeira, olhando interrogativamente Markham.

– Ele poderá fechar a porta por fora? – e já não havia sarcasmo em sua voz.

– Não vejo como poderá fazê-lo, – disse Markham franzindo o sobrolho. – Mas, se o conseguisse, a sua teoria sobre Jessup estaria comprometida.

– O Sr. Vance – declarou Heath – sabe muito e tem boas ideias. Mas, como diabo...

Foi interrompido por fortes pancadas na porta lateral. Levantamo-nos os três e nos precipitamos para o corredor dos fundos. Estava deserto. Em nenhum de seus lados havia qualquer porta ou abertura. Consistia em duas paredes lisas, unidas no extremo pela forte porta de carvalho que dava saída para o lado da casa. Somente por aquela porta de carvalho é que Vance poderia ter desaparecido. E o que logo notamos é que a maçaneta do ferrolho estava em posição horizontal, o que queria dizer que a porta fora fechada.

Heath não se sentia somente surpreso: estava estupefato. Markham detivera-se de repente, olhando o corredor deserto como se visse um fantasma. Heath caminhou rapidamente para a porta, mas não abriu logo.

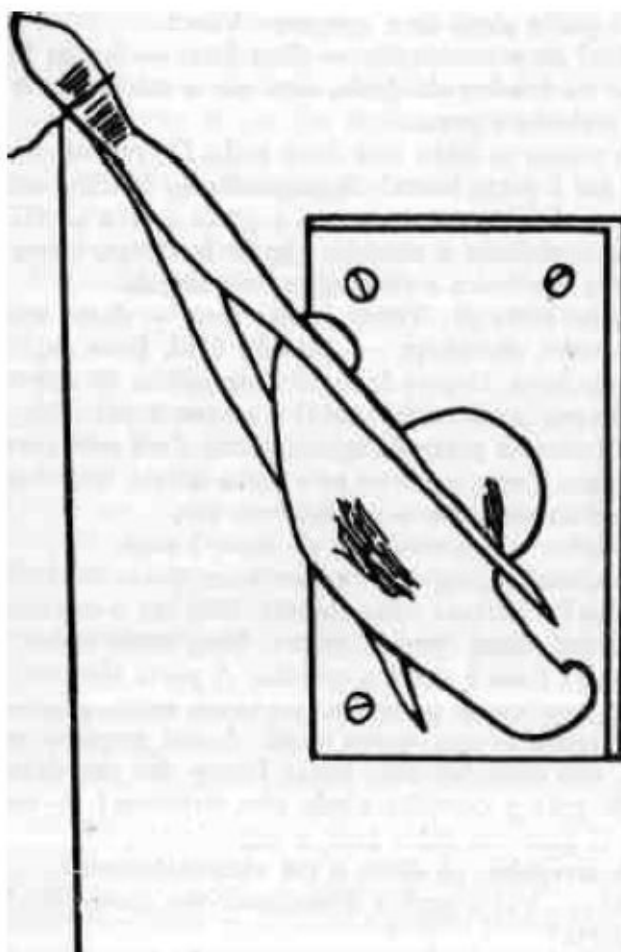
Curvou-se e examinou cuidadosamente o ferrolho. Tirou do bolso o canivete e procurou introduzir a lâmina na juntura dos batentes, mas a folha encontrou a resistência da lingueta do ferrolho. Não havia dúvida: a porta fora cuidadosamente fechada por dentro. Heath, ainda suspeito, puxou violentamente a maçaneta. A porta não cedeu. Por fim, abriu-a e apareceu Vance fumando plàcidamente, enquanto olhava os ladrilhos do muro da passagem lateral.

– Meu caro Markham, este muro é curioso. Deve ser muito velho. Por certo não foi construído nestes tempos utilitários que correm. O pedreiro que o fez amava o belo. Combinou os ladrilhos à maneira flamenga e não em forma corrida como hoje se usa. Tudo limpo e bonito, mas vistoso que a popular "liga cruzada" inglesa. As juntas da argamassa todas em forma de "U"... Lindo! Markham bufava.

– Deixe-se de divagação, Vance! Não vou fazer muros. Quero é saber como foi que você saiu daqui e como fechou o ferrolho por dentro.

– Ah, sim! – Vance atirou fora o cigarro e entrou no edifício. – Usei simplesmente um pequeno e interessante mecanismo criminal. É muito singelo, como todos os utensílios que de fato são úteis... simples até o incrível. De uma simplicidade espantosa. Veja! Tirou então do bolso uma pinça pequena, de cujo vértice pendia um cordão roxo de uns quatro palmos de comprimento. Adaptando a pinça à maçaneta posta em posição vertical, torceu esta ligeiramente para a esquerda, fazendo passar o cordão por baixo da porta de forma a atravessar o umbral. Saiu para o pátio, encostando a porta. A pinça apertava a maçaneta e o cordel passava por baixo da porta. Olhávamos os três, como hipnotizados.

Lentamente o cordel se foi distendendo, à medida que Vance o puxava do lado de fora. Então o esforço empregado foi aos poucos fazendo girar a maçaneta, lenta mas seguramente. Quando o ferrolho ficou corrido e a maçaneta em posição horizontal, o cordel sofreu um puxão brusco, a pinça caiu e foi sendo arrastada até desaparecer por baixo da porta.



– Infantil, não é? – disse Vance quando Heath lhe abriu novamente a porta. – E tolo também, não lhe parece? Sem embargo, meu caro sargento, foi esta a única maneira como o defunto Tony saiu destes paços segunda-feira à noite. Mas, vamos ao apartamento que quero contar-lhes uma história.

– Quando lhe ocorreu essa prestidigitação com pinças e cordéis? – perguntou Markham impacientemente quando estávamos sentados na sala da finada Miss Odell.

– Afinal de contas, a ideia não foi minha – respondeu Vance, escolhendo um cigarro vagarosamente. – Foi ideia de Skeel. Moço engenhoso, não é verdade? – Vamos, vamos! – exclamou Markham, furioso. – Como é possível que conheça os meios que usou Skeel para fechar a porta? – Este aparelhinho, encontrei-o ontem no terno de Skeel – respondeu Vance.

– Como! – gritou Heath, furiosamente. – O senhor tirou isto ontem, durante a busca policial, sem dizer nada? – Oh, mas só depois que os seus furões passaram a revista! Somente mexi nos trapos do cavalheiro depois que os seus experimentados investigadores haviam remexido tudo e tornado a fechar o guarda-roupa.

Veja, sargento: esta pinça estava em um dos bolsos do casaco de Skeel, debaixo da cigarreira. Confesso que revistei as roupas com amor. Tinha esperança de encontrar algum indício revelador. Quando achei este arranca pestanas, não atinei com o seu emprego e o cordel ainda mais me intrigou.

Eu não podia admitir que Skeel arrancasse as sobancelhas e, mesmo que o fizesse, para que o cordel? A pinça é um delicado objeto de ouro, tal como Margaret poderia usar. Na terça-feira passada notei em seu toucador um estojo com outras peças semelhantes. Mas, não é tudo.

Mostrou um cesto para papéis, ao lado da mesa-secretária, cheio de papel grosso e amarrotado.

– Também notei este pedaço de papel com o nome de uma casa da Quinta Avenida. Esta manhã fui lá e vi que amarravam os pacotes com um cordel roxo igual a este. Cheguei assim à conclusão de que Skeel tirara a pinça e o cordão deste apartamento. Ora, para que perdera ele tempo em amarrar cordéis a uma pinça? Não compreendi senão esta manhã, quando Heath declarou ter prendido Jessup pelo fato de que somente ele poderia ter fechado a porta. Tive um estremecimento psíquico. O *modus operandi* revelou-se-me completamente, de um golpe. Digo-lhe, amigo Markham, que para solucionar este caso é preciso recorrer ao espiritismo.





## Reconstituindo o crime

(Segunda-feira, 18 de setembro – meio-dia)

Quando Vance terminou de falar, houve um silêncio de vários minutos.

Markham enterrara-se na poltrona, com o olhar perdido no espaço. Heath, no entanto, espiava Vance com ar de invejosa admiração. A pedra angular de sua teoria contra Jessup fora derrubada. Markham também compreendia o fato, e via assim caírem suas últimas esperanças.

Sempre esperei que as suas inspirações fossem mais úteis, Vance. Esta última revelação que você nos faz quase que nos faz, voltar ao ponto de partida.

– Oh, não sejamos pessimistas! Querem conhecer a minha teoria? – Vance recostou-se na poltrona. – Skeel precisava de dinheiro... não há dúvida de que as suas camisas de seda estavam na última... e depois da infrutífera tentativa de extorquir dinheiro, uma semana antes, resolveu vir aqui segunda-feira à noite. Sabia que Odell estava ausente e resolveu esperá-la aqui dentro, pois do contrário não seria recebido. Sabia que de noite a porta lateral estaria fechada e, como não queria que o vissem entrar no apartamento, ideou abrir o ferrolho durante a pretensa visita das nove e meia.

Feito isto, tornou a entrar pela porta do lado, mais ou menos às dez horas.

Quando a dama voltou acompanhada, escondeu-se rapidamente no guarda-roupa, saindo depois que Spotswood se retirou. Vendo-o, Odell assustou-se e gritou, mas, reconhecendo-o logo, disse a Spotswood que não era nada de anormal. Entre Skeel e a dama houve uma discussão financeira, provavelmente desagradável. Nesse ínterim, o telefone chamou e Skeel disse que a Canária não estava. A discussão recomeçou, mas nesse momento chegou outro visitante. Skeel fechou-se novamente no guarda-roupa, mas desta vez à chave, e muito naturalmente pôs o olho na fechadura, para ver quem era o visitante. Vance indicou a porta do guarda-roupa.

– Observe que o orifício da fechadura fica diretamente sobre o sofá, e Skeel, olhando, teve uma visão que lhe gelou o sangue nas veias. O recémchegado, talvez num impulso feroz e em consequência de alguma revelação inesperada, agarrou a moça pela garganta e começou a estrangulá-la...

Imagine-se a emoção de Skeel, fechado no escuro guarda-roupa enquanto o criminoso estrangulada Miss Odell! Deve ter ficado estarecido, vendo o rumor do desvairado na sua fúria assassina. O estrangulador devia ser homem de muita força, enquanto Skeel era fraquinho e pequeno. Skeel não tinha nenhuma probabilidade.

Vance, após uma pausa, continuou: – Que fez depois o estrangulador? Não o saberemos mais, com certeza, agora que Skeel, a horrorizada testemunha, voltou para o Criador. Creio no entanto que, com a chave tirada da bolsa de mão da moça, abriu a caixa para se apossar dos documentos comprometedores. Depois, atrevo-me a opinar, começou o saque simulado. O cavalheiro deliberou arrasar o apartamento

para dar a impressão de um roubo vulgar. Rasgou a renda do vestido de Miss Odell e arrancou-lhe o ramallete do ombro; arrebatou-lhe os anéis dos dedos e com um puxão partiu-lhe o colar. Em seguida derrubou a lâmpada, revolveu a secretária, quebrou o espelho, virou as cadeiras de pernas para o ar, rasgando também as cortinas... Durante todo esse tempo, Skeel esteve com o olho pregado na fechadura, sem coragem para mover-se, pois não duvidava de que o homem fosse um doido furioso. Não era invejável a sua situação. A devastação seguia o seu curso. Quando estava fora do seu raio visual, Skeel ouvia-lhe o ruído. Creio, Markham, que o pior momento de toda a acidentada vida de Skeel foi aquele em que o criminoso procurou abrir o guarda-roupa. Meu Deus! Ali estava ele encerrado, a menos de duas polegadas de um maníaco que tentava abrir a delgada porta de pinho! Que alívio terá ele experimentado quando o misterioso assaltante saiu do apartamento! Então, com as pernas trêmulas e a fronte banhada em suor, fez sua entrada no campo de batalha e o contemplou. Vance olhou em torno.

– Nada agradável, hem? Ali sobre o sofá o corpo da jovem estrangulada. Esse espetáculo foi para Skeel de um indescritível horror.

Inclinou-se para ver o rosto de Miss Odell, apoiando a mão sobre a mesa e aí deixando as impressões digitais. De repente, compreendeu a própria situação. Era conhecido como íntimo da jovem e ladrão contumaz. Quem acreditaria em sua inocência? Mesmo no caso em que pudesse reconhecer o homem que praticara o crime, não estava em condições de revelar a história toda. Tudo estava contra si: a entrada sub-reptícia, a presença na casa às nove e meia, sua profissão, sua reputação... Não tinha por si nenhuma probabilidade. Diga-me, Markham: acreditaria você no depoimento dele? – Não se preocupe com isso – replicou Markham. – Continue com a sua teoria.

– A partir daqui, minha teoria é o que você poderia chamar de "desenvolvimento lógico", Skeel tinha diante de si o problema de sair dali sem deixar rastro. Nessa emergência, pensou vertiginosamente. Sua vida dependia do êxito ou do fracasso. Podia sair pela porta lateral, mas esta seria depois encontrada aberta. Essa circunstância, junto à sua visita das nove e meia, poderia sugerir a forma pela qual abrisse a porta. Esse processo não convinha. Ele seria suspeitado, pela sua ligação com a vítima. Claro que por fim descobriu que, se pudesse sair pela porta lateral e deixá-la fechada, estaria salvo. Ninguém poderia suspeitar. Era sempre uma justificativa que um bom advogado saberia tornar irresponsável. Sem dúvida, teria procurado outros meios para escapar; nenhum, porém, se lhe apresentava. Ficava somente a porta lateral.

Vance levantou-se, bocejando.

– Esta é minha modesta teoria. Skeel, caído na esparrela, ideou, com a sua astuta imaginação, o meio de fugir. Talvez, enquanto procurava a salvação, tivesse percorrido desesperadamente este quarto, durante horas e horas, murmurando de quando em vez: "Oh, meu Deus!" Quanto ao uso da pinça, inclino-me a opinar que a ideia lhe ocorreu repentinamente. O senhor sabe, sargento, que isso de fechar uma porta por fora é truque antigo. A crônica criminal da Europa está cheia desses casos. O manual de criminologia do professor Hans Gross contém um capítulo inteiro sobre os processos usados pelos ladrões para entradas e saídas semelhantes. Mas, todas essas artimanhas se referem a fechaduras, e não a ferrolhos. A técnica é diferente. Na maçaneta do ferrolho não há orifício algum para usar gazu.

Ora, enquanto pensava furiosamente no meio de sair da crítica situação, Skeel deve ter visto sobre o toucador as pinças que aqui estão, e imediatamente teve o problema resolvido. Antes de sair, ainda abriu com o formão o cofre de joias que o outro tentara arrombar e dele tirou o solitário, que depois tentou empenhar. Procurou também apagar todas as impressões digitais, esquecendo-se de que as deixara no guarda-roupa e na mesa. Depois saiu pela porta lateral, fechando-a por dentro como eu fiz, e pôs a pinça no bolso, não mais se lembrando dela.

Heath concordou, com ares de autoridade.

– Um delinquente, por mais hábil que seja, sempre esquece alguma coisa.– Não censure apenas os delinquentes – disse Vance. – A polícia também esquece, como esqueceu a pinça.

– A situação, infelizmente, não ficou muito mais clara – comentou Markham, sombriamente.

– A minha teoria – disse Vance – não é das que deslumbram, mas alguma coisa se poderá deduzir destas divagações. Por exemplo: Skeel conhecia ou veio a conhecer o assassino, e não há dúvida de que depois extorquiu dinheiro de seu colega. Sua morte é outra manifestação dos processos pelo qual o nosso "desconhecido" se desfaz de quem o incomoda.

Minha teoria também explica as impressões digitais, a abertura do cofre, as joias encontradas e o silêncio de Skeel.

– Sim, – disse Markham, – esclarecemos tudo, com exceção de um ponto capital: a identidade do assassino.

– Exatamente – concordou Vance. – Vamos almoçar. Heath, com passo tardo e desanimado, dirigiu-se para o Quartel da Polícia. Markham, Vance e eu fomos para o Delmonico.

– Agora o caso parece concentrar-se em Cleaver e Mannix – disse Markham ao terminarmos o almoço. – Se é certa a hipótese de que quem matou a Canária foi o mesmo que matou Skeel, Lindquist está fora de cena, porque no sábado ele estava no hospital.

O olhar de Vance vagou durante alguns minutos enquanto fumava pensativamente.

– Markham, ser-lhe-ia difícil convidar Cleaver, Mannix e Spotswood para passar algumas horas... digamos esta noite... em seu apartamento? Markham depôs bruscamente a xícara de chá e olhou Vance.

– Que nova arlequinada é essa? – Deixe... Responda à minha pergunta.

– Sim, eu poderia combinar, – respondeu Markham, titubeando. – Eles estão mais ou menos sob minha jurisdição.

– De sorte que eles não poderiam recusar o convite? – Creio que não.

– E se, depois de estarem em sua casa, você os convidasse para jogar uma partida de pôquer, acha que eles estranhariam o convite? – Provavelmente não, – respondeu Markham. – Spotswood e Cleaver jogam, segundo sei, e Mannix deve conhecer o jogo, também. Mas, a que vem esse pôquer? Está falando sério? – No pôquer, Markham, nove décimos são constituídos de psicologia.

Para quem observa, é mais fácil ler a alma de um homem em uma hora de pôquer do que em toda a vida. Certa vez, você riu de mim, quando eu lhe afirmei que, depois de examinar as características de um crime, eu lhe indicaria o criminoso. Para isso, naturalmente eu preciso conhecer a alma do acusado. No caso em apreço, o que me faz hesitar é que não estou ainda bem familiarizado com a psicologia dos dois ou três de quem suspeito. Mas, depois desta partida de pôquer, espero que me será possível indicar quem planejou e executou o assassinato da Canária.

Markham olhava assombrado. Sabia que Vance jogava pôquer com habilidade pouco comum e era possuidor de um perigoso conhecimento dos fatores psicológicos que o jogo supõe. Mas, não esperava que por esse meio seu amigo lhe pretendesse desvendar o mistério do crime da Canária.

Adivinhei o que pensava: ele recordava o modo pelo qual, em um caso anterior, Vance pusera o dedo sobre o culpado, valendo-se de processo similar de dedução psicológica. E também sabia que as ideias de Vance, por mais extravagantes que fossem na aparência, tinham sempre um fundo lógico e positivo.

– Seja! O projeto parece idiota... Mas, se na realidade você quer jogar pôquer com esses senhores, não tenho objeção especial a lhe fazer. Duvido, no entanto, de que isso" lhe dê qualquer resultado.

– Oh! muito bem! – suspirou Vance. – Mas um pouco de divertimento inocente não fará mal a ninguém.

– Mas, por que inclui Spotswood? – Na verdade, não sei por quê... Mas, ele faz parte do meu quarteto e, além disso, precisamos de uma "perna".

– Bem; não me venha dizer depois que eu devo prender Spotswood.

Não me seria possível acusar um homem que estava na impossibilidade física de cometer o crime.

– Quanto a isso – disse lentamente Vance – os únicos obstáculos que se apresentam como impossibilidades físicas são os fatos materiais. E os fatos materiais são notoriamente enganadores. Os homens da lei deviam passar por alto sobre eles.

Markham não se dignou responder a essa heresia, mas o olhar que dirigiu a Vance foi muito expressivo.



## Uma partida de pôquer

(Segunda-feira, 18 de setembro – 21:00 horas)

Após o almoço, Vance e eu fomos para casa e pelas quatro da tarde Markham telefonou avisando que já convidara Cleaver, Mannix e Spotswood. Logo que soube disso, Vance saiu, voltando somente às oito horas, sem me dizer onde andara. Mas quando, ao faltar um quarto para as nove, descemos para tomar o carro, ali encontrei um homem desconhecido, que logo relatei com a ausência de Vance.

– Pedi a Allen que nos acompanhasse esta noite – dignou-se explicar Vance, depois que nos apresentou o homem. – Você não joga pôquer e faltava-nos uma "perna". Diga-se de passagem que Allen é um velho amigo e antagonista meu.

Em casa de Markham, já encontramos Cleaver e Mannix, e logo depois chegava Spotswood. Trocados os cumprimentos e as apresentações, instalamo-nos à mesa, próximo à lareira, tomando excelente uísque escocês.

Claro que Markham recebeu o inesperado Allen com toda a afabilidade, mas nos olhares que de vez em quando lhe lançava percebi que estranhava a consideração que lhe dispensara Vance.

Às onze horas, Markham insinuou a conveniência de organizarmos uma mesa de pôquer. Os termos do convite foram tais que ninguém poderia recusar. Mas senti que a sua estratégia verbal não era necessária. Tanto Cleaver como Spotswood acolheram com alegria a ideia do jogo, que os libertava de uma palestra sem interesse; Vance e Allen concordaram imediatamente. Apenas Mannix se escusou, declarando conhecer o jogo muito superficialmente e não apreciá-lo, mas desejando ver os outros jogarem. Vance ainda insistiu, sem resultado, e Markham mandou então ao criado que dispusesse a mesa para cinco.

Notei que Vance esperou que Allen se houvesse sentado e tomou lugar à sua direita. Cleaver sentou-se à esquerda de Allen, Spotswood à direita de Vance e Markham a seguir.

Mannix pôs uma cadeira entre Markham e Cleaver.

De começo Cleaver propôs um limite moderado, mas Spotswood insinuou paradas muito maiores. Vance, então, aumentou ainda mais e os demais concordaram. Os valores que deram às fichas deixaram-me assombrado, e a Mannix também, que assobiou baixinho.

Que todos os cinco eram excelentes jogadores, ficou evidenciado dentro de dez minutos e, pela primeira vez, Allen mostrou estar em seu ambiente habitual.

Allen ganhou as duas primeiras mãos e Vance a terceira e quarta. A seguir, Spotswood teve uma rajada de sorte e depois Markham recolheu uma farta mesa. Cleaver perdera até então, mas na meia hora seguinte ressarcia grande parte do prejuízo. Vance e Allen ganhavam alternadamente; durante algum tempo a sorte protegeu a todos, mas por fim Cleaver e Spotswood começaram a perder somas

consideráveis.

Era quase uma hora da madrugada e o nervosismo do jogo dominava a todos. As apostas eram muito altas e as pilhas de fichas desfaziavam-se rapidamente. Ainda que todos fossem, como eram, homens ricos, as quantias deviam representar para eles perdas consideráveis.

Pouco depois, quando a febre do jogo atingira o auge, percebi que Vance dirigia a Allen um olhar furtivo, passando o lenço pela frente. Ninguém viu semelhante gesto, mas eu, que conhecia bem o meu amigo, adivinhei que era um sinal.

Notei que nesse momento era Allen quem ia dar as cartas.

Provavelmente a fumaça do charuto feriu-lhe a vista, porque fechou os olhos fortemente, deixando cair no chão uma das cartas. Curvou-se com presteza, recolheu a carta, baralhou o maço novamente e deu-o a Vance para que o cortasse.

Havia sobre a mesa uma pequena fortuna em fichas para ser jogada naquela mão. Cleaver, Markham e Spotswood passaram. A abertura foi feita por Vance com uma quantia excessivamente alta. Allen recusou, mas Cleaver aceitou. Markham e Spotswood também desistiram, ficando todo o jogo entre Vance e Cleaver. Cleaver pediu uma carta e Vance duas. Vance fez uma aposta nominal e Cleaver "retrepou" consideravelmente; aquele "retrepou" moderadamente e Cleaver por sua vez jogou ainda muito mais.

Vance titubeou e aceitou. Cleaver mostrou as cartas com ar de triunfo.

– Sequência real, de *jack*. Pode ganhá-la? – Tendo pedido só duas cartas, não – disse Vance, desconsolado.

Tinha quatro reis.

Meia hora mais tarde, Vance novamente passou o lenço pelo rosto.

Como antes, Allen dava as cartas e a mão era de *ace-pot*. Allen fez uma pausa para beber um trago e acender o charuto, e quando Vance cortou o baralho ele deu cartas, Cleaver, Markham e Spotswood passaram e Vance novamente abriu o jogo pelo dobro da "mesa". Somente Spotswood entrou no jogo, pedindo uma carta, e Vance nenhuma. Seguiu-se um silêncio. A atmosfera parecia carregada de eletricidade. Todos olhavam o jogo com uma intensidade ansiosa e estranha. Vance e Spotswood, porém, estavam absolutamente calmos.

A primeira aposta foi de Vance. Sem falar, empurrou para a mesa uma pilha de fichas amarelas: era a maior quantia até ali jogada. Spotswood colocou ao lado da primeira uma pilha igual e, contando as fichas que lhe restavam, empurrou-as também, dizendo: – O resto.

Vance encolheu os ombros imperceptivelmente.

– É sua a "mesa" – disse, sorrindo amavelmente a Spotswood, e virou as suas cartas na mesa.

Tinha quatro ases.

– Com a breca! Isso é que é pôquer! – exclamou Allen.

– Pôquer assim? – disse Markham. – Onde se viu disparar de uma "mesa" assim com quatro ases?

Também Cleaver estava assombrado e Mannix espichou os lábios com desgosto.

– Não leve a mal, Sr. Vance, mas acho que o senhor cedeu muito ligeiro.

– Os senhores não devem censurar o Sr. Vance – disse Spotswood. – Ele jogou com perfeição. Sua retirada, mesmo com quatro ases, foi cientificamente correta.

– Claro que sim – concordou Allen. – Foi uma linda "pegada"! Spotswood, voltando-se para Vance, continuou: – Uma vez que este caso não se repetirá, o que posso fazer, ao menos, para demonstrar meu apreço por sua notável percepção é satisfazer sua curiosidade. Eu não tinha nada...

E, espalhando as cartas na mesa, mostrou que jogara com cinco, seis, sete e oito de espadas e uma sota de copas.

– Não estou de acordo, Sr. Spotswood; Vance poderia ter-lhe ganho, se não abandonasse o jogo.

– Considere a situação... – observou Spotswood com voz serena e igual. – Não podia o Sr. Vance supor que eu abrisse uma parada dessas sem ter boas cartas, principalmente depois que o senhor e o Sr. Cleaver abandonaram o jogo. Desde o momento que entrei em jogo, tendo o Sr.

Vance aberto com uma quantia tão alta, era de esperar que eu tivesse nas mãos quatro cartas para sequência real. Sou bom jogador, modéstia à parte, para que supusessem que eu poderia jogar de outro modo...

– E eu lhe asseguro, Sr. Markham – interrompeu Vance – que o Sr.

Spotswood joga bem demais para que fizesse tal jogo sem ter na mão um projeto de sequência real. Era o único meio de justificar ter ele "retrepado".

Tendo eu aberto com soma igual à da mesa, ele arriscava uma quantia apenas igual à metade do total; já aí tinha dois a seu favor e um contra. Do modo como corriam as coisas, pedindo uma carta ele tinha duas probabilidades contra quarenta e sete de fazer sequência real, nove contra quarenta e sete de fazer cor e oito contra quarenta e sete de fazer sequência simples. Assim, tinha dezenove probabilidades contra quarenta e sete, ou uma contra três de transformar o seu jogo em sequência real, ou cor ou sequência simples.

– Exatamente – disse Spotswood. – Depois que eu pedi carta e aumentei a parada, a única suposição do Sr. Vance é que eu tinha feito sequência real. De outro modo, o que eu fiz seria irracional. Nenhum jogador, entre mil, pregaria o blefe que eu preguei. Eu revelei o blefe que dei, mas o Sr. Vance foi lógico e correto abandonando o jogo.

– Estou de acordo – disse Vance. – Como bem diz o Sr. Spotswood, nenhum jogador, entre mil, teria jogado como ele jogou, sem ter sequência real e não tendo eu pedido carta. Na verdade, pode-se afirmar que o Sr.

Spotswood acrescentou uma nova sutileza ao pôquer.

Spotswood aceitou o elogio com uma inclinação de cabeça; Cleaver baralhou as cartas, mas a tensão nervosa passara e o jogo não prosseguiu.

Vance parecia preocupado. Esteve um momento fumando pensativamente, depois levantou-se e caminhou até à chaminé, voltando-se em seguida para Mannix.

– Sr. Mannix, como se explica que o pôquer não lhe agrada? Todos os homens de negócios são jogadores de coração.

– São, mas para mim o pôquer não é o jogo que me agrada. Ele exige muita paciência e raciocínio. Não é rápido... não é decisivo... Não sei se me entende. A roleta, sim, me satisfaz. Quando estive em Monte Carlo, o verão passado, perdi na roleta em dez minutos o que os senhores perderam aqui toda a noite.

– Então as cartas não o seduzem? – Não, para fazer combinação, não. Eu não me importo de arriscar dinheiro em uma carta, mas em três ou quatro, não. – Mannix tornava-se expansivo. – Gosto de sensações rápidas – e estalou os dedos várias vezes para mostrar como gostava que se sucedessem as suas sensações.

Vance tomou o baralho.

– Que lhe parece um corte por mil dólares? Mannix levantou-se logo.

– Vamos! Vance deu-lhe o baralho e ele baralhou. Depois colocou-o na mesa e cortou, virando um dez. Vance cortou por sua vez tirando um rei.

– Devo-lhe mil – disse Mannix como se se tratasse de dez centavos.

Vance esperou sem dizer nada. Mannix olhava-o astutamente. – Vou cortar de novo, por dois mil; aceita? Vance franziu as sobrancelhas.

– Como não! Cortou e virou um sete. Mannix virou um cinco.

– Bem, devo-lhe três mil – e os seus olhos apertaram-se até ficar como uma frincha horizontal, enquanto trancava nervosamente charuto nos dentes.

– Quer dobrar novamente, ou quer quatro mil? – perguntou Vance.

Markham olhou-o surpreso e Allen com ar cômico. Cada um dos presentes assombrava-se com o oferecimento de Vance, pois ele dava a Mannix tremendas probabilidades com a duplicação das paradas. Perderia sem dúvida alguma.

Markham ia protestar, mas já Mannix se apoderara do baralho.

– Vamos por quatro mil – e virou uma dama de copas. Tornara-se jovial.

– O senhor não pode vencer esta dama, positivamente não! – Suspeito que tenha razão – disse Vance e virou um três.

– Continuaremos? – perguntou Mannix, com benevolente desafio.

– Basta – respondeu Vance. – É muita excitação; os meus nervos não suportam.

E, dirigindo-se à escrivania, assinou um cheque de mil dólares, que deu a Mannix. Depois despediu-se de Markham, dizendo-lhe: – Passamos uma noite excelente. Não se esqueça de que amanhã almoçaremos juntos, à uma hora, no Clube.

Markham vacilou.

– Se não houver algum obstáculo...

– Nada "deve" haver – insistiu Vance. – Não calcula quanto precisamos falar.

Somente quando me deu boa noite em casa, é que Vance falou.

– Falta ainda a parte vital do quebra-cabeças. Sem ela, as demais não têm sentido.





## O culpado

(Terça-feira, 19 de setembro – 13:00 horas)

Na manhã seguinte Vance acordou tarde. Esteve muito tempo examinando um catálogo de cerâmicas, que iam ser postas à venda na Galeria Anderson.

À uma hora estávamos com Markham no Clube.

– O almoço espera-o, amigo Markham; mas, eu serei frugal. Quero somente uma fatia de *bacon*, uma xícara de café e um *croissant*.

Markham olhava-o sorrindo.

– É natural essa economia depois de sua má sorte de ontem.

– Eu acho que tive uma sorte extraordinária – respondeu Vance.

– Você duas vezes poderia ter ganho muito, e perdeu tudo.

– Mas, sabe você – confessou Vance em tom misterioso – que das duas vezes eu sabia as cartas dos meus antagonistas? Markham olhou-o assombrado.

– É como lhe digo – assegurou Vance. – Antes da partida eu já havia preparado especialmente aquelas duas jogadas. E não imagina como lhe agradeço não se ter você referido ao meu extravagante convidado, Allen, que sem cerimônia alguma introduzi em sua reunião. Devo-lhe uma explicação e uma desculpa. Allen não é o que se poderia chamar um companheiro distinto. Sua elegância tem graves deficiências e usa umas joias horríveis, se bem que eu prefiro os seus diamantes à nefanda gravata que usa. Mas, Allen tem suas qualidades, belas qualidades. É êmulo de Andy Blakely, Comfield e John Kelly, como cavalheiro da fortuna. Em verdade, Allen não é outro senão Doc Wiley Allen, de famosa memória.

– Doc Allen! O célebre delinquente que escamoteava no Clube Eldorado? – Ele mesmo. Um dos maiores manipuladores de cartas que conheço.

– Quer dizer que ontem ele fez trapaça? – Markham estava indignado.

– Somente nas duas "mãos" que lhe mencionei. Sentei-me do lado dele propositalmente e cortei o baralho conforme suas instruções. Ninguém me pode censurar, porque, apesar de ele me haver dado quatro cartas iguais, eu perdi com elas boas quantias.

Markham contemplou Vance um momento e riu gostosamente.

– De modo que ontem você foi um filantropo. Deu a Mannix mil dólares de presente, permitindo que ele dobrasse as paradas. É um pouco estranho isso.

– Isso é uma questão de pontos de vista. A despeito do que perdi e que, diga-se de passagem, pretendo debitar na conta das despesas de seu gabinete, a partida teve um êxito brilhante, porque consegui o principal objetivo da nossa reunião.

– Ah, sim, recordo-me! – disse Markham, como se não tivesse importância o caso. – Creio que

– Você se propunha descobrir o assassino da jovem Odell.

– Oh, que memória prodigiosa! Sim, eu me permiti insinuar que hoje esclareceria a situação.

– A quem devo prender? Vance sorveu o café e acendeu o charuto.

– Sei que não me vai acreditar – respondeu Vance sem afetação na voz. – Mas, quem matou a Canária foi Spotswood.

– Não diga! – Markham falava com ironia. – Então foi Spotswood? Você me confunde... Vou telefonar a Heath para que ponha as algemas em Spotswood. Desgraçadamente ninguém acreditará seja possível estrangular uma pessoa a quadras e quadras de distância. Os milagres não são mais da época que atravessamos.

– Para um homem educado e civilizado, Markham, tem muito de primitivo o modo por que você se aferra a ilusões de óptica. Você está-me parecendo essas crianças que acreditam piamente que o prestidigitador faz o coelho, somente porque o veem tirá-lo de dentro de uma cartola.

– Agora você está ficando malcriado.

– Talvez – concordou Vance jovialmente. – Mas, para desvencilhar um homem como você do labirinto das circunstâncias legais, é preciso usar argumentos contundentes. Sua imaginação é muito pobre.

– Então tenho que fechar os olhos e imaginar Spotswood em seus aposentos aqui mesmo no Clube, estendendo os braços até o apartamento de Odell? Não posso fazê-lo... Sou um tipo normal. Essas visões para mim só o ópio explicaria.

– Imagine... A ideia pode ser um pouco sobrenatural, mas *certum est quia impossibile est*. O impossível é verdadeiro, no caso presente. Spotswood é o réu do delito, não há dúvida alguma. Vou aferrar-me tenazmente a essa aparente alucinação. Mais ainda: vou procurar persuadi-lo, a você, de que ela é exata, porque o seu bom nome está em jogo. Do modo como estão as coisas, Markham, é você mesmo quem protege o criminoso, defendendo-o da publicidade.

Vance falava com o seu tom convincente, que excluía toda a dúvida e vi na fisionomia alterada de Markham que ele começava a vacilar.

– Diga-me: como chegou à fantástica conclusão de que Spotswood é o assassino? Vance esmagou o cigarro no cinzeiro e cruzou os braços, apoiando-os na mesa. – Começarei com o meu quarteto de possibilidades: Mannix, Cleaver, Lindquist e Spotswood. Do exame do crime, que foi meticulosamente preparado, concluí que o autor era uma pessoa irremediavelmente enleada na teia da Canária. Além desses quatro, nenhum outro admirador estava preso por ela, pois o teríamos sabido. Ora, Lindquist ficou fora, desde que constatamos sua intervenção no hospital antes da morte de Skeel, porque é indiscutível que o autor dos dois crimes é a mesma pessoa...

– Mas – interrompeu Markham – para o primeiro crime Spotswood tem uma justificativa igual à de Lindquist. Por que não o elimina também? – Lamento, mas não estou de acordo. Estar em um lugar conhecido, cercado por pessoas incorruptíveis e desinteressadas, antes e durante o crime, como é o caso de Lindquist, é muito diferente de estar no local do crime, poucos minutos antes do assassinato, e andar depois, sozinho, em um automóvel qualquer, durante um quarto de hora, tal como se dá com Spotswood. Que eu saiba, ninguém viu a jovem com vida, depois que Spotswood saiu do apartamento.

– Mas a prova de que a deixou viva é que ela falou com ele pouco depois.

– Concedo. Admito que uma dama morta não grita, nem tampouco conversa com o seu algoz.

– Já vejo – disse Markham sarcàsticamente. – Você supõe que foi Skeel que imitou a voz da Canária.

– Não, nada disso. Isso seria absurdo. Skeel não queria por coisa alguma que soubessem de sua presença e não iria, portanto, cometer semelhante estupidez. Essa não é a explicação. Quando a

encontrarmos, será simples e razoável.

– Isso me dá ânimo. Prossiga.

– Três do meu quarteto eram, pois, assassinos presumíveis. Assim, pedi que me dessem uma noite para submetê-los a um microscópio psicológico.

Apesar de a linhagem de Spotswood ser a que maior probabilidades apresentava, confesso que eu me inclinava para Cleaver ou Mannix. Por isso, quando este último se recusou a jogar, dediquei-me primeiramente a Cleaver, fazendo sinal a Allen para sua prestidigitação. Allen deu a Cleaver um projeto de sequência e a mim três reis. Abri e Cleaver me seguiu. Allen deu-lhe uma sequência real. Ora, eu, pedindo duas cartas, o mais que podia fazer era quatro cartas iguais. Assim, Cleaver tinha certeza de me ganhar.

Compreendi logo que ele não era quem eu buscava.

– E por quê? – Um jogador de pôquer, Markham, que joga na certa, não tem a confiança em si que possui o jogador sutil e extremamente capaz. Cleaver não é homem que afronte o azar e corra riscos. Tem o que os psicanalistas denominam complexo de inferioridade e instintivamente lança mão de todos os meios para proteger-se. O matador de Margaret Odell foi um extraordinário jogador, capaz de arriscar até o último ceutil em um golpe de dados, pois isso é que fez ao matá-la. O crime foi cometido por um jogador formidável, cujo amor-próprio seria humilhado em jogar na certa. Cleaver não é esse homem.

Nessa altura, Markham ouvia com enorme interesse. – A experiência que fiz com Spotswood logo depois estava destinada a Mannix, mas este não jogou. De resto, se eu eliminasse Cleaver e Spotswood, Mannix é que seria o culpado do crime. Naturalmente eu tinha preparado ainda outras estratégias, que não foram necessários. A experiência que fiz com Spotswood foi admiravelmente explicada por ele mesmo. Como bem disse, nenhum jogador entre mil teria arriscado tudo, sem ter nada na mão, contra um adversário que não pediu cartas.

Foi-tremendo, soberbo! Foi talvez o blefe mais sensacional que se fez em uma partida de pôquer. Quando ele, com a maior calma, empurrou todas as suas fichas, eu, que sabia não ter ele jogo algum, admirei-o francamente.

Observei que ele jogou com a convicção de que acompanhava meu raciocínio passo a passo e que por fim me venceria, e isso requer muita confiança em si mesmo. Os princípios psicológicos do jogo foram os mesmos do crime Odell. Eu ameacei Spotswood com cartas altas, do mesmo modo que ela o terá ameaçado; em vez de submeter-se, de pagar a aposta ou abandonar, ele jogou mais; recorreu a um "golpe" supremo, em que arriscava tudo... Por Deus, Markham! Não vê como esse surpreendente desplante coincide com todas as características psicológicas do crime? Markham meditou um momento.

– Mas, você mesmo demonstrou no momento que não estava contente; parecia confuso...

– Confesso que fiquei confuso. A prova psicológica da culpabilidade de Spotswood foi muito brusca. Eu, depois de Cleaver afastado, tinha quase a convicção de que fora Mannix. A aparente impossibilidade física de Spotswood de ter cometido o crime me impressionou. Eu não sou perfeito.

Também a mim atingem as malhas e artifícios legais com que vocês, advogados, enchem a terra. Por isso, mesmo após a prova de Spotswood, experimentei Mannix, para conhecer as suas reações psicológicas.

– Mas, Mannix também apostou tudo em uma jogada.

– Oh! muito diferente. Comparado a Spotswood, Mannix é um jogador tímido. Ele tinha as mesmas probabilidades que eu, enquanto o outro não tinha chance alguma; suas cartas eram sem valor. No entanto, Spotswood apostou tudo, baseado em um cálculo mental. Isso é mais que jogar: é jogarse.

Com Mannix, eram trunfos iguais; ele não fez cálculo, nem ousou nada.

E, como já lhe disse, o crime Odell foi largamente premeditado com uma suprema ousadia e

astúcia incomparável. Mannix, com a experiência que fiz, foi eliminado, tirado do mapa. Ele custou-me mil dólares, mas também varrio da mente. De sorte que, a despeito de todos os indícios contrários, quem matou a jovem foi Spotswood.

– Sua hipótese é teoricamente plausível, mas, na prática, não poderei aceitá-la.

Markham estava impressionado. Meditou um momento e continuou: – Diabos! A sua conclusão deita por terra os limites entre o racional e o inverossímil. Você diz que Spotswood é culpado. Apesar disso, sabemos que, cinco minutos após sua saída do apartamento, a jovem gritou e pediu socorro, e que ele e Jessup conversaram com ela. Saiu e quinze minutos depois estava com o juiz Redfern, jogando pôquer com ele até às três horas.

Spotswood, pois, não teve tempo para cometer o crime entre as onze e meia e as onze e cinquenta, hora em que se encontrou com o juiz. Temos a declaração do chofer nesse sentido. E lembre-se que jogou o pôquer até às três da madrugada, muito depois de conhecido o crime.

E, sacudindo a cabeça, Markham concluiu: – Vance: não há forças humanas que sustentem sua tese. Os fatos que eu citei são irrefutáveis. Spotswood não cometeu o crime.

Vance estava imóvel.

– Admito o que diz. Mas, quando os fatos materiais estão em contradição com os fatos psicológicos, os fatos materiais são falsos. É o caso em questão. Eles são simplesmente enganosos.

– Muito bem. Demonstre que Spotswood podia ter estrangulado a jovem e eu direi a Heath para prendê-lo.

– Palavra de honra que não me é possível isso – respondeu Vance com simulada confusão. – Não tenho a dom da onisciência. Mas, com mil diabos, creio que não fiz mal em indicar o culpado. Por outro lado, nunca prometi interpretar sua técnica.

– Oh! Oh! Assim eu também posso fazer o professor de altas ciências mentais. Quem matou a Canária foi o Dr. Crippen; sabe? O Dr. Crippen morreu há muito, mas podia muito bem ter sido o assassino.

Vance sorriu.

– A consagração do meu gênio há de ser póstuma, bem sei. *Omnia per obitum fingit majora vetustas*. Enquanto isso, suportará o meu forte coração a desfortuna e os sarcasmos.

Olhou o relógio e pareceu absorto em profundos pensamentos.

– Markham, às três tenho que ir a um concerto, mas ainda me resta uma hora. Quisera dar uma visita d'olhos naquele famoso apartamento. O estratagema de Spotswood – porque não foi mais que um estratagema – foi representado ali, e, se ainda é tempo de achar uma explicação, ela deve estar lá.

Markham, após fracos protestos, acedeu à ideia e concordou em visitar mais uma vez o apartamento de Margaret Odell.



## O ajudante de Beethoven

(Terça-feira, 19 de setembro – 14:00 horas)

Não transcorrera ainda meia hora e entrávamos no vestíbulo principal da casa da Rua 71. Como de costume, Spively estava de serviço na mesa telefônica. O oficial de guarda, próximo à porta do apartamento, fumava um charuto, inclinado na cadeira, e se levantou ao ver o Procurador do Distrito.

– Quando nos dispensará, Sr. Markham? – perguntou. – Esta cura de repouso está-me arruinando a saúde.

– Creio que muito breve. Veio algum visitante? – Não, senhor. – O homem sufocou um bocejo.

– Dê-me a chave do apartamento. Esteve lá dentro? – Não. A ordem é de ficar aqui fora.

Penetramos na sala da extinta Miss Odell. Pelas cortinas ainda corridas entrava a luz do dia. Nada fora tocado, nem mesmo as cadeiras, que ainda estavam viradas. Markham caminhou até à janela e dali contemplou a cena, desanimado. Aos poucos a incerteza transparecia em seu rosto, e ele olhava Vance com um misto de regozijo e cepticismo.

Vance acendeu um cigarro e começou a inspecionar vagarosamente os dois aposentos.

Foi até ao quarto de banho e de lá voltou com uma toalha onde se viam várias manchas escuras.

– Foi isto que Skeel usou para apagar as suas impressões digitais – disse, atirando a toalha para um canto.

– Maravilhoso! – zombou Markham. – Isso, no tribunal, fará condenar mas é Spotswood.

Em todo caso, ajuda a consolidar a minha teoria. Aproximando-se da mesa, cheirou um pequeno vaporizador de prata.

– A dama usava Chypre de Coty.

– Isso também vai corroborar a sua teoria? – Meu caro Markham, deixe-me absorver a atmosfera e identificar-me com as vibrações que ainda erram por este apartamento. Quero harmonizarme com o lugar. A revelação far-se-á depois por si mesma.

E continuou a sua ronda investigadora, indo até o vestíbulo e abrindo a porta com o pé para olhar atentamente para fora. Voltou e sentou-se na borda da mesa, imerso em profunda meditação. Depois de alguns minutos, disse ironicamente a Markham.

– Este problema não tem nada de bonito. Mas tenho uma ideia.

– É bom ter uma ideia. Mais cedo ou mais tarde você terá que revisar sua teoria sobre Spotswood. Ela está em contradição com os fatos irrefutáveis.

Vance sentou-se ao piano e dedilhou a *ouverture* do Capricho n.º 1 de Brahms.

– Está desafinado – e, caminhando até à cristaleira, passou o dedo sobre a marchetaria. Depois examinou uma por uma as peças belíssimas que a enchiam, com o olhar de um experimentado apreciador.

Continuando o giro pelo aposento, deteve-se ante a pequena secretária, olhando o cesto para papéis que estava no chão, ao lado do móvel.

Levantou-o do chão, observando-o um momento com ar meditativo. Em seguida, tirou de dentro o papel grosso, de embrulho, ao qual se referira no dia anterior, Era um envelope para discos e Vance encaminhou-se instintivamente para a vitrola, colocada no vestíbulo. Era um móvel baixo, sobre o qual havia uma toalha e um vaso de bronze polido.

– A verdade é que isto não parece ortofônico – observou. – E para que a toalha? Que marca? "Anatolian"; talvez vendida como uma "Cesarian". Não vale muito. Que música preferiria a moça? A de Victor Herbert, sem dúvida.

Retirou a toalha, e levantou a tampa da vitrola. Ainda estava ali um disco. Vance inclinou-se.

– Oh! O *Andante* da Sinfonia em Dó Menor, de Beethoven! – exclamou jocosamente. – Você há de conhecer a música, Markham. O mais perfeito *andante* que jamais se escreveu – e ligou a vitrola. – Creio que um pouco de boa música melhorará esta atmosfera fúnebre.

Markham não prestou atenção alguma ao gracejo de Vance, permanecendo na janela a olhar para fora.

Vance colocou a agulha sobre o disco, voltando para a sala, onde ficou a olhar para o sofá, meditando sobre o problema, Eu me sentei em uma cadeira, esperando para ouvir a música. A situação estava-me excitando os nervos e comecei a sentir-me inquieto. Passaram-se dois minutos, mas o único som que nos vinha da vitrola era o raspar da agulha. Vance levantou os olhos com curiosidade e foi examinar o aparelho. Levantou novamente a agulha, pondo-a no começo do disco. Mas, apesar de vários minutos de espera, não se ouvia som algum.

– Isto é esquisito – disse ele, mudando a agulha. Markham deixara a janela e aproximara-se, olhando Vance com benevolente tolerância. O disco girava perfeitamente e a agulha continuava traçando as suas rotações concêntricas. O instrumento, porém, negava-se a tocar. Vance, com as mãos apoiadas na vitrola, examinava-a com divertida atenção.

– Provavelmente rompeu-se a membrana do diafragma. Que máquinas estúpidas! – Com certeza – disse Markham – o defeito está em sua aristocrática ignorância de um mecanismo tão democrático e vulgar. Permita-me que o ajude.

Deu um passo para Vance e ficou olhando com curiosidade por cima do ombro deste. Tudo parecia em ordem e a agulha estava já em mais da metade do disco. Mas o único som era seu rascar característico. Markham estendeu a mão para levantar o diafragma. O seu movimento, porém, não chegou a completar-se. Nesse justo momento a vitrola encheu-se de alaridos aterradores seguidos de dois gritos de socorro.

Senti que o meu corpo se cobria de um suor gelado e se arrepiavam os meus cabelos.

Depois de um curto silêncio, durante o qual nos achávamos sem poder pronunciar uma única palavra, a mesma voz feminina disse alto e distintamente: – "Não, não é nada. Desculpe... Não há novidade... Vá para casa e não se preocupe." A agulha chegara ao fim do disco. Houve um clique e a mola automática fez parar a máquina. O impressionante silêncio que se seguiu foi quebrado por um riso sardônico de Vance.

– Bem, meu velho amigo – disse ele, voltando para o centro da sala.

– Eis a que se reduzem os seus "fatos irrefutáveis".

Nesse momento ouviu-se bater à porta e entrou o oficial de guarda, muito espantado.

– Não há novidade – disse Markham, secamente. – Chamá-lo-ei quando precisar.

Vance estendeu-se na poltrona, acendeu outro cigarro e pôs as mãos cruzadas sobre a nuca, como um homem que tirou de si um peso enorme.

– Palavra, Markham, que todos nós fomos umas crianças... Uma justificativa irrefutável... Meu Deus! Se isso existisse aí, era uma idiotice.

Oh! Sammy, Sammy! Markham, custa-me confessá-lo, mas os dois asnos fomos você e eu.

Markham ficara olhando a vitrola como deslumbrado, os olhos cravados hipnòticamente no disco revelador.

– Os seus preciosos fatos... continuou Vance. – Spotswood preparou um disco fonográfico. Hoje isso é uma coisa que qualquer pessoa pode fazer.

– Sim. Ele me disse que, em sua casa de Long Island, tinha uma pequena oficina de gravação.

– Na verdade, poderia fazer mesmo sem isso. Foi-lhe, porém, ainda mais fácil fazer o disco em casa. A voz é a dele, em falsete... o que para isso é melhor que a de mulher, por ser mais forte e penetrante. Quanto à etiqueta, deslocou-a de um disco comum e colou-a no próprio. Naquela noite trouxe para a jovem vários discos, inclusive este. Depois do teatro, ele representou aqui o seu drama, preparando tudo para que a policia acreditasse em um assalto de ladrões. Feito isso, pôs o disco na vitrola, pondo a toalha e o vaso de bronze para aparentar que pouco se usava o instrumento. Surtiu efeito a precaução, porque ninguém se preocupou com esse móvel. Em seguida, saiu calmamente, pedindo a Jessup que chamasse um táxi: tudo muito natural.

Enquanto esperava, lá fora, no *hall*, a agulha chegou ao ponto gravado e os gritos ouviram-se distintamente no silêncio da noite. Mais ainda: através da porta de madeira, o timbre da voz dissimulava-se perfeitamente. E, se reparar, verá que o alto-falante interior está dirigido para a porta.

– Mas... e a sincronização de suas perguntas com as respostas do disco? – É o mais simples. Lembre-se de que Jessup nos disse que, quando se ouviram os gritos, Spotswood estava com o braço apoiado na mesa telefônica. Ao ouvir os gritos, calculou o tempo necessário para fazer a pergunta e receber a resposta da imaginara mulher. Tudo foi previsto e com certeza ele ensaiou a cena em sua casa. Foi coisa simples, sem possibilidade de fracasso. O disco é dos maiores, de doze polegadas. Assim, a agulha teria que levar cinco minutos no mínimo para percorrê-lo todo. Gravando os gritos no fim, tinha tempo de sobra para sair e pedir o automóvel. Tomou o veículo e foi jogar pôquer com o juiz Redfern. Se não o encontrasse você pode estar certo de que ele teria entrado no clube de modo a ser bem notado.

– Meu Deus! E eu que não atinava com o motivo pelo qual ele tanto insistia em visitar o apartamento após o crime. Esta prova de sua culpabilidade deve ter-lhe tirado noites de sono.

– Não tenha dúvida de que, assim que a sentinela se houvesse retirado, Spotswood se apoderaria do disco.

– Isso é completo... e é formidável! – Não penso assim. Spotswood tinha que cumprir uma tarefa desagradável e dedicou-se a ela de maneira fria, lógica, segura. Resolveu que para a sua tranquilidade a Canária devia morrer, porque com certeza se tornara exigente. Preparou a flecha, como um juiz lavra a sentença, e começou a urdir o golpe. Em vista das suas aptidões maçônicas, optou pela mecânica. O truque escolhido foi simples. E teria sido vitorioso, se não ocorresse o que as companhias de seguro chamam piedosamente um ato de Deus. Ninguém prevê os acidentes, porque se fossem previsíveis não seriam acidentes. É evidente que Spotswood tomou todas as precauções possíveis.

Nunca poderia prever, no entanto, que você fosse proibir-lhe a entrada aqui nem que eu gostasse de procurar na música a solução dos meus problemas.

Por outro lado, quando se visita uma dama, não se espera que haja alguém escondido no guarda-roupa. Foi batido por circunstâncias absurdas.

– Você olvida a perversidade do crime – disse Markham austeramente.

– Não confundamos as coisas, meu amigo. Cada homem é um criminoso de coração. Quem nunca teve o desejo de matar, não possui emoção. Crê você que o que impede os homens de matar é a moral

teológica? Não. É a falta de coragem, o temor da lei e do remorso. Observe o deleite com que o povo... isto é, o Estado, fulmina uma criatura de morte e vai ler nos jornais a notícia da execução. A menor provocação lança as nações em guerra, para poderem dar vazão à sua sanha de matar. Spotswood, para mim, é um ser racional, que tem a coragem de suas resoluções.

– Infelizmente a sociedade não está madura ainda para essas teorias niilistas – disse Markham. Com ar resoluto, foi ao telefone e chamou Heath.

– Sargento – ordenou. – Muna-se de uma ordem de prisão e espereme no Stuyvesant Clube. Leve um homem. Temos que fazer uma prisão.

– Enfim, tem a lei as provas que queria – disse Vance, envergando o sobretudo. – As teorias psicológicas, o raciocínio, nada disso vale para os senhores do código, os modernos Solons. Mas, um disco de vitrola vale tudo.

É grotesco...

Ao sairmos, Markham fez um sinal ao oficial de guarda.

– Ninguém deve entrar aqui até eu voltar. Nem mesmo com uma ordem escrita.

Quando entramos no táxi, disse: – Os jornais queriam notícias. Eis aí, e das melhores. Velho amigo, você me tirou de uma tremenda enrascada.

E os seus olhos se fixaram em Vance, com uma expressão de gratidão que nenhuma palavra traduziria.





## Conclusão

(Terça-feira, 19 de setembro – 15:30 horas)

Eram exatamente três e meia da tarde quando entramos no Stuyvesant Clube.

Dez minutos mais tarde chegaram Heath e Snitkin, que Markham conduziu para um aposento, explicando-lhes o motivo por que os chamara.

– Spotswood está lá em cima – disse – e quero que a prisão seja feita o mais discretamente possível.

– Spotswood! – Heath repetiu o nome com assombro. – Não vejo...

– Não precisa ver, por ora – respondeu Markham, com cara de poucos amigos. – Assumo toda a responsabilidade da prisão. Deixo para o senhor as honras dela... Ouvia? Heath encolheu os ombros.

– Para mim está bem tudo que o senhor disser. Mas que faremos com Jessup? – Mantenha-o preso.

Testemunha de fato.

Fomos de elevador até o terceiro andar. O quarto de Spotswood ficava no extremo do *hall*, defronte à praça. Markham abriu a marcha.

Spotswood abriu a porta e, saudando-nos amavelmente, convidou-nos a entrar.

– Alguma novidade? – perguntou, oferecendo uma cadeira. Nesse momento ele viu o rosto de Markham em plena luz e compreendeu a significação da nossa visita. Sua expressão não se alterou, mas o corpo como que ficou retesado, pronto para qualquer eventualidade. Seus olhos frios, indecifráveis, pousaram calmamente em Markham, Heath e Snitkin. Depois contemplou Vance e a mim, que estávamos um pouco para trás. Por fim, ergueu bem alto a cabeça.

Ninguém falava, mas eu compreendi que naquele momento começava a verdadeira tragédia, da qual seríamos Os atores. Olhávamo-nos e compreendíamos-nos sem falar.

Markham imóvel, como se lhe repugnasse agir. De todos os seus deveres, o de prender era o único que lhe custava. Ele era um homem do mundo e tinha a tolerância de homem do mundo para com a fraqueza dos pecadores. Heath e Snitkin adiantaram-se um passo, esperando a ordem do Procurador para efetuar a prisão.

Spotswood fixou os olhos novamente em Markham.

– Em que posso servi-lo, senhor? – A sua voz era calma, não tinha o mais leve tremor.

– O senhor deve acompanhar estes oficiais, Sr. Spotswood – disse Markham serenamente, indicando com um leve movimento de cabeça as duas imperturbáveis figuras que estavam a seu lado. – Eu o prendo sob a acusação de ter assassinado Margaret Odell.

– Ah! – as sobrancelhas de Spotswood cerraram-se. – Então descobriram... alguma coisa? – O *Andante* de Beethoven.

Nenhum músculo se moveu no rosto de Spotswood. Apenas, após alguns instantes, fez com os ombros um gesto de resignação.

– Não posso dizer que isso fosse inesperado para mim – e um sorriso trágico ensombreceu-lhe o rosto – desde o momento em que os senhores não me deixaram entrar lá para retirar o disco. A fortuna de um jogador é sempre incerta...

O seu rosto tornou-se grave, e continuou: – O senhor portou-se generosamente comigo, Sr. Markham, livrandome da curiosidade da canalha, e por isso eu desejaria dizer-lhe que fiz o que fiz porque não havia outra alternativa na minha vida.

– Os motivos, por muito poderosos, não atenuarão o seu crime.

– Crê o senhor que eu procuro atenuantes? – e Spotswood teve um gesto de desdém. – Não sou uma criança. Calculei todas as consequências do meu ato e, depois de bem pesá-las e aos diversos fatores que o cercavam, decidi arriscar. Mais ainda: fui forçado a decidir. Neste caso, mesmo que eu não jogasse, perderia tudo de qualquer forma.

Sua expressão tornou-se amarga.

– Aquela mulher, Sr. Markham, exigia de mim o impossível. Não satisfeita de arruinar a minha fortuna, queria a minha proteção legal, a minha posição social... coisas que só o meu nome lhe poderia dar. Não sei se o senhor alcança a significação dessa exigência. Sr. Markham: eu amo a minha esposa e tenho filhos que adoro. Não insultarei a sua inteligência, Sr.

Markham, dizendo-lhe que, apesar de minha conduta, era impossível que eu me casasse com ela. No entanto, aquela mulher pretendia arruinar minha vida, afastar de mim todos a quem amo, somente para satisfazer a sua própria e ridícula ambição! Como eu me recusasse, ameaçou-me de revelar nossas relações à minha esposa, enviar-lhe as cartas que eu lhe escrevera, chamar-me a juízo... enfim criar um escândalo tal que a minha existência ficaria destruída, minha família desonrada, meu lar desfeito. Escolhi o único meio que poderia salvar os meus entes queridos da desgraça e do sofrimento.

Era afrontar um perigo tremendo. Mas a minha revolta era tanta que não vacilei, porque não podia mais suportar a agonia em que me achava. Joguei a minha vida contra a minha desonra, esperando ganhar no fim a tranquilidade.

Perdi.

Sorriu de novo tristemente.

– Sim, a fortuna do jogo... Mas, nem um momento suponha o senhor que eu me lamento ou procuro simpatia. Eu terei mentido aos outros, mas não menti nunca a mim mesmo. Detesto os que choram, os que se desculpam. Quero que compreenda isto.

Estendeu a mão para a mesa e tomou um pequeno volume.

– Casualmente estive lendo ontem o "De Profundis", de Wilde. Se eu fosse escritor, teria feito uma confissão idêntica. Pelo menos compreenda a significação de minhas palavras, Sr. Markham.

Markham ficou um momento em silêncio.

– Quererá dizer-me alguma coisa sobre Skeel? – Aquele infame! – disse Spotswood com expressão de nojo. – Eu mataria duas criaturas semelhantes a ele por dia e me consideraria um benfeitor da humanidade. Sim, estrangulei-o, e o teria feito antes, se tivesse tido oportunidade... Skeel estava escondido no guarda-roupa quando voltei do teatro e deve ter visto quando matei Margaret. Se eu houvesse adivinhado, tê-lo-ia morto naquela ocasião. Mas, como poderia supor? Não estranhei que o guarda-roupa estivesse fechado. Na noite seguinte, ele telefonou para o Clube. Antes telefonara para a minha casa em Long Island.

Eu nunca o vira antes, nem sabia de sua existência. Ele, porém, conhecia-me e provavelmente parte do dinheiro que eu dava a Margaret ia parar em suas mãos. Em que lamaçal eu caíra!... Quando me

telefonou, falou-me da vitrola e eu percebi que ele vira tudo. Falei-lhe no *hall* do Waldorf e ele me disse tudo, pedindo-me depois uma quantia tão grande que fiquei estupefato.

Spotswood acendeu um cigarro com mãos firmes.

– Sr. Markham, eu não sou rico. A verdade é que estou à beira da bancarrota. O negócio que meu pai deixou está há um ano nas mãos de um depositário judicial. A propriedade de Long Island é de minha esposa.

Poucos sabem disso, mas é a verdade. Para mim era completamente impossível conseguir a quantia que Skeel exigira, mesmo que eu quisesse agir como um covarde. Dei-lhe uma pequena soma, para mantê-lo quieto alguns dias, prometendo-lhe o resto para quando vendesse a minha propriedade. Eu esperava que nesse ínterim pudesse apoderar-me do disco e rir de suas ameaças. Mas, fracassei. Ele ameaçou de ir contar-lhe tudo e, então, prometi levar-lhe o dinheiro sábado à noite em sua casa. Fui com a intenção de matá-lo. Ele me explicara como entrou sem ser visto. Uma vez ali, não perdi tempo. Na primeira oportunidade agarrei-o e acabei com sua imunda existência. Fechei a porta e vim para o Clube. É tudo.

Vance, absorto, olhava Spotswood.

– Devo perguntar-lhe sobre as joias – disse Markham. – Não é cavalheiresco fazê-lo, mas uma vez que o senhor confessou o mais importante...

– Não tomo como ofensa nenhuma pergunta que me queira fazer.

Depois que me apoderei das minhas cartas, revolvi o apartamento para dar a impressão de um roubo... tomando a precaução de por luvas, naturalmente.

Levei as joias por isso mesmo. Entre parêntese: eu é que comprara muitas delas. Ofereci-as a Skeel como presente, mas ele teve medo de aceitá-las.

Por fim decidi desfazer-me delas. Envolvi-as em um jornal do Clube e lancei-as em uma papelreira de rua, perto do Edifício Flatiron.

– O senhor utilizou um *Herald* – interrompeu Heath. – Sabia que Pop Cleaver lia somente esse jornal? – Sargento! – A voz de Vance era uma reprimenda. – Certamente o Sr.

Spotswood não estava ao par dessa circunstância, senão ele não teria escolhido o *Herald*.

Spotswood sorriu para Heath com piedoso desdém e dirigiu a Vance um olhar de gratidão. – Pouco depois de ter posto fora as joias, lembrei-me de que poderiam depois averiguar a procedência do jornal. Comprei então outro exemplar que coloquei no lugar do primeiro, no Clube. E isso é tudo.

Markham concordou.

– É tudo. Obrigado. Agora, terá que acompanhar estes oficiais.

– Nesse caso, Sr. Markham, tenho um pequeno obséquio a pedir-lhe.

Agora que tudo terminou, quero escrever à minha esposa. Mas, para isso quero ficar só. Seguramente compreenderá o meu desejo. É apenas um momento. Seus homens poderão ficar à porta; eu não pretendo fugir. O vencedor pode ser generoso.

Antes que Markham respondesse, Vance adiantou-se e tomou-lhe o braço.

– Confio – disse – que você não recusará o pedido do Sr. Spotswood.

Markham, olhou-o, vacilante.

– Creio que você tem bastante direito de opinar, Vance – respondeu.

Então ordenou que Heath e Snitkin esperassem no *hall* e fomos para um quarto próximo. Markham ficou perto da porta, como fazendo guarda, e Vance, com um sorriso irônico, foi até à janela.

– Esse homem é formidável, Markham – disse ele. – É digno de admiração.

Markham não respondeu. O ruído que vinha da cidade parecia aumentar o sinistro silêncio do aposento.

Ouviu-se de súbito, no outro quarto, o estampido de um tiro.

Markham abriu a porta de par em par; Heath e Snitkin correram e debruçaram-se sobre o corpo de Spotswood. Markham então voltou-se de súbito e fixou os olhos em Vance.

– Suicidou-se! – Era de prever – disse Vance.

– Você... você sabia o que ele ia fazer – exclamou Markham.

– Era quase evidente, não acha? – E você deliberadamente intercedeu por ele, para dar-lhe oportunidade?...

– Tá, tá, meu querido amigo. Peço-lhe que não ostente uma indignação convencional. Dispor da vida do próximo não é muito razoável, mas da própria sim, quando se tem motivo. O suicídio é um direito inalienável. Sob a paternal democracia em que vivemos, parece mesmo que é o único direito que nos deixaram.

Olhou o relógio e fez um muxoxo.

– Sabe de uma coisa? Perdi o meu concerto, intrometido em seus horríveis negócios. E ainda por cima você me censura – disse, sorrindo com simpatia para Markham. – Palavra que você é um verdadeiro ingrato.

**FIM**



[www.estradoslivros.org](http://www.estradoslivros.org)

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

